

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Biociências e Faculdade de Educação (IB/FACED)
Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas

**PESCADORES E BOTOS:
HISTÓRIAS DE UMA CONEXÃO EM REDE**

Elisa Berlitz Ilha

Orientação: Prof.^a Dr.^a Eunice Aita Isaia Kindel

Coorientação: Prof. Dr. Ignacio Benites Moreno

Porto Alegre, dezembro de 2016

ELISA BERLITZ ILHA

PESCADORES E BOTOS:
HISTÓRIAS DE UMA CONEXÃO EM REDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Comissão de Graduação de Ciências Biológicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial e obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Ciências Biológicas.

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Eunice Aita Isaia Kindel

Prof.^a Dr.^a Heloísa Junqueira

Prof. Dr. Andreas Kindel

Agradecimentos

Recordar: do latim *re-cordis*, voltar a passar pelo coração*.

Ao término dessa etapa, lembranças surgem na memória, cheias de carinho e aprendizados. É feliz sentir que ao passar as recordações pelo coração, elas são repletas de amor, coletividades e gratidão. Essa é mais uma história sobre cooperação:

Aos orientadores desse trabalho, Eunice Kindel e Ignacio Moreno. À Eunice, por aceitar a orientação com um entusiasmo contagiante e se fazer presente em todas as etapas com muita sensibilidade. Ao Ignacio, que me deu a oportunidade de fazer parte do LABSMAR desde o início da graduação, obrigada pela confiança, incentivo e apoio no meu crescimento pessoal e profissional. Vocês dois contribuíram muito nos diversos caminhos do meu aprendizado.

Às mestras Heloísa Junqueira, Eunice Kindel e Russel Dutra da Rosa, por contribuírem tanto em nossas vivências político-pedagógicas. Obrigada por nos fazerem acreditar que a realidade é sempre transformável quando acompanhada de amor e luta.

Aos sujeitos-narradores que fazem parte desse trabalho, pela participação, cooperação e gentileza de compartilhar seu tempo e suas histórias conosco.

Ao Projeto Botos da Barra, coordenação e, em especial, a gerencia mais companheira de todos os tempos: Camila Rigon, Dandara Dorneles e Yuri Camargo. Gracias pela logística de campo, pela colaboração e incentivo e, principalmente, pelo apoio e amizade.

Ao LABSMAR e a tod@s os integrantes desse tão querido espaço construído com tanto aprendizado e amizade. Obrigada por todo companheirismo, trocas, risadas e potes de mumu! Vocês significaram um espaço quente e sem sinal em alegria e afeto.

Aos demais amig@s querid@s que me acompanharam nesses anos: vocês são a sorte mais bonita de todas. Levo vocês no coração aonde quer que eu voe.

À Glorinha, mais uma das mulheres-Marias tão fortes desse Brasil, agradeço por tudo-tudo. Pela liberdade de ser, de acreditar e de fazer, sempre com teu apoio e amor incondicionais. De coração doce, valente e viajante, obrigada por dividir o viver comigo.

Infinitas gracias a todos vocês por me fazerem ter certeza que caminhando juntos é possível manter utopia de mudar o mundo. ¡Aguante la lucha! ¡Temer jamais!

*Eduardo Galeano, o Livro dos Abraços.

“Son cosas chiquitas. No acaban con la pobreza, no nos sacan del subdesarrollo, no socializan los medios de producción y de cambio, no expropián las cuevas de Alí Babá. Pero quizá desencadenen la alegría de hacer, y la traduzcan en actos. Y al fin y al cabo, actuar sobre la realidad y cambiarla, aunque sea un poquito, es la única manera de probar que la realidad es transformable.”

Eduardo Galeano



“Los científicos dicen que estamos hechos de átomos pero a mí un pajarito me contó que estamos hechos de historias. Y ahora les voy a contar algunas de esas historias nacidas de los días...”

Eduardo Galeano

Resumo

Na Barra do Rio Tramandaí, Litoral Norte do Rio Grande do Sul, uma interação singular acontece. Pescadores artesanais de tarrafa e botos trabalham juntos na pesca da tainha. Essa interação, denominada pesca cooperativa, é resultado de uma prática cultural aprendida de geração em geração tanto entre os botos quanto entre os pescadores. A parceria estabelecida entre eles ajuda na sobrevivência de ambos os atores uma vez que leva a melhores resultados na pesca. Contudo, botos e pescadores sofrem com diversos impactos de ordem econômica e social que ameaçam a sua coexistência e sua prática cultural na região. Nessa perspectiva, o Projeto Botos da Barra vem atuando em campanhas de Educação Ambiental (EA) afim de fornecer subsídios para garantir a continuidade da pesca cooperativa e a conservação de seus atores. Atualmente, a EA aparece como uma das formas mais significativas de combater as desigualdades socioeconômicas e estimular a valorização de grupos sociais vulneráveis. Ela apresenta-se como atividade intencional da prática social atribuindo valores éticos e reflexões críticas sobre a relação do ser humano no meio socioambiental. Levando isso em consideração, o presente trabalho buscou produzir um instrumento didático, sensibilizador e democrático em cooperação com os sujeitos que o significam (os pescadores artesanais de tarrafa) através de sua própria expressão. A construção metodológica teve seus aportes em abordagens do campo da antropologia visual e de relatos orais de métodos biográficos. A interação entre essas estratégias levou a construção daquilo que pretende transformar-se em uma prática educativa sensibilizadora: uma exposição fotográfica itinerante. A etapa de montagem da exposição foi fundamental na investigação, não apenas pela composição formada entre fotografias e trechos de trajetórias de vida, mas principalmente pelo espaço de fala e decisão por parte dos pescadores artesanais de tarrafa. Enquanto a imagem parece ser capaz de suscitar a curiosidade, o interesse e produzir a valorização positiva sobre o grupo e sua prática cultural de forma estética, as narrativas apresentam a oportunidade de confronto com as dificuldades atualmente experimentadas por esses profissionais gerando a reflexão crítica necessária às práticas de EA. A participação deles na escolha de quais trechos e quais fotografias representam seu grupo cultural, ampliou as possibilidades de compreensão acerca da rede de conexões existente, expressando através do plano visual o que era traduzido nas falas. Assim, não só o nosso aprendizado sobre quem são e o que os significa foi ampliado, como a própria exposição fotográfica foi ressignificada entre os códigos e signos que integram a pesca cooperativa. Essa exposição percorrerá diversos espaços públicos com a intenção de contar um pouco mais sobre a história da pesca cooperativa, sobre a história coletiva desse grupo de profissionais e sobre a rede de conexões formadas entre seres humanos e botos em seu espaço relacional.

Palavras-chave: Educação Ambiental; Pesca Cooperativa; Trajetórias de vida; Fotografia; Conservação.

Sumário

1. Introdução	1
2. Considerações metodológicas	5
2.1. Antropologia visual: conceituação teórica e o universo de olhares possíveis.....	6
2.2. Método biográfico: ações narrativas e uma proposta híbrida entre <i>depoimentos</i> e <i>histórias de vida</i>	10
2.3. Montagem da prática educativa: fotografias, discursos e a etapa de montagem da exposição fotográfica itinerante.....	16
3. Resultados	21
3.1. Trajetórias de vida: transcrições das narrativas apresentadas por categorias previamente separadas.....	21
3.2. Trechos selecionados e agrupados pelas categorias de análise: o que foi apresentado para os participantes.....	41
3.3. A construção da exposição fotográfica.....	45
4. Análise: apresentação do <i>sujeito ecológico</i>	61
4.1. Análise das narrativas apresentadas a partir das perguntas-guia e o que entre elas compõe uma história coletiva.....	61
4.2. Fotografias e a expressão dos integrantes que compõem a rede de conexões da pesca cooperativa.....	70
5. Discussão	71
5.1. Educação ambiental como ação contra a perda de pluralidade cultural.....	71
5.2. Exposição fotográfica: expressão de imagens e histórias de uma conexão em rede.....	73
5.3. Educar para conservar: o que aprendemos com os pescadores artesanais de tarrafa.....	77
6. Referências bibliográficas	79
7. Anexos	84

1. Introdução

O sul do Brasil é cenário de uma interação singular entre pescadores artesanais de tarrafa e botos conhecida como pesca cooperativa. Nessa interação, botos e pescadores trabalham juntos na pesca da tainha, em uma relação em que ambos os atores se beneficiam (SIMÕES-LOPES, 1991; PRYOR *et al.*, 1990). A pesca cooperativa é apenas conhecida no estuário do município de Laguna, em Santa Catarina, e na Barra do Rio Tramandaí, localizada entre os municípios de Imbé e Tramandaí, no Litoral Norte do Rio Grande do Sul (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998).

Na Barra do Rio Tramandaí, os pescadores artesanais de tarrafa posicionam-se nas margens do canal. Os botos adentram a Barra, sozinhos ou em grupos, utilizando a área para alimentar-se, para descansar e para cuidar de seus filhotes. Quando, enfim, aparecem os cardumes de tainha, os golfinhos os perseguem, encurralando os peixes em direção aos pescadores (SIMÕES-LOPES, 1991; PRYOR *et al.*, 1990). Ao perceber a presença dos golfinhos, os pescadores aproximam-se destes com as tarrafas em mãos e iniciam a atividade de pesca (CAMARGO, 2014). Os golfinhos, com sinais característicos feitos com a cabeça, indicam aos pescadores o momento apropriado para o lançamento das tarrafas (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998). Uma vez que a tarrafa é lançada, os botos também se beneficiam, visto que é mais fácil alimentar-se das tainhas que se desorientam do cardume quando a rede bate na água (SIMÕES-LOPES, 1991).

A parceria entre o pescador e o boto também ajuda os pescadores a obter melhores resultados na pesca (SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; SIMÕES-LOPES & DAURA-JORGE, 2008). Dezenas de famílias de pescadores artesanais dos municípios de Imbé e Tramandaí dependem da pesca artesanal de tarrafa para o sustento de suas famílias (ZAPPES *et al.*, 2011). Além disso, a pesca cooperativa é uma interação cultural inter e intraespecífica passada de geração em geração, tanto entre a população de golfinhos, quanto entre os pescadores de tarrafa locais. Desta forma, considera-se que a pesca cooperativa possui importância econômica e sociocultural para a comunidade do Litoral Norte do Rio Grande do Sul (SIMÕES-LOPES, 1991; TABAJARA, 1992; ZAPPES *et al.*, 2011).

No entanto, apesar de sua singularidade e importância, a relação entre pescadores artesanais de tarrafa e botos ainda é bastante desconhecida e corre risco de desaparecer.

Tanto os botos quanto os pescadores artesanais sofrem com diversos impactos que ameaçam a sua coexistência e sua prática cultural na Barra do Rio Tramandaí. O crescimento urbano desordenado, a poluição química e de resíduos sólidos, o ruído e o tráfego intenso de embarcações e de esportes náuticos e a exploração excessiva dos recursos pesqueiros pela pesca de escala industrial são alguns dos impactos que podem afetar direta e indiretamente a prática da pesca cooperativa (AFONSO, 2015; FUJIMOTO *et al.* 2006; MOURA *et al.*, 2015). Além disso, o pescador artesanal é uma figura fortemente desvalorizada na sociedade, correndo riscos de extinguir-se não só pelos impactos que afetam a quantidade de pescado disponível, como também pela falta de condições de trabalho adequadas e a negligência de políticas públicas direcionadas a pesca artesanal enquanto atividade econômica (CAMARGO, 2014; CARDOSO, 2001; DIEGUES, 1993; MORENO *et al.*, 2009; ZAPPES *et al.*, 2011).

Nessa perspectiva, o Projeto Botos da Barra, realizado pelo Centro de Estudos Costeiros, Limnológicos e Marinhos (CECLIMAR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, vem atuando em campanhas de conscientização e Educação Ambiental nos municípios de Imbé e Tramandaí, afim de fornecer subsídios para garantir não só a continuidade da pesca cooperativa, como também a sobrevivência da população de pescadores artesanais de tarrafa e de botos na Barra do Rio Tramandaí. As atividades de Educação Ambiental, os monitoramentos sistemáticos na Barra e o fortalecimento de vínculos com os pescadores artesanais, promovidos pelo projeto, caminham juntos em prol da conservação dessa prática cultural.

Entre as ações educativas desenvolvidas pelo Projeto Botos da Barra, destaca-se o esforço em: divulgar e ampliar o conhecimento sobre a pesca cooperativa entre os moradores da região; semear a importância dessa singular interação para a cultura do Litoral Norte; e de mostrar à comunidade local a necessidade de priorizar práticas de pesca artesanais para poder garantir o desenvolvimento sustentável da região.

Faz-se importante destacar que pescadores artesanais são reconhecidos como comunidades tradicionais (DIEGUES, 2000; ROSA *et al.*, 2012). Seus conhecimentos prático-culturais são transmitidos entre parentes ou por outros pescadores do mesmo grupo social. Assim, como outras comunidades tradicionais no Brasil, os pescadores artesanais de tarrafa também fazem parte da sociobiodiversidade existente em nosso país (CLAUZET *et al.*, 2005; PETERSON *et al.*, 2008; ROSA *et al.*, 2012). Além disso, diversas características contribuem para que a pesca artesanal de tarrafa seja

considerada como prática sustentável: a caracterização desta atividade como sendo de subsistência ou de, no máximo, comércio local; a exploração dos recursos pesqueiros pelo pequeno pescador através de embarcações pequenas geralmente não motorizadas (*e.g.* canoas e caiaques) ou pelo posicionamento dos indivíduos nas margens; e pela seletividade das tarrafas que, com malhas adequadas, podem capturar apenas indivíduos de peixes adultos e apenas espécies de interesse comercial (SANCHES, 2004; DIEGUES, 1983; 2000).

No entanto, apesar da sustentabilidade e do valor cultural que podem ser atribuídos a essa profissão, as dificuldades supracitadas têm levado diversos pescadores artesanais a abandonar a pesca e buscar outras oportunidades para garantir o sustento de suas famílias (BAIL & BRANCO, 2007; BRANCO *et al.*, 2006; CAPELLESO & CAZELLA, 2011; DIEGUES, 1993). A desistência desses grupos de suas atividades culturais leva não só a vulnerabilidade dos mesmos na sociedade contemporânea-urbanizada como também à perda da riqueza e de pluralidade sociocultural.

Atualmente, uma das formas mais significativas de combater as desigualdades socioeconômicas e estimular a valorização de grupos culturais vulneráveis, como povos originários e comunidades tradicionais, é a Educação Ambiental (EA) (BRASIL, 2012). Ela apresenta-se como atividade intencional da prática social, imprimindo valores éticos e reflexões críticas sobre a relação do ser humano no meio socioambiental, sendo fundamental para a formação dos sujeitos contemporâneos (BRASIL, 2012; CARVALHO, 2004; GUIMARÃES, 2004; XIMENES, 2012).

A EA pode ser utilizada como “mediação importante na construção social de práticas político-pedagógicas portadoras de nova sensibilidade e postura ética, como um projeto de cidadania ampliada pela dimensão ambiental” (CARVALHO, 2012, pág. 26). Isso significa dizer que através da EA, pretende-se superar a dicotomia da visão naturalista, que afasta sociedade e ambiente, para construir uma visão integrada entre sociedade e ambiente: o meio socioambiental (CARVALHO, 2004; CARVALHO, 2012; LISBOA 2013; XIMENES, 2012).

Ainda, considerando a EA como uma possibilidade educativa transversal e multidisciplinar, acredita-se que suas práticas político-pedagógicas têm capacidade de expandir-se para além dos espaços de aprendizado convencionais (como escolas e universidades) e deve ser usada para atingir a sociedade de modo geral (BRASIL, 2012; CARVALHO, 2012). No entanto, para que isso seja possível é necessário ampliar

aquilo que entendemos como educação e utilizar recursos variados que contribuam na sensibilização de diferentes atores sociais.

Uma das formas de sensibilizar a sociedade pode ocorrer através da oportunidade de expressão às próprias comunidades tradicionais, como no caso dos pescadores artesanais de tarrafa. Dar voz a eles é dar voz à existência e a riqueza de sua prática cultural através daquilo que os representa e os significa. É a possibilidade de fazê-los serem vistos, de terem sua história (re)conhecida e valorizada como parte da cultura do Litoral Norte do Rio Grande do Sul. Dar a eles o espaço de fala é permitir que suas histórias de pescador sejam ouvidas e acreditadas. Valorizar sua imagem é valorizar seu trabalho, sua cultura e sua importância local no âmbito das práticas sustentáveis. Nesse sentido, o presente trabalho buscou realizar uma investigação e produzir um instrumento didático capaz de:

- Resgatar a importância socioambiental do pescador de tarrafa artesanal enquanto comunidade tradicional, através da voz daqueles que vivem da pesca cooperativa para sua subsistência;

- Valorizar a imagem, a história e o saber tradicional desses profissionais;

- Promover o conhecimento e a sensibilização da população local e de turistas sazonais sobre a existência e importância da pesca cooperativa;

- Contribuir para a conservação do ecossistema da Barra do Rio Tramandaí através da valorização da cultura local, da promoção e do incentivo ao desenvolvimento sustentável.

As perguntas que orientaram nossas ações foram: Como se forma a rede de interações entre os pescadores artesanais de tarrafa e os botos da Barra do Rio Tramandaí? O que suas histórias de vida individuais podem nos contar sobre coletividades? Quem são, o que os identifica, o que tem a dizer? Que histórias podem contar? Como a fotografia pode retratar a rede de conexões entre humanos e não humanos dentro do espaço em que coexistem? Qual o potencial sensibilizador dessas histórias e imagens em uma prática educativa que visa à conservação da pesca cooperativa e de seus atores?

2. Considerações metodológicas

A presente investigação foi realizada através de uma pesquisa de cunho qualitativo. Esse tipo de pesquisa não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão acerca do objeto de estudo (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009; GIL, 2007). A escolha por esse tipo de investigação ocorreu pela preocupação com os "aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação" dos mesmos (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009, pág. 32). A pesquisa qualitativa trabalha assim, com processos e interações que não podem ser reduzidos a variáveis numéricas como, por exemplo, histórias, significados, motivos, crenças, valores e atitudes (DE OLIVEIRA, 2012; MINAYO, 2001; SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009). Dessa maneira, ainda que repleta de empirismo e possível subjetividade por parte da investigadora, os processos que se pretendem entender permeiam espaços relacionais em um meio socioambiental repleto de interações, de forma que seria impossível realiza-la de forma quantitativa (MINAYO, 2001).

Em uma coleta de dados sem instrumentos formais e estruturados, pretendeu-se compreender a totalidade do fenômeno, mais do que focalizar conceitos específicos e, através do subjetivo, compreender e interpretar as experiências dos sujeitos-participantes (SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009). Nesse sentido, buscou-se construir uma pesquisa que ajudasse a compreender o que existia em nossas perguntas a partir dos resultados obtidos e através das interações entre pesquisadora-pesquisado (DE OLIVEIRA, 2012; GIL, 2007; SILVEIRA & CÓRDOVA, 2009).

A construção metodológica teve seus aportes em abordagens do campo da antropologia visual - a *fotografia* - e de relatos orais de métodos biográficos – que resultaram em um híbrido entre *depoimentos* e *histórias de vida*. O encontro de ambas e a conseqüente interação entre essas estratégias levou a construção do instrumento que pretende transformar-se em uma prática educativa sensibilizadora: uma exposição fotográfica itinerante.

Em ambas as abordagens foram feitas adaptações metodológicas, de modo que o presente trabalho pudesse se apropriar delas para atingir o objetivo proposto. Como estas abordagens não são comumente usadas em atividades vinculadas à Educação Ambiental, relataremos aqui um pouco sobre cada uma delas a fim de traçar o caminho

pelo qual elas se encontram e o que nos levou a juntá-las e a utilizá-las em conjunto para atingir nosso objetivo de pesquisa.

Antes de descrever os métodos faz-se necessário ressaltar que, para ambas as abordagens, os vínculos de confiança e o estreitamento das relações previamente consolidadas entre os pescadores artesanais de tarrafa e o Projeto Boto da Barra (através de seus gerentes e coordenadores) foi o que permitiu a minha inserção entre eles em tão curto tempo. O coordenador do Projeto e coorientador deste Trabalho de Conclusão conhece alguns dos pescadores há mais de 20 anos devido a sua atuação no Litoral Norte. Além disso, os gerentes do Projeto me acompanharam durante os encontros individuais para que os pescadores pudessem me vincular a pessoas conhecidas, pessoas essas que trabalham ativamente para manter os laços construídos com eles. Minha presença na Barra com a câmera, fotografando-os sempre que o tempo permitia, também ajudou a mediar minha relação com eles, desde a associação do trabalho de imagens com os relatos orais até a familiarização da minha imagem com o espaço da Barra.

Devido ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) ser claro apenas para o uso de imagem e de falas, os nomes dos sujeitos foram preservados e alterados por nomes de espécies de peixes que são (ou já foram) comumente pescados na bacia do Rio Tramandaí: miraguaia, corvina, baiacu, papa-terra, linguado, savelha, robalo e peixe-rei. Os outros sujeitos que apareceram entre as narrativas também tiveram seus nomes substituídos por espécies que compõem a diversidade de fauna da Barra.

2.1. Antropologia visual: conceituação teórica e o universo de olhares possíveis

A fotografia na antropologia visual revela-se como processo de documentação visual das realidades sociais estudadas (RODOLPHO *et al.*, 1995). A imagem fotográfica aparece inicialmente como uma forma de captação de dados *in vivo*, sendo este um dado registrado sob a mira de um pesquisador, composto de elementos não verbalizáveis, mas que possibilitam uma reflexão mais ampla sobre os sujeitos-pesquisados (RODOLPHO *et al.*, 1995). Assim, a visão propiciada pelas imagens (geradas através da lente da câmera e dos olhares do pesquisador) permite que os códigos e signos que integram a

vida da cultura estudada sejam acessíveis a um número maior de pessoas (GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995).

A capacidade de comunicação a partir da fotografia se desenvolve de duas maneiras: a primeira a ser estabelecida é relativa ao estreitamento de relações entre pesquisador e pesquisado (TELES, 2002). A fotografia pode imprimir tanto a percepção do pesquisador, quanto atribuir nas imagens à percepção que o próprio sujeito-pesquisado tem sobre si (GODOLPHIM, 1995; SAUTCHUCK, 2014). A imagem fotográfica abre a possibilidade do campo de diálogo e os sujeitos-pesquisados ganham, assim, o espaço da fala. Esse diálogo permite que o pesquisador produza imagens que representem muito mais do que a sua própria percepção, ou seja, que retrate aquilo que o próprio sujeito considera que o significa e o representa.

Além disso, a devolução das imagens aos sujeitos-pesquisados pode funcionar como meio de retribuição, de forma quase que imediata e bastante tangível (GODOLPHIM, 1995; TELES, 2002). A retribuição, isto é, a extensão do trabalho do pesquisador ao grupo que foi pesquisado, é parte importante na manutenção de vínculos e no agradecimento àqueles que contribuíram das mais variadas formas. Ainda, a devolução das imagens permite a expressão da memória e das reflexões dos informantes sobre as imagens devolvidas valorizando, assim, o diálogo com os informantes e de forma a possibilitar uma base para a execução de uma antropologia dialógica (GODOLPHIM, 1995; TEDLOCK, 1985).

Assim, a partir da possibilidade de gerar uma interpretação adequada sobre o grupo social estudado, a fotografia ainda tem o potencial de agir como um instrumento de divulgação didático-acadêmico e socioeducativo (SAUTCHUK, 2002; RODOLPHO *et al.*, 1995). As imagens podem ajudar tanto a produzir um texto reflexível e visual, com as fotografias ganhando uma dinâmica explicativa e discursiva articulada aos verbos e às questões teóricas, quanto ampliar os resultados dos trabalhos seja na divulgação acadêmica quanto de forma expressiva para os diversos níveis da sociedade (GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995; TELES, 2002).

Considerando os aspectos metodológicos supracitados chegamos enfim ao modo como conduzimos essa etapa de investigação. Nosso espaço e principal posto de observações, a Barra do Rio Tramandaí, é o universo singular que propicia a existência da rede de relações entre os botos e os pescadores artesanais de tarrafa, entre os próprios pescadores e entre esses profissionais e seu espaço de trabalho.

O espaço relacional e a fotografia

A Barra é composta por duas margens bastante diferentes entre si: a margem de Tramandaí ao sul e a de Imbé ao norte (Figura 1). Tanto as características bióticas quanto abióticas que as caracterizam refletiram também na metodologia deste trabalho, uma vez que influem na relação entre as fotografias e a rede de conexões entre seres humanos e não humanos. A margem de Tramandaí é o onde as interações entre os sujeitos melhor se consolidam: a areia encontra-se diretamente com a água salobra da Barra, posicionando os pescadores mais próximos dos botos e das tainhas. Demais observadores também podem acercar-se, acompanhando de perto os pescadores e as suas ações, bem como interagir com eles mais facilmente. A tainha pescada é depositada junto às bicicletas de cada um deles, enquanto os transeuntes acompanham o conjunto de movimentos decorrentes do “*correr do boto*”¹.

Quanto menor é o movimento na água – seja pela ausência de botos ou pela menor quantidade de cardumes de tainhas *subindo* ou *descendo*² – maior é a presença dos pescadores na areia e, assim, a conversa ocorre de maneira espontânea, entre eles e conosco também. Nesses momentos, o aprendizado sobre eles (enquanto indivíduos e grupo), sobre como pescam, sobre os botos e sobre aquele universo, é grande e rico em detalhes. Escutá-los, além de uma verdadeira aula ao ar livre, é importante para a metodologia adotada nesse trabalho. Por essa razão optamos por frequentar a margem de Tramandaí mais do que a de Imbé, priorizando as interações mais que a estética da imagem.

Quando falamos em estética, compreendemos imagens produzidas a partir do lado de Imbé: como é o lado de Tramandaí que tem aquilo que é bonito aos olhos - potencializado por nossos olhares de biólogo, que se encantam com árvores, vegetação rasteira de duna, imensidão de areia e ondulação de mar - ter essa paisagem no fundo na imagem, valoriza a *bonitez* da fotografia. No entanto, ao decidir priorizar as interações, menos vivências foram efetuadas no lado de Imbé. Consequentemente, muitas das fotografias produzidas têm sua paisagem composta pelos estabelecimentos, carros e cinzas que existem no lado de Imbé.

¹ *Correr o boto* é a forma como os pescadores se referem ao ato da pesca com os botos.

² Entre os pescadores, diz-se que a tainha está *subindo* quando ela está entrando do mar para as lagoas pela Barra e *descendo* quando ela sai das lagoas em direção ao mar.

Sendo o fator clima outra característica importante em um litoral de latitudes subtropicais constantemente visitado por Minuanos e Nordestões, a sistematização das idas a Barra também não foram facilitadas. Priorizou-se então a presença nesse espaço em horários que, sabidamente, haveria maiores chances de encontrar os pescadores artesanais de tarrafa e os botos: entre a madrugada antes do nascer do sol e o final da manhã. Alguns finais de tarde foram incluídos, mas a atividade de pesca pelos profissionais nesse horário é bastante reduzida.



Figura 1. Barra do Rio Tramandaí: ao norte a margem de Imbé e ao sul a margem de Tramandaí (adaptado de GoogleMaps, 2016).

Duas características foram pré-definidas para as fotografias antes desse trabalho começar. A primeira é referente à discrição dos indivíduos nas imagens: ainda que um dos objetivos principais do trabalho seja a divulgação sobre quem são os pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí, pretendeu-se fazer isso a partir do reconhecimento do coletivo e não de indivíduos. Assim, objetivando refletir um grupo cultural, optamos por produzir fotografias que não mostrassem diretamente os rostos dos pescadores. Considerou-se aqui a importância das imagens refletirem identidades de grupo - *pontos em comum* -, mais do que eventuais aspectos singulares.

Outra característica importante foi tentar manter em primeiro plano pescadores que, se identificados de alguma maneira, fossem pescadores artesanais com Registro de Geral de Pesca (RGP) e com Licença Ambiental em dia, isto é, sujeitos que têm a pesca como profissão. Objetivou-se nesse aspecto valorizar o trabalho daqueles que dependem da pesca para sua subsistência, que tem em seu *ser* a pesca como atividade principal na Barra do Rio Tramandaí.

Ao total, foram produzidas 2.472 fotografias nas margens da Barra, com uma câmera Nikon D7000; 18-200mm f/3.5-5.6. Todas as idas à Barra, além da câmera fotográfica, foram acompanhadas por um diário de campo. Cada vivência foi transcrita no mesmo dia em que ocorreu para permanecer rica em detalhes, tanto sobre observações variadas quanto sobre as conversas informais que tanto contribuíram na construção das inferências analíticas dessa investigação.

2.2. Método biográfico: ações narrativas e uma proposta híbrida entre depoimentos e histórias de vida

Para ir ao encontro de possíveis interpretações para algumas das perguntas propostas, recorreremos também a abordagens de métodos biográficos. Em um grande universo de possibilidades existente neste campo das Ciências Sociais, fomos especialmente sensibilizadas pelas chamadas *histórias de vida*. Na busca de referenciais teóricos que vinculassem esta abordagem à Educação Ambiental, optamos por seguir, principalmente, dois trabalhos que poderiam orientar e contribuir com nossos objetivos: Lisboa (2007) e Lisboa (2013). Assim como no trabalho de Lisboa (2007), a abordagem de *histórias de vida* não pôde ser seguida e classificada de forma estrita, nos fazendo recorrer ao *lato sensu* e considerá-las talvez como um híbrido junto aos difundidos *depoimentos*. Já como em Lisboa (2013), a força dos discursos individuais nos revelou trajetórias de vida fortemente vinculadas a uma história ambiental repleta de coletividades e reflexões.

As abordagens metodológicas ditas biográficas consideram as narrações dos sujeitos - de forma individual ou em grupo - e caracterizam-se entre outras coisas por fazer da memória um dos focos centrais da reflexão do entrevistado através da construção das narrativas (LISBOA, 2007). Nas narrações, as influências do ambiente socioambiental e cultural influenciam na memória individual, destacando na fala dos sujeitos às demais dimensões de sua existência como, por exemplo, seus grupos de pertencimento e o meio

onde habitam (ERRANTE, 2000; LISBOA, 2007; QUEIROZ, 1988). Os locais onde as lembranças ocorrem, isto é, onde a memória é *trazida* e ativada, também influenciam nas narrativas dos sujeitos:

Nesse sentido, quando falamos em memória (...) estamos, sim, referindo-nos ao modo através dos quais as imagens de eventos passados, experimentados (ou não), são acionados (ou não) e retrabalhados (com maior ou menor intensidade) em função das solicitações do presente, representados pelos contextos socioculturais (abrangentes e específicos) nos quais nos inserimos e onde a lembrança se dá. (LISBOA, 2007, pág. 43)

Ainda, segundo Thomson (1997), as lembranças que são recordadas e relatadas pelos sujeitos, bem como os sentidos atribuídos a elas, mudam com o passar do tempo. Assim, através da ação narrativa para os outros ou para nós mesmos, é que se constroem identidades, se ressignificam passados e que se pode refletir sobre o presente (LISBOA, 2007; QUEIROZ, 1988; THOMSON, 1997). Nessa perspectiva as lembranças, ou seja, as imagens lembradas do passado que se conservam na memória – e que são expressas através das narrativas - podem ser significadas pelos códigos culturais compartilhados por um grupo, influenciados pelo meio socioambiental e cultural, podendo, assim, contar tanto histórias de um ambiente quanto de coletividades (LISBOA, 2007; MARRE, 1991; QUEIROZ, 1988).

Segundo Lisboa (2007) as interpretações plausíveis de serem construídas a partir de lembranças, são confiáveis pois as narrativas exprimem sentimentos e pensamentos, como expressões do vivido reinterpretadas no presente. Ainda, segundo o autor: “seu valor reside nisso e é desde esta perspectiva – a de reinterpretação e expressão do vivido – que devemos tentar compreender os processos que elas descrevem” (LISBOA, 2007, pág. 47).

Para seguir sem muitas delongas, ainda que exista também uma vasta discussão sobre a importância daquilo que não é dito ou lembrado na composição do vivido pelo sujeito (além das possíveis interpretações psicológicas e as características biológicas da memória) focaremos nossa metodologia naquilo que foi contado, isto é, aquilo que foi escolhido pelos participantes para ser narrado. Nisso residirá nossa análise posterior bem como nossas possíveis interpretações, além de constituírem parte importante do processo educativo da exposição itinerante.

Nosso entusiasmo na escolha do método biográfico apareceu na forma das *histórias de vida* que, dependendo do autor, podem ser consideradas tanto uma modalidade de

pesquisa a partir da relação com um método mais abrangente (método biográfico; MARRE, 1991), quanto como uma técnica para a construção de dados (QUEIROZ, 1988). Algumas características importantes, que diferem essa modalidade (ou técnica) das demais formas de obtenção de dados a partir de narrativas como, por exemplo, os *depoimentos* são abaixo discutidos.

Para Queiroz (1988), as *histórias de vida* diferem-se de outras possibilidades de relatos orais principalmente pela atuação do pesquisador-ouvinte frente aos diálogos do sujeito-narrador. Isso significa que, para as *histórias de vida*, é necessário que haja uma certa passividade do pesquisador-ouvinte, de modo que o colóquio seja dirigido de maneira mais sutil, permitindo que o próprio sujeito-narrador defina o que contará em seu relato (QUEIROZ, 1988). O sujeito-narrador ganha assim espaço à fala, bem como de decisão no que diz respeito a como conduzirá seu relato. O pesquisador ouve mais do que intervém e encontra as informações que deseja de modo indireto. Assim, tudo que o sujeito narra é importante, seja para captar individualidades do ser ou características de um coletivo ou um espaço relacional (LISBOA, 2007; QUEIROZ, 1988).

Já nos demais *depoimentos* e formas difundidas de entrevistas, o pesquisador costuma apresentar-se de forma mais diretiva. Isto é, o pesquisador conduz o colóquio por meio de um arranjo de perguntas a serem seguidas e que definem uma ordem em cada conversa (LISBOA, 2007; QUEIROZ, 1988). Essa ordem é referente àquilo que o pesquisador deseja saber - seu objeto de interesse - limitando narrador em expressar-se apenas sobre aquilo que lhe é solicitado. O pesquisador assim intervém constantemente para manter o sujeito-narrador nos eixos pré-definidos na conversa, tendo respostas diretas para aquilo que busca (LISBOA, 2007; QUEIROZ, 1988).

Segundo Queiroz (1988) é importante perceber que, em ambas as formas de colóquio, é sempre o pesquisador que maneja a situação, uma vez que é ele que define os temas, escolhe perguntas e propõem reflexões. No entanto, como ele conduzirá os encontros revelará características diferentes de cada narração e deve ser adequado aos objetivos de cada pesquisa. Outra característica importante em relação às diferenças entre *depoimentos* e *histórias de vida* se dá em relação ao tempo: enquanto a primeira pode ser esgotada em apenas um encontro, a segunda requer uma convivência mais intensa e um tempo mais longo para a execução uma vez que dificilmente uma pessoa pode contar tudo sobre si e seu meio socioambiental em apenas uma conversa (LISBOA, 2007; MARRE, 1991; QUEIROZ, 1988).

Encontros e trajetórias de vida

No que tange ao nosso trabalho, a hibridização das duas modalidades se apresenta nas seguintes condições: apesar do pouco tempo para a realização do campo das interações nesses três meses (fundamental às *histórias de vida*), os encontros individuais com cada pescador foram conduzidos de forma a reduzir as interferências ao mínimo, a fim de permitir que o sujeito-narrador conduzisse sua fala e, assim, pudesse decidir o que era relevante ou não ser relatado. Quatro temas centrais conduziam nossa investigação (Tabela 1), com eixos que poderiam auxiliar na condução da conversa e perguntas-guia planejadas caso eles solicitassem por uma³ ou se a conversa não se desenvolvesse de forma tão espontânea. No entanto, caso eles se afastassem desses quatro eixos, os pescadores não eram trazidos de volta para eles: conhecê-los através do discurso que eles escolhiam narrar, também era necessário para alcançar os objetivos propostos. A partir do direcionamento do relato às temáticas escolhidas, o caminho da narração era sempre seguido pelos pescadores. Assim, apesar das poucas situações de pergunta-resposta que ocorreram, na maior parte das vezes pudemos coletar relatos de *histórias de vida* provenientes de narrações espontâneas (LISBOA, 2007).

Também devido ao curto tempo de atividade de campo, realizamos apenas um encontro individual com cada pescador. Esses encontros foram realizados ora na casa deles, ora no quiosque da Barra (devido à importância do local do colóquio para a rememoração e de acordo com a preferência deles), com apenas um tendo ocorrido no CECLIMAR. Apenas as duas primeiras entrevistas foram gravadas, sendo o gravador um instrumento deixado de lado com o decorrer do trabalho⁴. As demais conversas que não foram gravadas foram transcritas no mesmo dia em que ocorreram para evitar perdas de detalhes nas narrações. Para assegurar que as transcrições tivessem o mesmo seguimento do encontro, anotações foram realizadas durante as conversas. O registro feito pela investigadora-ouvinte pode funcionar como um tipo de roteiro que auxilia na transcrição das entrevistas (GIL, 2002). O colóquio foi, preferencialmente, iniciado com

³ Em algumas entrevistas, dadas às características de cada um deles e o costume de há muitos anos pessoas externas os questionarem e os entrevistarem sobre sua profissão, algumas vezes eles me solicitaram a próxima pergunta, sempre de forma brincalhona: “*o que mais tu quer saber?*”, “*o que mais posso te contar?*”, “*pergunta mais, menina!*”.

⁴ A transcrição de arquivos gravados levou muito mais tempo do que as anotações como roteiro (comparamos a partir das duas primeiras gravadas e das duas próximas que não puderam ser gravadas pelo excesso de vento na Barra) e não nos dizia mais do que àquelas que eram transcritas direto da memória e do diário de campo. Além disso, a ausência do gravador também deixava os participantes mais à vontade.

a pergunta “Como você se tornou um pescador?” e a partir dela, a conversa fluía de acordo com o sujeito-narrador. As demais perguntas e temáticas apareceram na conversa sem uma ordem linear, de acordo com o caminho de narração optado por cada sujeito.

Tabela 1. Perguntas-guia: temas amplos para direcionamento do colóquio e perguntas pensadas caso fossem requeridas. Ainda que exista uma organização entre as quatro temáticas (ou eixos) a maioria das perguntas pode transitar entre mais de uma delas.

Como se tornou um pescador?	Trajetórias e transmissão	Barra e os botos	Pesca
Quando começou a pescar?	Com quem aprendeu a pescar?	Tem algum boto com o qual se lembra de ter aprendido a pescar; ou que eventualmente pesque mais?	Como era a pesca quando começou?
Que idade tinha?	Pai era pescador? Avôs também?	Que botos estavam aqui quando começou?	O que mudou na pesca?
	Tem filhos ou filhas?	Deu nome para algum boto?	É viável se sustentar apenas com a pesca nos dias de hoje?
	Ensinou eles ou pretende ensinar a pescar?	Os botos reconhecem os pescadores? Existe alguma maneira pessoal para interagir com eles?	Se não, o que faz para conseguir o sustento?
	Já ensinou alguém além dos filhos a pescar?	Histórias preferidas desse espaço (que tenha visto, vivido ou ouvido)?	Trabalha com outras artes de pesca além da tarrafa?
	Nasceu e/ou cresceu aqui na região?		Pesca em outro lugar além da Barra?
	Se o pai era pescador, também pescava com os botos?		Companheiras auxiliam com a pesca (limpar peixe, arrumar ou produzir tarrafas)?

Os encontros ocorreram entre os meses de setembro e outubro de 2016. O tempo de cada colóquio variou de acordo com as interações cooperativas entre narradores e ouvintes⁵, a espontaneidade da conversa e os demais afazeres dos pescadores-participantes (variando entre uma hora e três horas). Os demais encontros com os pescadores ocorreram de forma informal e ocasional na Barra, quando eu estava lá com a câmera fotográfica. Devido à natureza de cada um deles, bem como os vínculos já estabelecidos com o Projeto, as conversas ocasionais⁶ na Barra ocorreram mais com alguns pescadores do que com outros. As conversas ocorridas desta forma, também eram transcritas no diário de campo no mesmo dia em que ocorriam.

É importante ressaltar que para nos encontrar os pescadores tem que abandonar seus afazeres diários. Uma vez que eles geralmente pescam de manhã e processam e vendem o pescado durante à tarde (além de demais atividades pessoais e familiares), nos encontrar no período da tarde resulta em alterar o curso de seu dia-a-dia. Assim, apesar deles terem sido bastante solícitos e cooperativos desde o início, se priorizou respeitar o tempo deles para realizar as entrevistas, bem como os lugares escolhidos por eles para acontecer. A Barra era um lugar comumente sugerido por eles, uma vez que podiam aproveitar um momento em que a pesca estivesse fraca para conversar conosco.

Participantes

No total, nove pescadores artesanais de tarrafa contribuíram com esse trabalho. Dentre eles, sete pescam diariamente, enquanto os outros dois são pescadores aposentados pela pesca. Todos eles são pescadores profissionais e dependem (ou dependiam) da pesca para sobreviver; além de apresentar diversos conhecimentos sobre os botos, a Barra e a arte de pesca de tarrafa. Todos possuem Licença Ambiental e Registro Geral de Pesca, sendo a pesca sua principal ou exclusiva fonte de renda. Devido ao tempo disponível para a execução do campo, foi possível realizar colóquios individuais com sete deles enquanto os outros dois contribuíram com narrações informais e com a etapa de montagem da exposição que será detalhada mais adiante.

⁵ Os gerentes ou o coordenador do Projeto me acompanharam durante os encontros individuais.

⁶ Conversas que ocorriam espontaneamente e de forma aleatória, sem combinar previamente um encontro. Em sua maioria, ocorreram na margem de Tramandaí, em intervalos de pesca.

2.3. Montagem da prática educativa: fotografias, discursos e a etapa de montagem da exposição fotográfica itinerante.

A fotografia na abordagem da antropologia visual tem a intencionalidade de captar uma situação etnográfica e sociológica, produzindo imagens capazes de transmitir para terceiros (plateia, cientistas ou público em geral) as singularidades do grupo retratado (GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995). O pesquisador, quando opta por essa abordagem, tenta fazer as fotografias “falarem”, isto é, que elas possam apresentar os signos da cultura em foco, expondo esses signos ao contexto em que os sujeitos se encontram (GODOLPHIM, 1995). Assim, a fotografia ajuda a narrar os encontros entre pesquisador e pesquisado de forma visual, alcançando uma maior amplitude em sua extensão, principalmente para além da própria pesquisa. Além disso, é importante considerar que a fotografia tem o poder de retratar positivamente o que quer que seja, permitindo a valorização daqueles que aparecem nas imagens. Dessa forma, uma fotografia pode confrontar o indivíduo que a olha, entre seus conhecimentos prévios e aquilo que se pode aprender a partir de novos olhares. A fotografia, ainda, carrega consigo a possibilidade de fazer ser visto aquilo que um dia foi ignorado, desconhecido ou desacreditado. No entanto, a fotografia de forma isolada, por mais rica que seja em detalhes, tanto em aspectos visuais como simbólicos, dificilmente poderá propor uma interpretação completa do que representa, uma vez que cada sujeito que a confronta irá apresentar uma mirada única, de acordo com suas próprias vivências e saberes (BARTHES, 1984; GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995).

Uma das formas de compor as imagens, superando os limites existentes na fotografia isolada, é agregar a elas legendas ou discursos, que forneçam maiores explicações sobre aquilo que está sendo retratado. Seja compondo um texto ou uma exposição fotográfica, legendas são importantes auxílios da significação da imagem. Nessa perspectiva, texto e imagem se complementam, de forma a propiciar uma reflexão sobre os temas em questão (AUMONT, 1993; GODOLPHIM, 1995):

Como todo ato comunicativo, ela necessita que as pessoas que venham a fazer a leitura dessa imagem compartilhem dos códigos necessários para decodificar a mensagem que está contida nela. Por isso que é, quase sempre, preciso se utilizar de textos que acompanhem a imagem, textos que apresentem os referências mínimos necessários para sua análise (GODOLPHIM, 1995, pág. 174).

Assim, ao articular a imagem fotográfica (com sua própria linguagem, sintaxe e narratividade) às legendas, principalmente quando estas também são dotadas de significações e ajudam a situar alguns dos elementos visíveis, é que o conjunto ganha sentido (GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995). Ao expressar no espaço das legendas discursos obtidos a partir de relatos orais dos próprios sujeitos que constituem as imagens, a capacidade representativa desse recurso pode valorar também a palavra e a vivência dos sujeitos-narradores, além de sensibilizar o público que a vê de forma transformadora.

Uma das formas de alcançar e de estender interpretações plausíveis acerca de um grupo social é permitir que seus representantes tenham a oportunidade de fala e decisão. A possibilidade de o pesquisador trazer de volta ao pesquisado aquilo que ele pôde interpretar e compreender; e gerar com os sujeitos o diálogo e a reflexão, torna não só as análises dos dados obtidos mais adequada, como também permite que os sujeitos sejam significados, representados e ouvidos dentro da pesquisa em questão.

Montagem: a intersecção de abordagens e um novo caminho

A montagem se apresenta como uma das formas mais frutíferas para se articular a discursividade das narrativas etnográficas (GODOLPHIM, 1995). Isto significa dizer que, através dela – seja para um texto antropológico ou para uma exposição fotográfica - é possível construir sentidos com imagens e, assim, dispor um conjunto de imagens de forma que as relações entre elas, ou o seu todo produza a significação desejada (GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995).

Em nossa etapa de montagem, um detalhe em especial foi priorizado para garantir a significação daquilo que se pretendia montar: a escolha tanto das imagens, quanto das legendas (em formato de trechos de trajetórias de vidas narradas pelos sujeitos) uma vez pré-selecionadas por nós, foram apresentadas aos pescadores para que eles mesmos pudessem escolher quais imagens e falas os representam enquanto coletivo de pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí.

Pré-seleção das fotografias

Das 2.472 imagens produzidas, um total de 95 fotos foram pré-selecionadas e reveladas para apresentar aos pescadores. Foram selecionadas fotografias em que os rostos não eram tão aparentes; em que todos os sujeitos reconhecíveis haviam assinado o TCLE; e que refletissem os aspectos da prática artesanal de tarrafa bem como a realidade de trabalho diário desses pescadores. Como inicialmente objetivou-se focar a exposição nos pescadores artesanais de tarrafa, poucas fotografias foram realizadas com os botos em primeiro foco. No entanto (e de acordo com a flexibilidade necessária em pesquisas qualitativas), com o desenrolar das narrativas percebi a dificuldade de desassocia-los dos botos. Assim, precisei recorrer ao banco de imagens do Projeto Botos da Barra à procura de imagens em que os botos aparecessem. Entre as 95 fotografias selecionadas para apresentar aos sujeitos, dez são de autoria do prof. Ignacio Moreno e apresentam os botos em primeiro plano, sendo as demais de minha autoria e produzidas para o presente trabalho.

Pré-seleção dos trechos

Devido à extensão do dado gerado através das narrativas (a transcrição de cada narração apresenta entre 9-14 páginas) apenas alguns trechos de cada colóquio serão aqui apresentados. A constante e intensa releitura de cada uma das transcrições possibilitou que as semelhanças entre as narrações pudessem ser encontradas, de forma a organiza-las por categorias baseadas em nossas perguntas-guia, facilitando a dinâmica da leitura do resultado aqui apresentado. As categorias prévias de separação dos trechos foram organizadas em: a) Como se tornou um pescador: aprendizado e transmissão do saber; b) Botos-da-Barra; c) Empatia: quando eu me vejo no outro; d) *Ethos*: o *ser* pescador; e) Dificuldades da profissão e consciência ambiental (todas apresentadas no item 3.1.).

A realização de recortes também ocorreu de forma a preservar os sujeitos e priorizar uma posição ética da pesquisa, principalmente pelos colóquios terem ocorrido em bases de confiança e de empatia entre pesquisadoras-pesquisados (DUARTE, 2004). Trechos em *itálico* representam narrações transcritas exatamente como foram ditas, enquanto os [colchetes] são referentes a comentários pessoais meus para maior compreensão do leitor. Os diferentes aprofundamentos por cada sujeito entre as

categorias previamente separadas e em que foram ordenadas é resultado direto do aprofundamento individual deles em cada uma dessas temáticas devido à liberdade de narração.

A organização das narrativas em categorias de separação geraram interpretações que nos conduziram a categorias de análise, sendo elas: 1- Conhecimento tradicional; 2- Importância do boto para a pesca; 3 - Relação afetiva do pescador com os botos; 4- Consciência ambiental e conhecimento biológico; 5- A pesca ontem-e-hoje; 6- *Ethos*: Ser pescador. Essas categorias agrupam semelhanças desse coletivo, percebidas na escuta-transcrição-releitura-organização dos colóquios. Elas não só compõem a análise da história coletiva do grupo como também a partir delas foram selecionados os trechos para serem apresentados aos sujeitos no processo de montagem da exposição (apresentadas no item 3.2.).

Dois critérios foram adotados para a seleção dos trechos que foram apresentados aos pescadores: escolher narrativas que pudessem ter sido ditas por qualquer um deles, de forma a apresentar uma história coletiva, bem como trechos que pudessem sensibilizar futuros observadores da exposição através das narrativas. Ainda, priorizou-se manter apenas narrativas compostas de significações positivas, para evitar qualquer interpretação negativa por parte de futuros espectadores (*e.g.* palavras como *vício*).

Encontro coletivo e a seleção das partes pelos sujeitos-participantes

No dia 08 de novembro de 2016, realizamos o encontro coletivo para a escolha das fotografias e dos trechos das trajetórias de vida. Para que esse momento ocorresse de forma descontraída, convidamos os participantes para fazer a seleção no quiosque⁷ da Barra (Figura 2). Estiveram presentes sete dos nove sujeitos participantes, além de bolsistas, gerentes e coordenadores do Projeto Botos da Barra. O encontro ocorreu das 15h às 16h45min.

As fotografias foram dispostas em quatro mesas e foram escolhidas antes dos trechos. Após reexplicarmos o trabalho, pedimos que cada pescador presente escolhesse quatro fotos que eles gostassem e que acreditassem representar seu dia-a-dia na Barra

⁷ O quiosque fica do lado de Tramandaí, sendo o único estabelecimento nessa margem. É, assim, o único espaço que esses pescadores têm para se abrigar em dias de chuva ou de muito sol e para descansar entre os intervalos de pesca.

(totalizando 28 fotografias). Ao escolhê-las, as imagens nos eram mostradas para registro e depois devolvidas aos sujeitos como presente. Além das quatro fotografias escolhidas por cada um para a exposição, eles puderam levar quantas fotos quisessem para si. Os trechos escolhidos (item 3.2.) foram organizados em dois papéis pardos, divididos pelas categorias de análise. Eles foram assim dispostos para uma melhor visualização por parte deles, bem como para não se perderem com o vento da Barra. Pedimos que eles lessem as narrativas expostas antes de selecioná-las. Explicamos que entre elas não era apresentado o nome de cada narrador, uma vez que selecionamos trechos que pudessem ter sido ditos por qualquer um deles. O objetivo era apresentar as semelhanças entre as narrativas para que eles também pudessem percebê-las. Todos participaram da escolha ao mesmo tempo. Cada trecho escolhido como importante para aparecer na exposição era marcado por mim para o registro. A composição daquilo que foi escolhido pelos sujeitos-participantes para contar sua história coletiva foi encaixado *a posteriori*. Apenas a última fotografia e o último trecho contém uma escolha pessoal minha.



Figura 2. Reunião coletiva e etapa de montagem: escolha dos trechos e das fotografias para a exposição.

3. Resultados

Os resultados serão apresentados em três itens, que coincidem com o andamento das etapas da investigação descritas na metodologia.

3.1. Trajetórias de vida: transcrições das narrativas apresentadas por categorias previamente separadas

a) Como se tornou um pescador: aprendizado e transmissão do saber ⁸

Papa-terra - Se tornou pescador pelo desejo de pescar. Arranjou uma tarrafa e começou a pescar de noite para não “*passar vergonha*”. Queria primeiro aprender a jogar a tarrafa para depois pescar durante o dia e não fazer feio. Aprendeu a pescar com os pescadores antigos e conhecidos da Barra [Viola e Lambari] e também já ensinou outros pescadores mais novos a pescar.

“*Ahhh sim, bastante. Principalmente quando a gente tá ali, que eles perguntam para a gente e a gente explica pra eles, né. A gente diz que eles têm que procurar não atirar lá perto do boto, quando passar, mostrou a tainha lá, bota na beirada que a tainha tá na beirada. Ela não tá lá perto do boto. Mas é difícil, eles acham que sabem, que do jeito que eles estão fazendo está certo, é difícil eles aceitarem. A maioria acha que cada um pega de um jeito, sabe?*”

Miraguaia - “*Nasci na beira da praia, nasci na beira do rio. E aí, o dia inteiro boto aí no rio, vendo o pai pescando e eu fui aprendendo. Meus irmãos viviam pescando já, são aposentados da pesca. Ali onde eu moro era só ranchinho de pescador...*”

⁸ Relembrando: em *itálico* narrações transcritas exatamente como foram ditas e em [colchetes] comentários pessoais meus para maior compreensão do leitor. Os diferentes aprofundamentos por cada sujeito entre as categorias previamente separadas e em que foram ordenadas é resultado direto do aprofundamento individual deles em cada uma dessas temáticas devido à liberdade de narração ou até mesmo devido ao tempo que durou o colóquio.

“*Aprendi a pescar com o pai. Os meus irmãos pescavam também. O pai e eles também pescavam com o boto. Ali em casa eles [botos] iam direto ali. Uhum.*” Toda família é daqui, “*...toda, de Osório e daqui né. O pai nasceu aqui e foi pra Osório. (...) O pai aprendeu a pescar com o vô. [Já pescavam com os botos?] (...) Não, não. Antigamente a Barra, aquela Barra ali, foi aberta a pá, a Barra saía na Petrobras aqui, em direção ao Braço Morto, tá analisando bem né? Tudo é Barra. Braço Morto, certo? Aí tu pega a avenida de lá, lá do lado de lá, lá que saía a Barra. Ai o boto não entrava ali. Porque era baixo lá, entendeu? Aí o pai pegou uma turma toda e abriu a Barra aqui. E daí começou os botos a entrar para cá. Lá era baixo, muito baixo, não dava para entrar. Depois do Braço Morto tem um canalzinho que sai lá no mar, lá que era a Barra. Ali era baixo, imagina, a água vindo até chegar lá, sabe? Baixava e não tinha água. Daí fixou ali e ficou sempre ali. É, já dava pesca, mas não dava como dá depois que fizeram ali né. Era muita mão de obra, nossa Senhora. O cara pegava miraguaia, isso depois que fizeram a Barra aqui, aí como tu ia trazer um peixe de mais de 60kg nas costas? Aí tinha que ir até lá de canoa, botar a miraguaia na canoa e vir remando. A vida era boa, mas era diferente. Agora tu compra chumbo na loja, antes não era assim...*”

“*Ahhhh muito tempo [para fazer uma tarrafa]. Não tinha nylon, era tucum antes! Tucum é uma árvore, nós fazíamos com a linha da árvore, o tucum. Quando molhava ficava muito pesada, depois veio o nylon seda, que também era pesado. Tinha que cuidar para não apodrecer. Era bom, mas tudo era sacrifício. Para ir a Osório, não tinha estrada. Era tudo chão batido. Umás 4h para chegar a Osório [risadas]. O pai ia de carreta. A gente não tinha geladeira. As marrequinhas que a gente matava, cozinava e guardava na banha. Aí quando surgiu a*

geladeira e o pai comprou, nossa, que coisa boa ter uma coisa gelada. Não tinha luz, sabe assim. Hoje tudo é fácil, hoje a vida é fácil. Não tinha nada, nada, nada.”

“Tenho um [filho], levava sempre para pescar comigo. (...) Tem histórias que ele não esquece...”

“O pai foi da cooperativa. Na cooperativa tinha o que eles chamam de retorno, tu vendia tantos mil kg de peixe, aí em dezembro fazia o retorno, e dava um lucro, uma porcentagem daquele dinheiro ia para o pescador. (...) Mas o pai comprava canoa pro pescador, comprava casa, entendeu? E aí pagava com o peixe que ia pegando...”

Peixe-rei – Começou a pescar com 18 anos, em uma época que tinha muito peixe. Não aprendeu com o pai, o pai não pescava. Aprendeu a pescar com o falecido Cascudo e outros pescadores antigos da Barra. A partir daí, não soltou a tarrafa.

Linguado - Começou a pescar aos 12 anos de idade para ajudar em casa. Desde essa idade, o pai o levou para fazer os documentos de pesca, tudo bem certinho, desde a época da SUDEPE. Saía da escola, ainda de uniforme e ia para a Barra pescar. Não aprendeu com o pai, que tinha outra profissão. Aprendeu a pescar olhando os outros, observando os movimentos e pedindo tarrafas emprestadas porque não tinha condições financeiras de comprar uma. Aprendeu com os pescadores antigos da Barra, como o falecido Viola, que era um pai para eles na Barra, “*não tinha gente como ele*”. Vive só da pesca e pesca apenas com tarrafa.

Robalo - Aprendeu a pescar com o pai, que também era pescador e pescava de tarrafa. O pai já pescava com os botos e ensinou ele a pescar com eles também. Os botos já entravam aqui desde o tempo que a Barra era lá no Imbé. Entre os irmãos, é o único pescador de profissão. Começou a pescar com 18 anos e aprendeu nessa Barra que divide Imbé e Tramandaí. O pai ajudou a cavar e a levar os sacos de areia para construir a Barra atual. O que aprendeu sobre os botos, aprendeu com o pai. O avô havia nascido e crescido na região e também era pescador, mas ele não sabe se ele já pescava com os botos ou não. Não tem filhos, mas já ajudou vários na Barra a aprender a pescar, ainda que o pessoal novo pareça

não ter muito interesse em aprender. Além disso, são poucos meninos novos que estão na Barra aprendendo. Vive só da pesca e só da pesca de tarrafa.

Savelha - Cresceu em Imbé, nos fundos da lagoa. Aprendeu a pescar com o pai, que também era pescador. Começou usando as tarrafas do cunhado para aprender. Cresceu ali com o Cará, outro pescador que vende peixes na Barra até hoje. Cresceram juntos na lagoa aprendendo a pescar. Começou a pescar com 12 anos, idade em que começou a aprender a mexer nas tarrafas e a tarrapear. O pai também pescava com tarrafa, tarrafava muito bem, mas não pescava muito com os botos. Não sabia dizer se o pai havia aprendido com o avô, ele não alcançou conhecê-lo. Lembra-se de histórias do avô pescando, mas não tem certeza. Seu apelido é o mesmo do pai, que era o mesmo do avô. Que agora, quando se referiam ao seu filho, também sempre diziam o mesmo apelido. Muitos têm apelidos na Barra. Desde sempre tem o seu e poucas pessoas sabem seu nome de verdade.

La pescar com o pai e lembra-se de ter bastante gente por lá, de atravessar a Barra de um lado para o outro quando a ponte da sardinha ainda estava ali. Atualmente, a única arte de pesca com que trabalha é a tarrafa. Quando mais novo até usou outras, mas hoje em dia é só a tarrafa. Pesca apenas na Barra e nas lagoas ao redor. Não costuma fazer viagens de pesca: “*aqui tem peixe também, porque vou para lá?*”. Considera que as viagens precisam de investimento e que podem dar mais prejuízos do que ajudar nos ganhos.

Já ensinou alguns outros pescadores na Barra a tarrapear, mas a gurizada parece “*fogo de palha*”, poucos hoje em dia são muito encarnados. Poucos são interessados de verdade e seguem essa profissão em suas vidas. Os guris mais novos acham que sabem tudo, não escutam nunca o que eles dizem.

Baiacu – Aprendeu a pescar com o pai, que também era pescador. Moravam na Barra, quando a Barra era só casa de pescador. Nasceu em Tramandaí e tem mais nove irmãos. Entre eles, apenas dois são pescadores profissionais, ele e mais um irmão. Os outros trabalham em outras profissões e pescam apenas por lazer. Seu pai nasceu em Santa Catarina, pelos lados de Araranguá e depois se mudou para os

lados de cá. Quando era pequeno, toda família ia pescar junta na Barra, todos os filhos acompanhavam e a mãe ia com uma flauta na cabeça.

Saiu de Tramandaí para morar no Imbé com 21 anos, onde mora há 31 anos. Logo que chegou ali se arranjou, começou a família. Começou a pescar com 10 ou 12 anos e fazia artefatos de pesca com taquara. Naquela época tudo era mais difícil. Linha era muito caro, tinha que guardar todos os pedacinhos que sobravam para quando precisasse de novo. Agora, não é assim. Hoje é fácil comprar linha e quando sobra, põe os pedaços fora. A linha agora é mais barata, mais fácil de conseguir. Ainda, o chumbo necessário para a tarrafa era feito em casa. Derretiam baterias de carro usadas e velhas para fazer os chumbos. As redes, assim, eram muito mais pesadas.

O que ele sabe sobre a pesca, aprendeu observando o pai. O pai pescava com todas as artes de pesca e ele também aprendeu. Pescavam bagres bonitos, quando era permitido, e muito mais peixes. Seu avô, o falecido Jundiá, pai do pai, também era pescador e veio de Santa Catarina para Tramandaí antes do pai. Vieram para Tramandaí por causa da pesca, tinha muito menos gente vivendo ali.

Ensinou tudo sobre as tarrafas e sobre como trabalhar com as redes para a família, para a companheira, filhos, netos. Desde quando moravam todos juntos até hoje, todos na casa ajudam com as redes e nos demais trabalhos referentes à pesca. Trabalham bastante juntos, todos ajudam em casa quando é necessário.

A Barra, naquela época, era só areia e pescador. Com o tempo os turistas foram comprando o terreno dos pescadores, que vendiam para pessoas de maior poder aquisitivo como uma forma de ganhar dinheiro. Assim, o espaço da Barra foi ficando cheio de turistas e os pescadores foram se afastando. Apesar de não se lembrar da construção da Barra, uma vez que nasceu alguns anos depois, se lembra do barulho das máquinas na Barra quando criança, de eles colocando pedras na Barra. Lembra até do nome da empresa que fazia isso, que se chamava Estevar. Eles faziam muito barulho na Barra. Onde mora no Imbé, antigamente, também era só casa de pescador. Tinham vários pescadores na sua rua quando chegou e hoje não tem quase mais nenhum. Foram vendendo tudo para turistas que queriam casas perto da lagoa.

Corvina – Começou a pescar com oito anos. Tem nove irmãos. As irmãs nunca se envolveram na pesca, trabalham em outras profissões. Foi o único entre os irmãos que nasceu em Tramandaí. Seu irmão mais velho foi quem lhe deu sua primeira tarrafa. Aprendeu a pescar com os irmãos e com os pescadores mais antigos da Barra.

b) Botos-da-Barra

Papa-terra – “O boto é tudo para nós aqui na Barra. Já salvou muito a comida na panela.”

“Nossa história toda aqui está entorno de botos. Os botos, para nós, nós cuidamos muito. Alguém que vem aí, que não conhece, que atira pedra neles, aí então nós o corrigimos. Corrigimos mesmo. Corrigimos porque é uma sobrevivência para nós. Passou o boto sem vir na Barra três quatro dias é porque ele tá assustado. Tá assustado de alguma coisa.”

“E sabe que isso aí, esses botos tem que continuar. Eles têm que aumentar aí e eles tem que ter o descanso deles. Porque o rio é o descanso deles, né. Eles saem do mar, eles andam no mar, mas eles não andam em alto mar. Vocês estudam isso, vocês sabem. Por que eles andam na costa e não andam lá fora? Lá fora eu digo lá dentro. É por causa do caldeirão⁹, né. Sabia? Sabia? É, o Caldeirão anda em cardume de 40, 50, 60 e quando eles veem o boto eles atacam o boto. É o único bicho que o boto corre, é do caldeirão. (...) Eles dão aqueles pontão. Aqueles bicaço no boto e o boto, ó, pra dentro da Barra. Ele é atacado pelo caldeirão. Mas nossos botos são muito mansos. Só não fazem que nem fazem lá fora que a gente mergulha com eles. Mas eu já mergulhei no rio assim de enxergar o boto perto assim. Eles não correm também. Com água clara no verão se enxerga eles. Eles ficam paradinhos ali, olhando a gente.”

“Eu acho que os botos conhecem, conhecem todos nós. Conhece mais aqueles que tão todo o dia ali, tem uns que são muito conhecidos. Todo mundo diz que ele tem um sensor, que ele tem um sensor que o boto vai lá e mostra na frente dele. Não é, é que a gente conhece o boto e, pelo jeito de ele levantar, tu já sabe que ele tá seguindo. Ele levanta e baixa de novo e tu já sabe que ele vai ficar parado ali. E tu cuida pelo friso da água. Pega água. Pode ter onda bastante. Mas tu conhece aquele morrinho de água, tu sabe que ele tá indo pra cima lá de baixo. Tu sabe que ele vem vindo pra cima e tu vai acompanhando. Aí as pessoas vem e dizem “mas como que o fulano lá, o boto foi lá mostrou pra ele?”, mas claro ele sabe que o boto vai indo pelo frisinho da água. Faz assim tipo uma água aberto, tipo abrindo uma proa

de barco. E não vai nada de fora, ele vai por baixo levantando a água assim. Então a gente conhece. E também quando ele vai mostrar ele gorgulha, chama assim gorgulha, ele mostra de várias maneiras. O gorgulho é quando ele se some e tu vê assim já começa a sair bolinhas em cima d’água. Aí ele mostra de bico.”

“Os filhotes a gente cuida muito quando eles aparecem, o boto aparece, quando ele aparece com filhote, o filhote é desse tamanho, né. A gente cuida muito pra não por a tarrafa em cima. Porque os filhotes vêm bem bobos. Eles vêm cima, assim. Tem pescador que já pegou um ali quando tinha a ponte velha. Daí ele sacou na tarrafa e eu peguei e abracei o botinho. Abracei ele pra eles irem tirando as malhas. Mas dá uns 70 kg, uns baitão. Eu tive que me sentar na beira d’água para eles tirarem. E os botos ficaram tudo em volta. Ahhhhh, ficaram tudo em volta. Eles emitem um som, parece uma criança chorando. Dá pra ouvir. Um apito, um assobio assim. Aí quando a gente conseguiu desvencilhar ele da tarrafa assim ele pulou na água, pegaram o mar e ficaram uns três dias sem vir. É. É, uns bichos muito inteligentes. Mas eles sabem, todos os botos sabem, que a gente não prejudica eles. Eles sabem e nos conhecem. Pode se atira na água e ir lá perto deles, eles não se assustam.”

“É, agora eu pesco mais de dia, mas antes eu pescava a noite toda. [o boto] Pesca, pesca de noite também. Ah, quando dá aqueles Minuanão, aqueles Minuanão forte, se pesca de noite. O peixe desce, não tem hora. Principalmente quando dá aqueles Minuanos fortes. Aí o peixe, desce, vem da lagoa. Vem das lagoas, uma das lagoas que tem mais peixes é a nossa. É que ele não se mexe muito. É que se a gente for no rio, se a gente subir lá pra cima, a gente vai ver bastante tainha nos rios, lá em cima. Porque é proibido botar rede lá em cima no canal. O que eu digo “rio” é aquele que corre até lá Capão da Canoa, vocês já foram pra lá já? Então ali da umas tainhas grandes e quando vem aquele vento Minuano, vem as tainhas pra baixo. Aí vem aqui e os botos atacam. Se nós não temos boto aqui, nós não teríamos mais pesca na Barra. Uma coisa é certa, isso eu tenho certeza. Porque o peixe vem e desce pelo meio do rio, e no meio do rio não pode tarrafear. Se não houvesse boto, não haveria pesca.”

“Ah uma vez teve dois botos presos aqui dentro. Havia só um canalzinho, desse tamanho, ali no canto da pedra. Só um canalzinho. E se criou uma coroa até lá, e os botos passaram pra cá com a maré

⁹ Nome popular que os pescadores da região usam para se referir ao *Steno bredanensis*, espécie de golfinho da família Delphinidae.

de enchente, depois a maré vazou e vazou e vazou, e os botos ficaram uns três dias aqui no rio. Quando a Barra estava bem estreitinha né, ficou bem estreitinha mesmo, nem os barcos passavam. Eles ficaram uma semana aqui dentro. É. Olha nem me lembro qual boto foi, mas parece que o Fotoarma estava junto. Faz muito tempo. É, é o Fotoarma, me lembro. O Galhacortada. Fotoarma porque, eu não sei se ele roçava nas linhas, se ele se roçava nas linhas, porque ele tinha as galha¹⁰s meio cortadas em cima, e tinha um monte de linha pendurada. Então era linha, chumbada, tu via pendurada no dorso dele, naquela nadadeira. Então botaram o apelido de Fotoarma. Fotoarma que era uma loja em Osório. Ele carregava tudo aqui [risadas].”

Miraguaia – “Até ela diz agora “ai não vejo mais...”, eu falei para vocês que vi um boto lá né?! Aí ela “ai todo dia a gente via o boto aqui, agora a gente não vê mais”, a vida inteira vendo boto ali, né? E eles não vão mais! Vai só um, não sei qual boto é, o pequeninho aquele. Ele foi umas duas vezes, ele foi lá até a ponte e voltou. Fico umas duas horas lá. Aí ele pegou e voltou. É um botinho bem pequeninho aquele. Mas é poucos que vão até ali, o resto não vai, vão só até a pulga ali e não voltam.”

“Antigamente tinha um boto, o Lobisomem, que não é esse que morreu em 2005, era um boto que nós íamos para a Lagoa e ele estava lá no final da lagoa, não tinha rede, ninguém botava rede aqui. Então chegava lá na lagoa, e não achava tainha, o Lobisomem estava lá. Aí as tainhas tudo nos juncos, tinha que afastar os juncos para pegar as tainhas. Era um boto preto, diferente assim. Depois teve o Galhamol, que em 2006 morreu, mataram ele, até o Talhamar não sabia. Pegaram ele de barco, carnearam ele e soltaram na Barra. Eu chamava ele de “Brilhosinho” porque ele era muito bonito, o boto mais bonito que tinha na Barra. Ele era uma beleza assim, uma coisa assim, sabe. Ele não tinha nada de errado. Era perfeito. Era um bebezinho, um bebê. Aí mataram, tiraram o couro e deixaram na Barra. Pegaram em barco. Tiraram o couro para vender, ele era grande, menor que o Lobisomem, mas grande também. E antes do Galhamol esse aí, tinha o Galhamole mesmo que era antigo e ele nadava e

fazia um tatatata, e batia assim papapapa. E tinha o Pomba, o Pomba eu não vi, mas os antigos ali, ele morreu antes do Lobisomem, ele saiu da Barra ali e bateu na pomba, saltou e bateu na pomba, por isso o nome dele é Pomba. Ele tinha assim, a boca dele, o bico dele era maior que uma xícara assim, cor de rosa. Mas era um monstro de um bicho assim, nossa. Era maior que o Lobisomem. Ele só mostrava tainha no bueiro, na Petrobras e no fundo de casa, e só na parte funda. E a cada 100 aguapé que descia do rio, em uns 99 ele se roçava. Aham. Ontem tinha um lá, se roçando em um aguapé. Deve ser cria do Pomba. Roçando no aguapezinho. Às vezes ele ficava assim, uma miséria desgraçada, ele ficava com a cabeça de fora assim, duas três horas assim com aqueles gritos lindos “meaaaammm”, duas horas parado assim com a cabeça de fora ele ficava assim, com a cabeça de fora, sozinho, sozinho, ali na frente de casa. O Pomba era o cantor dali. Todinhos subiam. Aí tinha a Manchada, a Manchada que é a mãe da Geraldona, melhor bota fêmea que teve para nós foi a Manchada. Bá, a produção dela foi, nossa. Era uma bota grande também. Não tinha nenhum arranhadinho nada. Ela morreu antes do Pomba, mais ou menos. Noventa e poucos morreu aí. E o Lobisomem foi o gostosão aí [risadas]. (...) O Lobisomem era tão ligeiro, estava dizendo para um rapazinho ali na Barra ontem, tão ligeiro, que nós estava lá na boca da Barra, e ele tava no bueiro, a gente atirava a tarrafa aqui assim, ele veio e saiu com a tainha na boca. Ele tava a 150m de distância. Uma coisa engraçada assim, se conseguisse filmar do lado de Imbé... Tinha uns caras esperando a tainha ali, e era fila né, ficava com a tarrafa ali, aí lá na boca da Barra e vinha tainha-tainha-tainha, e deu uma largadinha aqui, e voltou... e umas 10 vezes ele fez isso. E ele trazia para o pescador aqui assim. Ele vai até uns 60m dentro do barranco e trás as tainhas para o pescador, umas 10 vezes, e ele foi de lado, ando uns 60m encalhando, trouxe a tainha, e na volta ele levou para o pescador. Ele foi se irritando, ele ia e voltava, sabe [risadas].”

“Tem uma tarrafa que eu fiz lá em casa, para pegar com o Lobisomem. Uma tarrafa bem pesada assim, porque ele tirava o peixe da tarrafa. É. Uma tarrafa de argola, ele entrava e saía com uma tainha na boca. Eu vi um monte de vezes, ele entrava e fazia assim com o rabo. Eu vi várias vezes ele fazer isso aí.

¹⁰ Forma pela qual os pescadores chamam as nadadeiras dorsais dos botos-da-Barra.

A natureza é fantástica, né? Ele levantava o chumbo, ele entrava por baixo e saía assim. Milésimos de segundos. Eu não sei, como que consegue pegar né? Ele entrava por baixo e pegava a tainha. A natureza é fantástica, não tem, não tem.”

“Ele [Lobisomem] sempre vinha em casa ali. Sempre vinha na beira do rio e mostrava ali. Aí quando nós estávamos em casa no trapiche, nós atravessamos para o rio para outro lado. Ele sempre vinha mostrar a tainha, sempre, sempre. Tu já viu com o boto atira a tainha? Então tu presta atenção, presta atenção. Cabeça, rabo. A caneta é o peixe. A tainha tá assim, mas quando ele faz assim, ele já está com o bico perto da cabeça. Ele vai tirando a escama, enquanto joga a tainha. Para para ver. Eu assim, eu caço e pesco desde que nasci. Tem gente que faz isso e não sabe nada. Eu aprendi com meu pai tudo, como analisar as coisas, assim, prestar atenção nas coisas, assim.”

“Mostra linguado, mostra robalo, mostra aquele peixe que parece que ninguém come, o tal do peixe-banana, que é um peixe bonito tipo uma tainha, assim. Um peixe redondo, bicho bonito, bonito. Mas dizem que é um milhão de espinhos por centímetro quadrado. Não dá para encarar, tem gente que gosta, mas né. Eles [os boto] não mostram tudo que é tipo de peixe. O robalo eles mostram também, mas não é que eles mostram diferente assim. Tu não estava aquele dia da tartaruga, agora domingo? Ou sábado? (...) O boto fez ziiizzz, gozado assim, estranho. Botei a tarrafa, e nada. Saltou de novo. Gozado esse boto aí, botei, uma tartaruga. Já teve um que tinha mostrado uma tartaruga, o Brilhosinho aquele. Até machuquei a mão, tentei limpar ela. Ela tava cheia de areia com limo assim, tentei limpar ela e soltei de volta. Esse sábado agora. O Brilhosinho esse carnearam ele, tiraram o couro dele. A tartaruga essa estava viva e ele mostrou [risadas]. Não lembro que boto era, ficou todo mundo olhando [risadas]”.

“Tem uma coisa que fico sempre ficou marcada na minha mente, assim, uma vez que estava a Manchada com o filhote e uns oito botos ali. Daqui a pouco eles começaram a saltar, de cinco a seis metros de distância assim, sabe, e em direção ao mar. Todo mundo olhando apavorado. Um cara tinha pegado lá do outro lado da Barra um botinho na tarrafa. Como é... sabe que a água leva o som né,

mas assim ó, como é que conseguiu... foi assim ó, foi uns 30 segundos não sei, até a boca da Barra, aqueles golfinho, cinco - seis metros de distância, tudo junto assim. rasgaram a tarrafa do homem para tirar o boto da tarrafa do cara. É assim, uma coisa... a natureza é... Mãe é mãe, né?!.”

“Eu tenho a impressão que [o boto] reconhece o pescador. Porque ontem os dois irmãos, estavam ali. Porque quando assim, o Biru, quando ele pescava ali, os botos só mostravam para ele. (...) Eu acho que conhece, não tenho certeza, mas tenho a impressão que conhece. O Lobisomem onde eu estava ele estava sempre junto, eu acho que conhece. O Biru antes, onde o Biru estava, o boto mostrava para ele. Excelente pescador. Ele está encostado, não pode mais pescar.”

“Só tinha um boto que nós chamávamos lá [com truque], duas pedras. Nós ficávamos lá na pulga lá, e com duas pedras, tactactac, ele vinha. Nós já íamos com duas pedras no caiaque. Ele mostrava a tainha. Não lembro o nome dele. Tinha outro que mordida o chumbo, mordida o chumbo todo da tarrafa. Os caras gritavam - solta a tarrafa - mas eu não peguei tua tarrafa, foi o boto - que boto! - não foi tu! - ficavam brigando. E era o boto [risada]. Ele comia o chumbo todo, eu morria de rir. Mas acho que foi embora esse aí, uma brincadeira dele deveria ser.”

“É difícil uns aí para dar nome. Bó, eles não tem marquinha. Não dá para ver uma coisinha, não tem um arranhadinho diferente. Tem uns que tu vê uma marquinha, mas esses aí são tudo iguaizinhos... É difícil. A gente reconhece pelo jeito de mostrar, que é diferente né.”

“De vez em quando vem aqui a Catatau, não sei por que não... Vem a mãe com o filhote. Semana passada ela estava aí, mas não sei que... É difícil ver esse boto aí. Não sei onde ela fica... Faz uns 10 dias que ela estava aí, mas não sei, não é fácil ver ela aí. Fica no mar aí, em algum lugar.”

“O Lobisomem mostrou tainha para mim lá em Bojuru. Mostrou, lá em Bojuru para mim. Cheguei lá na praia o vi o Lobisomem lá mostrando o peixe. Da necessidade de alimentação né, eles vão. Lá a gente pesca na praia mesmo. Dá uns 35 km antes de Rio Grande, é a na praia mesmo que pesca. Eles andam atrás da comida ali. Aqui acho que eles não vão muito, chegam até Capão ali. Acho que Torres não vão muito. Uma vez nós estávamos ali e entro um

boto. Ele era da cor da tua roupa [escuro], entrou ali pelo bueiro, fico um tempinho ali, não sei da onde era aquele boto. Não sei, entrou, deu só uma olhadinha, fez a volta e foi embora. Onde os botos devem comer bem é ali em Rio Grande né?! O tamanho daquela Barra... a quantidade de peixe que entra, bá. É grande, nossa Senhora. Eu fui lá conhecer, não para pescar.”

Peixe-rei – Disse que com os botos novos tem que cuidar. Eles se enroscar na rede, furam a rede, que são botinhos muito bobinhos. Que a mãe vem proteger e tem que cuidar a tarrafa nela também. Que eles ainda não são muito bons. Lembrou que agora, na semana passada, pegaram um botinho. Que um dos pescadores jogou a tarrafa e caiu em cima dele. *“Todo mundo cuida pra não pegar o boto, porque isso dá cadeia.”*

Ele reconhece os botos e o jeito deles trabalharem. Disse que os botos enganam, não ajudam. Que a intenção do boto não é “botar” a tainha para o pescador, é não encalhar na margem da Barra. Que a tainha vem, *descendo* ou *subindo*, e se aproxima das margens. O boto, não pode ir tão perto, se não encalha. Então ele fica na volta. Às vezes, ele mostra a tainha aqui, mas ela tá ali, às vezes ele mostra ali e tá aqui. Porque quando joga a tarrafa, a água mexe e fica muito mais fácil para o boto comer. *“A tainha vem para a beira e ele nos engana”*. Que o Lobisomem era o campeão de roubar peixes das tarrafas. Sempre que ele mostrava, viam ele com uma tainha na boca. Comparou com os botos lá de Rio Grande não estão acostumados com a tarrafa, mas estão acostumados com as redes. Já aqui, ao contrário. Nossos botos se assustam com as redes e estão acostumados com as tarrafas. Que no Rio Grande é fundo, não tem como por tarrafa.

O boto ajuda o pescador porque é esperto. Principalmente quando água está clara e que a tainha vê melhor, ela entra na beirada para fugir dos botos. É mais fácil pegar o peixe com o boto. Uma vez, anos atrás, jogou a tarrafa quando o boto sinalizou e pescou 42 tainhas de uma vez só.

Contou que a Manchada e o Pomba são os pais de toda essa bicharada que tá por aí. *“Esses botos que eu disse: Pomba, Galhamol, Manchada, Barata, Lobisomem... já eram antigos quando eu comecei.”* O Barata era o boto que ele mais pescava: *“o Barata era o amigão, não roubava tainha da tarrafa e estava sempre por ali”*. Os outros botos podiam ir e voltar,

ou às vezes nem aparecer para pescar, mas o Barata estava sempre ali.

Linguado – Desde que começou a pescar os botos estão ali na Barra. Galhafina, Xita, Lobisomem, Fotoarma, Manchada, Pomba, Galhamol, Galhamole, José [mais conhecido como Barata], e depois Coquinho, Bagrinho, Geraldona, Catatau, Rubinha, Chiquinho. Contou que os botos andam por tudo, mas que entram seguido na Barra. Que a Manchada era a mãe da Barra, e agora era a Geraldona. Diz que a maioria das pessoas fala da Geraldona, mas que ele não acha ela a melhor bota para pescar. Que é boa, claro, mas que anda muito manhosa. Às vezes não mostra o peixe, e por isso andam achando que ela está prenha. Acham que vai vir botinho, já que os outros filhotes dela já estão grandes. Disse que muitos filhotes na Barra eram do Pomba, depois do Lobisomem. Disse também que às vezes não dá para saber de quem são os pais, já que os botos nadam por aí, nadam bastante pela costa. Dá para saber as mães. Vão para o Sul, passam por Torres e devem ir até para Rio Grande. Bom mesmo é pescar com os outros quatro botos que estão sempre ali: a Rubinha, o Chiquinho, o Coquinho e o Bagrinho. Já os botinhos novos, ainda são difíceis de dar nome porque são *“todos iguais”*. Ainda não tem marcas no corpo e ainda são um pouco bobinhos, não tem um jeito de pescar ainda.

Para ele, os botos conhecem bem a Barra, como os pescadores que estão lá dia-a-dia. Contou sobre um boto que apareceu na Barra uma vez, um boto que não era dali, e entrou na Barra com o boto José, também conhecido por Barata, e encalhou em um banco de areia próximo da beirada. Ele e mais uns colegas tiveram que tirar o boto dali, empurrando o animal de volta para dentro d’água. Já o boto José, que já conhecia como a Barra, não encalhou no banco de areia, apenas nadou para trás.

Certa noite estava pescando na Barra, por volta das 22h, acompanhado da companheira. O Coquinho, que estava na Barra, mostrou a tainha para ele e falou com ele [imitou o som produzido pelo boto]. Entendeu que o boto dizia para ele ir para casa, conversando com ele. Ele e a companheira voltaram para casa e ele dormiu muito bem naquela noite, sonhou com Deus.

Robalo - "*Todos botos são bons, todos correm bem.*" Os novos não tem nome ainda porque são bastante parecidos. O único que talvez dê para dar nome é o filhote da Geraldona que é mais branquinho e dá para diferenciar. O resto não tem marquinha, é tudo bem parecido.

O Lobisomem era muito bom, esse boto era muito bom. Que o Lobisomem ia, dentro da Barra, ali do lado de Imbé, onde tem umas partes mais fundas, como uns buracos, e tirava as tainhas dali. Que as tainhas se escondem ali e o Lobisomem sabia, ia lá, mexia o buraco e elas saíam todas do esconderijo e as trazia para o lado de Tramandaí. Que esse era o diferencial dele.

Savelha - Os botos que estavam na Barra quando ele começou a pescar eram o Barata, o Galhamol, o Lobisomem, o Pomba. Alguns outros antigos e bastante conhecidos como o Xita, não alcançou conhecer. Naquela época, pescavam com a baliza. Considera que essa prática tem um lado bom e um lado ruim: que era mais organizado com ela, que o pessoal chafurdava menos. Mas que o lado ruim era que muita gente tinha carteira e que para participar da baliza, era necessário ter a carteira de pesca. Como antes a fiscalização não era tão rigorosa, qualquer um podia ter tarrafa. Assim, pela quantidade de gente fazendo a baliza, às vezes se perdia muitos peixes. Disse que a baliza provavelmente não funcionaria nos dias de hoje, que muita gente que não tem carteira mas tem tarrafa ia chiar. Além disso, "*não tem botos bons para baliza hoje*". Eles não estão acostumados, não saberiam pescar com a baliza. Os botos estão acostumados a pescar de outra maneira agora, mesmo os botos bons. E o melhor boto para "*pescar junto*" é a Geraldona, "*sempre a Geraldona*".

Desde novo pesca com os botos. O pai não era muito de pescar com os botos, mas ele aprendeu no dia-a-dia, desde de pequeno. Muito do aprendeu, aprendeu no olho, no dia-a-dia, com a tarrafa na mão. Os pescadores antigos estavam sempre ali e ajudavam também: Sr. Viola, Sr. Anchova, Sr. Sardinha, o irmão do Tamboatá.

A pesca é mais fácil com os botos, "*rende mais com eles, que é mais fácil pegar o peixe com eles*". Apesar disso, pesca bastante peixe sem os botos também. Às vezes está correndo o peixe e o boto não dá bola, não dá para esperar. Às vezes, os botos só

estão ali na Barra, "*eu quero o peixe, não o boto!* [risadas]". Com o boto é mais fácil, o boto aperta o peixe, agrupa mais os cardumes em direção à margem, aos pescadores. Tem dias que é uma *correria*. Antigamente era mais, agora nem tanto, dependia do dia. Contou que o Lobisomem era muito rápido, que com ele sim eles corriam demais. O Lobisomem mudava o lado da Barra muito rápido, entrava e saía: "*ai sim a gente corria demais*".

"*É assim, se a gente não cuidar, tudo vai terminando*". Tinha muito mais peixe antes, tudo anda terminando: "*por sorte, quando tem botinho, ajuda*".

Baiacu - O avô já pescava com os botos, "*isso é coisa antiga*". Contou que os botos já apareciam quando a Barra não era fixa. "*Se eu já pesco com os botos há mais de 30 anos... eles [os botos] são muito mais antigos aqui*".

Tinha ido de manhã à Barra, ficado umas 3h e não tinha pescado nada. Disse que um dos pescadores tinha pegado cinco tainhas com os dois botinhos que estavam lá, e que outro pescador que também estava lá, não tinha pegado muita coisa. Que as tainhas estavam boas, mas magras. Os botos que estavam lá de manhã eram o Bagrinho e o Riscadinho, um dos botinhos novos. Que bom que os botos estavam lá para ajudar, mas eles [os botos] não estão aparecendo muito porque estão espiados com as redes.

Já viu os botos da Barra lá em Bojuru, nas viagens de pesca que costuma fazer por lá. "*Os botos nadam pela costa, eles vão até lá. Já vi o Lobisomem, a Geraldona... e até a Geraldona com o filhotinho esse de agora*".

"*Olha esse animal, é o mais bonito de todos. Como alguém pode não gostar?*". Que a prefeitura é muito ignorante de não investir ali, de não aproveitar a vista única que são os botos na Barra. Que deveriam investir mais dinheiro ali, se preocupar mais já que os botos ali são únicos. Que no Brasil, só ali e em Laguna para ver os bichos assim. Que, além dali, só lá fora se vê os botos pertinho da terra. Que esses dias estava na Barra uma família de Santa Maria, que tinha vindo para o Litoral e que nunca tinha ouvido falar dos botos. Que isso não estava certo, que todo mundo deveria saber o que acontece ali, dos botos e da pesca com eles. Como eles ajudam o pescador. Não entende como alguém pode não

gostar desses bichos, que é muito lindo ver eles lá. Contou que uma vez estava pescando e um homem chegou lá armado, parecia estar bêbado e ele chegou lá armado. Queria confusão e eles, pescadores, quando viram que o homem estava armado se preocuparam, mas não sabiam como reagir. O homem apontou a arma para o boto e disse que ia matar o boto. Os pescadores se olharam, ficaram todos preocupados, ele não sabia o que fazer, não podia contra uma arma. Começou então a falar baixinho “*vai embora boto, vai embora*” e que parecia que o boto tinha ouvido ele. Disse que o boto saiu de dentro da Barra, respirou mais uma vez e saiu da Barra para o mar. Não tem certeza, mas acredita que o boto o escutou. “*Imagina se matam o boto?*”, “*A gente ia ter que chamar a policia depois, mas na hora não tinha o que a gente fazer. Parece que ele me ouviu, ainda bem que foi embora e ficou bem.*” Disse que os botos eram únicos, que em nenhum lugar se via eles pertinho assim, que os botos eram muito importantes ali, que ajudavam na sobrevivência deles.

Corvina – “*O boto aqui na Barra é que nem um irmão para nós*”.

Acham que a Geraldona estava grávida: “*tu vai ver só, daqui a pouco ela vai aparecer com outro botinho. Por isso ela anda tão quieta, tão devagar. Já deve tá com botinho na barriga*”. Disse que no tempo da gestação os botos eram mais ou menos “*que nem nós*”. Que os botos novos estão indo bem, que ainda não tinham nome porque eram todos bem parecidos. Que o filhote da Geraldona era mesmo bom, estava aprendendo muito bem com ela, que hoje em dia era a melhor bota da Barra. Que em outros tempos já tinha outros melhores, como o Lobisomem e que já tinha ouvido falar bastante do boto Pomba, ainda que ele não tenha pescado com esse.

c) Empatia: quando eu me vejo no outro

Papa-terra – “*Vendo, vendo [o peixe que pesca]. Um pouco eu como, mas eu vendo lá na Barra mesmo. Dou mais preferência para os que vivem só da pesca. Aí se eles não tem eu vendo. Mas às vezes eles tem peixe e eu também tenho, e chega*

alguém lá para comprar, eu mando comprar deles. Ah eu digo, compra deles, que são os que vivem mais ou menos só da pesca (...) deixo eles vender e trago o meu pra casa.”

Miraguaia – “*Tá assim ó, um dia mandei pro inferno também... [alguém que não gostava do Lobisomem] aí o boto não tá mostrando, pega uma pedra e atira no boto. Aí chamei de tudo, tudo que alguém pode ouvir, azar, não quero saber quem é, vai tomar no... Sabe? Uma pessoa assim não dá. É a natureza do bicho. Aí não gostaram de mim. Eles achavam que estavam certos... ele [o boto] trouxe o peixe, deixa ele comer uma. Quer comer tudo? O bicho custa para trazer a tainha e eles atiram a pedra no boto. Aí não dá.*”

“*Sempre tinha uns 10-15 almoçando lá em casa, 20 todo dia, porque a pobreza ali, bá. Era charque capivara, charque de ratão, charque de miraguaia, charque de bagre, tinha vontade dessas coisas. Hoje tu vai no açougue. A mãe, eu passei anos xingando ela, porque ela queria chamar todo mundo para almoçar, não, não, não, não existe mais. Hoje em dia não tem mais como.*”

Peixe-rei – Na Barra, às vezes pescava uma tainha bonita, gorda, e outros pescadores perguntavam se ele ia vender aquele peixe. Ele respondia que sim e eles pediam para trocar por duas pequenas, porque eles queriam comer. Ele trocava tranquilo. Que isso não era problema, já que o outro queria comer e ele queria vender. Mas às vezes, ele também pegava uma tainha gorda e o outro queria trocar por uma só pequena, e aí não dava para trocar. Os outros pescadores ficavam bravos com ele, mas tudo bem, porque não dava para trocar mesmo, tinha que ser justo, era trabalho.

Linguado – Comentou que existem outros homens ali que pescam de tarrafa muito bem, mas que não são pescadores de profissão. Eles já têm renda fixa ou são aposentados por suas profissões. Eles vão à Barra pescar porque gostam, mas não dependem do peixe para viver. Mas isso dificulta muito a vida dos pescadores profissionais, que são aqueles que sobrevivem apenas da pesca.

Savelha – Contou de uma vez, há alguns anos atrás, que a fiscalização proibiu a pesca nas lagoas e

na Barra, “do nada, proibiram tudo ali”. Sem avisar ninguém disso, a fiscalização chegou na Barra querendo prender a tarrafa de todos que estavam lá naquele momento. Ele estava lá, apenas com a carteira de pesca porque a licença estava em processo de renovação. A licença já estava pronta, mas ele ainda não tinha conseguido buscar. O fiscal que o abordou, ao saber disso tentou tirar sua tarrafa e ele não soltou. Outro pescador estava lá aquele dia e o fiscal também queria o expulsar. Mas esse pescador estava tanto com a carteira quanto com a Licença. O fiscal não ameaçou tirar a tarrafa do desse pescador porque ele estava com ambos os documentos, mas que queria expulsá-lo de lá, e que isso estava errado. Ele disse para o fiscal que se ele queria expulsar esse pescador de lá, ele não poderia levar a tarrafa dele. Que ou ele deixava o pescador lá [já que ele tinha os dois documentos em dia] e tirava a tarrafa dele; ou ele expulsava o Linguado de lá e deixava-o ir embora também, levando a tarrafa consigo. Contou que na época não se dava com esse pescador, mas que queria protegê-lo também, porque achava incorreta a ação do fiscal. Posicionou-se e não soltou a tarrafa, disse que não ia soltar porque os fiscais estavam errados por não terem avisado os pescadores antes de proibir a pesca em um local que sempre se pescou. Mesmo assim sua tarrafa foi levada e foi aplicada nele uma multa. Nunca lhe devolveram sua tarrafa.

“A pesca entre o pescador e os outros [pescadores amadores] não é igual. Eles pescam tranquilos, porque eles não dependem disso. Pescam tranquilos, porque é esporte. Se não pegar nada, eles tem o salário ou a aposentadoria deles igual. Eu não, eu pesco tendo que pescar, esperando que o peixe venha. Eu preciso que o peixe venha. Como vou me defender só da pesca com dez, quinze pessoas mais do que eu ali também? Quando o boto mostra, eu tenho que me virar. Tenho que pegar o peixe.” Que ninguém cuida da Barra, que tinha muita gente pescando sem licença e que ninguém fazia nada. Que até podiam saber pescar, mas que não eram pescadores, não tinham os documentos, não dependiam disso.

Baiacu – Quando fazem as viagens de pesca para o Sul, leva várias caixas de coisas, muitas tralhas, tudo aquilo que pode ajudar. Leva tudo, comidas, talhes, pratos e tudo que precisa. Que muitas vezes quem vai com ele não leva e ele tem que dividir tudo. “Já cansei de emprestar o prato e

comer na tampa da panela”, que ninguém se organiza direito ou sabe bem o que levar, “a gente acaba dividindo tudo, eles vão só com duas tarrafas e passam fome e frio”. Que vale a pena porque a pesca é boa e porque aqui ele já se anojou. Que lá no Sul é bom, menos gente e que às vezes dá para voltar de lá com 200-300 kg de peixe, entre todos que vão. Dividem os gastos para ir, pescam lá e dividem os peixes na volta. Que às vezes quando voltam e passam dias trabalhando nos peixes que trazem, que na volta sua companheira ajuda quando volta para casa.

A companheira é pescadora, porque “o que ela faz, é pesca”, é parte da pesca. O que ela faz, de limpar o peixe, arrumar as redes, fazer as redes, organizar o pescado, é tão pesca quanto quando ele está efetivamente pescando. Por isso, o nome dela está no talão de pesca dele e que ela pode se aposentar pela pesca. Ela ajuda muito, o que ela faz é parte de tudo o que chamamos por pesca. Sem ela, não seria possível fazer tudo que faz. Ela é uma companheira importante na pesca. Pensa em aposentá-la por invalidez, levá-la na perícia, porque ele se preocupa. As mãos dela são bastante machucadas de limpar o peixe e ela sente dores nas mãos. Ela trabalha muito, pega tudo junto com ele. “Aquela ali, se deixar, trabalha até os 90 anos”.

Todos ajudam em casa. Quando tem serviço põe todo mundo para ajudar. Todos sabem arrumar as redes e ajudar nas outras tarefas. Não seria o pescador que é sem a mulher com ele, sem uma companheira que ajudasse ele. Ter uma companheira que sabe trabalhar com o peixe e com a pesca é muito importante. Quando precisa põe todos para trabalhar, pede ajuda para desenhar as redes, organizar o material, ajudar como for.

Poucos dos pescadores ainda sabem fazer tarrafas, trabalhar com as redes. Fazê-las ao invés de só arrumá-las. Pode contar nas mãos quem ainda trabalhava com isso. Sabe trabalhar com as redes, fazer de tudo com elas, porque aprendeu com o pai, que também pescava com várias artes de pesca.

d) *Ethos: o ser pescador*

Papa-terra - *“Todo trabalho é bom, se a pessoa gosta do que faz. É como tu me perguntou, como tu começou a pescar: porque eu gosto. Desde 69 comecei a pescar, comecei a gostar, fui me aperfeiçoando. Fui aprendendo com os outros, os mais antigos e, porque gosto mesmo.”*

Miraguaia - *“Eu sou o único da equipe, meu pai, meus irmãos, da região toda aqui, que pego linguado de fisgheiro, sabe como funciona? É uma taquara verde, com um pano velho dentro, que tu botava querosene ou diesel e saía em noite sem vento, água clara e sem lua, certo? Raríssimo, raríssimo. A gente saía, via linguado de montão. (...) Desde a Petrobras até o braço morto era lagoa né. Tinha que importar aqueles lampião redondo assim, sabe? Agora eu uso uma bateriazinha de moto, faroletezinho, desço na água ali na lagoa e pego. A taquara tem que ser verde para não queimar a taquara. Aí tu faz um facho para clarear, antes com querosene e agora eu uso o farolete com a bateriazinha. Não muito claro para o peixe não se assustar. É uma pesca antiga e muito precisa, poucas pessoas conhecem.”*

“Assim ó, antigamente assim ó quem vinha a Tramandaí, tu nem conhece miraguaia, conhece né? Tão tá... Miraguaia é um peixinho assim [mostra tamanho grande com as mãos]. Quem vinha para Tramandaí que não levasse uma miraguaia pra casa (...) era em abundância esse peixe aqui: 20, 40, 50 kg era normal (...). Tinha um busto de uma miraguaia ali na frente da Panvel, que era o troféu de Tramandaí. Quem vinha a Tramandaí tinha que levar uma miraguaia. Nós pegávamos a canoa em casa, ficava dentro d’água e tumtutum, tu sentia, tumtutum o ronco dela, tipo a corvina assim róóóó, ela faz tumtutum, tu sentia nos pés. Aí tu chegava em casa, era normal isso aí, era fartura mesmo.”

“O Viola morreu faz uns três anos, eu acho. O filho dele de vez em quando vem, dá uma tarrafada aí, mas eles não são pescadores. O Viola assim, todo peixe que ele pegava, ele entregava na peixaria. (...) Ele não vendia peixe na Barra. Aí quando ele precisava de dinheiro, em um inverno sem peixe sem nada, o homem da peixaria emprestava. O Viola era muito gente finíssima, bá. Honesto e bá, pescador mesmo. Depois que ele foi para lá, acho que ele

durou uns três anos só. Depois que ele foi morar nas casinhas lá, La Barra lá, um condomínio que tem. Teve uns anos que ele veio pedalando ainda aí, mas depois... Eles moravam tudo ali na Barra, e foi desapropriado ali, ali na areia. Ele ainda conseguiu vir umas vezes ainda, mas depois...era longe, barbaridade. Pedalando ainda. Talvez uns quatro anos ainda. Mas depois aí, acho que entrou em depressão. A vida inteira morou ali. A maior homenagem, não posso falar que começo a chorar, a maior homenagem que eu vi falando para alguém falando para um homem vivo. (...) Um promotor nosso aqui, gente finíssima, em uma janta, ele deu um discurso - enquanto nós estamos saboreando esse churrasco, tomando essa cerveja, o Viola tá lá, com água no peito para sustentar sua família - assim ó, a maior da minha vida, coisa de promotor né. Ele vivia todo dia na Barra, o Viola, em 83 imagina. Era no hotel Beira Mar, umas 300 pessoas, todo mundo chorou. Aí todo mundo ia na Barra para ver quem era o Viola, para conhecer ele. Era um homem que bá [emocionado].”

Peixe-rei - A fiscalização lhe tirou a tarrafa certo dia depois de aposentado. Ele disse que não imaginava que isso aconteceria uma vez que já levava uma vida pescando e que tinha ensinado muitos a pescar. Pescou até os 66 anos de idade e já não pode mais. Continua indo até a Barra para acompanhar a pesca, para ver a pescaria, é difícil ficar longe. Disse que todos são seus amigos na Barra e que não tem nenhum inimigo.

Linguado - Quando começou a pescar, o pai sempre dizia que ele tinha que estudar, e ele respondia que estudava, afinal ia para o colégio. Mas quando começou a pescar depois da aula, não queria mais saber de nada: *“é aí que eu digo: pescar é um vício”*.

Que apesar de tudo, a Barra é muito boa para pescar. Sempre tem peixe para comer, comida nunca falta. Por causa da pesca, ele tem tudo. Come tudo o que quer, nada falta para ele nem para a esposa. Que ele ama o que faz. Às vezes, escuta da companheira que deveria largar a pesca, que ele poderia fazer outra coisa. Mas ele sempre responde que não, que não larga a pesca, que ama o que faz. Que a pesca era um vício. Às vezes se irrita, se enjoa com a pesca, mas

que sempre volta para a Barra para pescar. Apesar de gostar de pescar de tarrafa, gosta mesmo é de pescar de tarrafa com os botos. Que dá para pescar sem eles, vem peixe, mas que gosta mesmo é da correria com o boto, da sensação e da adrenalina que dá, e também porque rende muito mais peixe.

Robalo – Apenas pesca na Barra e na ponte, com menor frequência, e só pesca com tarrafas. Pesca para ele, é só de tarrafa. Pesca principalmente de noite. É bom porque tem pouca gente e porque os botos aparecem nesse horário. Vai para a Barra depois das 19h e fica até às 20h. Pesca esse horário também sem boto. Contou que depois do incidente do botinho que caiu na rede sem querer, os botos tinham aparecido menos na Barra durante o dia. Que de noite sempre entrava na Barra a Geraldona e o filhote. Ele ressaltou o quanto gostava de pescar de noite, que a lua era bonita e que o ar era diferente. Que o ar que a gente sentia de manhã não era o mesmo da noite. Disse que a maresia de noite era mais oleosa, que era diferente, e que era boa.

Contou que gostava da Barra, das amizades e da adrenalina de pescar, "*principalmente de sentir o peixe puxar*". Já pensou em tentar outras profissões, mas o que gosta mesmo é de pescar, que gosta muito do que faz.

Savelha - "*É pescador quem sobrevive da pesca. Que tem conhecimento da pesca é aquele que está lá dia-a-dia*". Não nasceu aqui, mas veio ainda quando pequeno e cresceu em Tramandaí, em volta da lagoa. Desde pequeno passava os dias na Barra, conhece muito dali: "*no dia-a-dia aprendi sobre esse lugar*", todo o dia vai até lá ver como está a pesca. "*Reconheço cada boto, assim como reconheço cada pescador*". Reconhece os botos pelo jeito de cada um de pescar, assim como reconhece cada pescador pelo jeito de jogar a tarrafa: "*posso não enxergar quem é, mas se eu ver jogando a tarrafa eu reconheço quem é*". Não sabe os botos os reconhecem, mas acredita que os botos se acostumam a pescar com o jeito deles: "*o bicho se acostuma*".

Disse que havia uma época em que apenas pescadores moravam na Barra e em seus arredores, que era quase só casas de pescador. Lembrou-se do Falecido Viola e disse: "*quem sabe, se não tivessem tirado o Viola daqui, ele não tinha morrido*" (sobre quando desapropriaram as casas existiam nas dunas e

afastaram as comunidades para áreas e bairros mais longe do mar). Que o Viola, assim como muitos ali, eram acostumados com aquele lugar, que aquele lugar era a vida deles, o que eles conheciam. Que tirá-los dali era afastá-los do que eles viviam dia-a-dia, do que eles eram, não só do sustento financeiro.

Nunca assinou uma carteira de trabalho, sempre foi pescador. A carteira de pesca é a única carteira que ele teve em toda a vida, junto com as licenças ambientais. "*Até por ser um vício pescar, mas é um vício cansativo!*"; "*Eu gosto de pescar, mas eu preciso. Não sei por que eles [amadores] vêm tanto aqui. Não querem tirar umas férias? Curtir a vida? Ir passear em outro lugar? Pegar o carro e passear? Eu se tivesse um salário... Eu não sou ganancioso, pesco porque preciso, mas eu quero viver.*"

Uma vez, quando viajou para o Mato Grosso, estava em um bar e contou que era pescador e que pescava com os botos. Que contou a história dele com os botos na Barra e os ouvintes não acreditaram, disseram que era mentira. "*Vocês não olham TV, não? É só botar na internet, ligar a TV que vocês vão conhecer*" perguntou para eles. Os homens continuaram rindo e sem acreditar, até que chegou um outro homem, com uma pedra bonita na mão, perguntando aos conhecidos do bar se eles sabiam o que era aquilo. O homem com a pedra dizia que duvidava alguém acertar. "*Eu sabia o que era, eu disse que era uma pedra de cabeça de corvina*", "*vocês já viram [nos perguntou]? Na cabeça da corvina tem uma pedra bonita, tipo uma pérola da concha*". "*Eles não estavam acreditando em mim, mas eu sei das coisas. Eu só falo das coisas que eu sei. Eu já tinha visto aquilo, porque sempre pesco, estou sempre perto do mar.*" Contou que todos ficaram surpresos, e que aí acreditam mais no que ele havia contado dos botos.

Baiacu – "*Não dá para sentir o peixe puxar, uma vez só e já nunca mais vai sair dessa vida!*". Gosta muito da pesca, mas que está anojado. É sofrimento demais, dói muito às costas e é muito pouco peixe. Que está anojado com a Barra também, que tem muita gente e muito pouco peixe, que tem preferido pescar lá no Sul. Que quando vai lá ele leva tudo, pesca lá com várias artes de pesca e lá gosta de pescar.

e) Dificuldades da profissão e consciência ambiental

Papa-terra - Contou que a pesca de hoje não é igual à pesca de antigamente. Segundo ele, hoje 100 reais valem entre 8-10 tainhas quando antigamente esse valor valia um saco de tainha.

"Não pode mais jet-ski, nem os kitesurf. Bá, mas que beleza. A marinha mesmo falou para mim, o comandante falou para mim que pode chamar eles qualquer coisa, se ver algum jet-ski ou kitesurf, que é só chamar que eles prendem. Então, aquilo ali afugentava muito [os botos] mesmo, sabe. E tu sabe que o bagre, ele choca, e quem choca é o macho, que pega a ova e choca na boca, e fica janeiro e fevereiro. E tu sabe que o barulho do jet-ski, daqui-e-pra-cá assusta o cardume que para aqui dentro do rio, na bacia do rio aqui, da Barra até a ponte de cima e ele para por aqui. E é aqui que ele choca. Então onde o jet-ski passa, muitos até correm de um lado e pro outro e largam o ovo da boca. Isso é muito prejudicial. Por isso que conseguiram aí proibir esse jet-ski, foi muito importante, bá. Eu não sei se não foi por isso que muitos botos se sumiram. Muitos morreram, que a gente sabe que morreram, mas muitos se sumiram."

"Mas uma coisa é certo, se não tivesse os botos... Porque tem dias que os botos não estão aqui e, porque, porque tem um cardume de peixe no mar, aí elas tão lá perto da plataforma, no peixe lá, aí desce um peixe da lagoa aqui e o peixe vai todo embora. A gente vê ele indo embora pelo meio do rio. E não se pega uma. No momento que aparece um boto, já se pega."

Miraguaia – *"...Ali na plataforma de pesca ali, ali tinha bastante areia, então ali era as tripadeira de peixe, então assim ó, a ova de tainha era toda colocada assim, num arame, salgado, para vender em Osório, Maquiné e na Serra, certo? A tainha embalsamada, o bagre embalsamado, embalsamado é que é salgado, tá entendendo né? E a miraguaia embalsamada. Tudo assim. Dava um lance de miraguaia ali na frente de casa ali, e aí carregava dois ou três dias, não tinha mais sal para salgar, abria a rede e soltava a miraguaia. Aí o pai pegava uma canoa daqui e levava até Maquiné a remo para trocar por galinha, por feijão, ia até Maquiné, Morro Alto... a remo. Dependendo do vento... a favor dá um dia, contra dá uns dois até lá."*

"É, antigamente assim, eu, não sei se eu vou te explicar assim ó, era uma miséria, mas boa. Vou falar pelo perigo de andar na rua hoje, certo? É, tu não tinha o leite, leite era só leite de vaca, não tinha essa caixa, se tu não tinha dinheiro tu não podia comprar, agora iiz vou comprar uma pizza, iiz vou comprar um pastel, certo? Não tinha nada, nada, tinha pão no vizinho e acabou, certo? Era assim. Uma vez o pai pegou uma canoa de tainha, com uma malha 9, malhazinha pequeninha assim, dava um cesto básico. Hoje uma tainha dá 20 conto. Uma canoa de bagre dava um cesto básico. Um bagre hoje é 40 ou 50 conto. Essa era a diferença que tinha antes, sabe. Todo mundo pescava. Tu atirava uma linha e pescava um peixe. E ninguém dava bola para isso aí. Essa pesca aí, que existe hoje em dia, essa pesca não é pescaria. É seguro desemprego."

"Ali do lado onde é a câmara hoje ali era nosso, como vou dizer, nosso CEASA, os barcos encostados tudo ali, e os barcos de fruta, nós ia para a lagoa pescar eu e o pai, chegava ali botava as tainhas pra cima do barco, trocava por cacho de banana, dez abacaxis, era assim que a gente fazia tudo. Se não tinha que ir a Maquiné, buscar as frutas a remo. Era sacrificado, era difícil assim a vida. Mas era... Bá hoje é tudo mais rápido, mais fácil, mas hoje em dia tudo é perigoso. (...) Nós saíamos lá de casa e íamos até Santa Terezinha caçando lebre, perdiz e marreca e não tinha uma casa. Nada, nada, nada, nada, isso era um deserto. Até onde mora ali meus irmãos, (...) o pai comprou e disse, o Imbé vai crescer até aqui, e cresceu. Explodiu tudo."

"Tinha outra coisa ali, tinha a cooperativa, posso riscar aqui? [desenhou] Tinha a cooperativa aqui, isso aqui é uma madeira, certo? Aqui tu segurava aqui assim, e aqui tinha uns 35 cm. Aí aqui assim ó a cabeça do peixe, o rabo assim, botava a tainha assim... Se não desse da cabeça a carne do rabo 35cm, tu tinha que enfiar naquele lugar ou, entendesse? Então quando chegasse novembro, tinha o peixe-pau, o peixe-pau é esse sabe o facão que dá agora né?! Era um peixe fino assim, então ele estava na medida. Era fino mas era comprido assim, então era o peixe que se pegava pra vender. Podia ser um peixe gordo assim, mas se não desse 35cm de carne, era proibido. Hoje na lagoa, eles não tão nem aí. É dez canoas se batendo com tainhazinha de 60g, 50g, 40g, 30g... Eu sou radical ao extremo, não, não, não."

Peixe pequeno não é peixe. Lá em casa, se eu falar pra mãe em peixe pequeno ela enlouquece. Ela tem o pensamento dela e, peixe pequeno tu fritas 10 peixes, tu olhou e não tem nada feito. Peixe grande, fritou dois ou três pedaços e encheu um prato. Ali na lagoa é todo dia. Ah “não existe mais peixe”... mas não pode! não pode! Tem que deixar crescer mais.”

“Em 86 era eu sozinho contra duzentas pessoas na câmara de vereadores que era favor da pesca de camarão. (...) Em 86 eu era contra a pesca do aviãozinho¹¹ e eles a favor. Aí os biólogos da época do IBDF, acho que era, “eu sou a favor da pesca do aviãozinho e fecha a tarrafa”; eu sei e, imagina desde lá que que aumentou de pesca de aviãozinho, eu sei que mata de 5-7 tonelada de peixinho por dia e eles liberam aviãozinho e não liberam tarrafa, porque tarrafa mexe com o fundo da lagoa. Mas só mexe quando tu tarrafeia, se não tarrafeiar não mexe. E o aviãozinho mata a noite toda. Em 86, de 5-7 tonelada de peixinho por dia, e liberaram o aviãozinho. Tainhazinha, corvininha, linguadinho... tudo. Aí que condição? Aí vão liberar aviãozinho de camarão esse ano aí, tu imagina... imagina hoje. Quantos milhões de peixes deixam de reproduzir? Tá assim ó, não me fala em aviãozinho, sabe?! Onde depreda eu sou inimigo. Tipo essa pesca aí da violinha. Tu conhece violinha? Violinha? Mas tu conhece ela? Tu conhece a espécie que diz que tem aí ou a normal? Eles pegam filhote! A normal tu vai ali naquela Lagoa da Emboaba ali, é desse tamanho. Essa a violinha nossa. “filézinho bom é filézinho pequeno”, quê!, eles não deixam crescer. Será que eles não veem, que se pega 30g e 100g, o lucro de 100 é melhor que de 30. Será que eles não tem um pensamento assim? Essas pessoas que fazem isso tão cada vez pior na vida. Pra mim não adianta. Não acredito que consiga sobreviver fazer isso aí.”

“Que estudos eles têm para isso daí? Qual bagre tá proibido? Eu sei qual bagre tá proibido, vocês não sabem. Sabe qual o bagre que tá proibido? É o bagre gerubebê, não sei qual o nome científico dele. É um bagre que tem uma boca grandona assim, certo? Esse bagre pelo dia 24 ou 25 de setembro, ele

vem pro mar com o ovo na boca. Quando entrar em dezembro agora, ele já entra no arroio ali e eles pegam tudo. Eles pegam antes, entendesse? Eles pegam antes. O que tá proibido é o bagre leitão, esse aí pegam na lagoa aí. Conhece o leitão, não? O leitão tem a boquinha redondinha e tem duas amígdalas grandes. Eles são leitão, a carne dele é bem amarelinha assim. Ele é o da carne boa, mas é, dá pequeno. Esse tá em extinção, esse tem pouco, esse só dá no rio aqui.”

“O Talhamar falou do golfinho aquele, né? Nós estávamos pescando ali, e aí veio o boto, veio-veio-veio, veio mostrar, veio-veio-veio pitzzzzzz, ué o que houve aqui? era um golfinho que vive a 250 km da costa, ele falou pra vocês? A gente trouxe para cá... Nós pegamos ele, remando, remando, aí chamei o Talhamar, aí a gente estava encarangado os dois. Botamos uma boia para ele não morrer afogado, durou uns dois dias ali depois morreu. Era um boto diferente e enalhou. Eu e meu irmão agarramos ele mas ele morreu. É um boto mais fininho, é um boto só que mais fino. Botaram a boia embaixo dele. Mas estava doente, quando eles vem pra costa eles já tão mal.”

“O peixe-rei antigamente era uma loucura por lá, é, peixe-rei né, nas lagoas. Antigamente pegava muito pra vender cascudo, irmão da violinha, cascudo galinha. Outro que tinha muito era biru, roncadador, não sei qual é o nome. Sabe onde que mora esse peixe? Enterrado. Só vê esse aí quando dá enchente, que daí ele tá enterrado e sai. O cascudo tá em toca. (...) Cascudo é um bicho muito inocente, eu não gosto de matar aquilo. É muito inocente, parece um helicóptero. Tem um poço lá na Malva, que dei uma tarrafada e veio oito ou dez daquilo ali. Violinha não pego também. Se tiver fritada, eu como. Mas eu pegar, não pego. Bichinho muito inocente, coitadinho do bichinho. Sabe qual peixe mais saboroso que tem aqui na região? Que vocês mmmmm? Savelha. Um dia eu vou fazer em casa, vou fazer na conserva e vocês vão comer. Vocês não vão querer comer mais nada.”

“Outra coisa: vocês já viram a cabeça do bagre? Vocês já viram o que tem numa cabeça de bagre? O santo que tem na cabeça do bagre? Eu tenho lá em casa lá. Pega uma cabeça de bagre fedorenta na beira da praia pra tu ver e arruma um canto para por ela. A parte de cima dela, tu vira e

¹¹ Pesca comumente utilizada em lagoas rasas da região sul. É uma armadilha fixada ao fundo. A rede tem forma de um arrastão "traw" com duas mangas e um corpo, como o formato semelhante ao de um avião. Além da malha muito fina, utiliza atração luminosa e fauna acompanhante.

Jesus Cristo. Não viram ainda? Ninguém sabe. (...) Não existe coisa mais perfeita. Não existe um crucifixo que chegue perto. Até os espinhos que tem na cabeça. Aham. Todos bagres tem igual, tu seca e vira na parte de dentro”.

“Esse ano, agosto e setembro estava bom. Eu peguei nove tainhas hoje. E ainda tá dando peixe, sabe. Estava pescando na Barra hoje com o boto... com o golfinho [risadas]. A quantidade de gente que não sabe o que o boto faz, barbaridade. Ficam ali achando que a gente vai pegar o boto, sair correndo de um lado para o outro. Uhum. Uma vez um jeep parou do lado do meu irmão, ali do outro lado, e o meu irmão correndo o boto do lado do rio, e o IBDF chegou, querendo prender dois caras que estavam querendo pegar o boto [risadas]. Fiscal do IBDF! Custou para explicar para eles... A função deles é saber essas coisas e eles não sabem.”

“Desde que proibiram isso aí, as lanchas e o kite esse aí, os botos estão todo dia né, não pararam mais. (...) Não sei em que país que eu vi, que um desses aí passou e rasgou as costas do boto, cortou as costas do boto. O boto vai respirar e na hora passa ali né.”

Peixe-rei – Contou que desde 1999 a quantidade de peixes na Barra e nas lagoas começou a decair muito. Que antigamente na Barra e nas lagoas dava muito peixe-rei bonito, que dava para pescar uns 100-180 kg e hoje mal se via peixe-rei.

Que o que estava acontecendo hoje, a visível falta de peixe, já estava na bíblia, que as *“escrituras estão se cumprindo”*. Que o que também tinha prejudicado muito a pesca na Barra e nas lagoas havia sido o início da pesca do bagre com as redes que eram postas na água, próximas a entrada da Barra durante a noite. Que essas redes prejudicavam os botos que ficavam presos ali, e que por isso também muitos botos haviam sumido. (...) Explicou bastante sobre biologia dos bagres, dizendo que quem ia embora primeiro era a fêmea, enquanto os machos *“chocavam”* os ovinhos dentro da boca. Que quando os bagrinhos estão grandes, espetam a boca do pai, que tem que liberá-los. Falou das malhas das redes, que cada uma delas tinha um tamanho adequado para cada bagre. Que os bagres começam a aparecer a partir da metade de setembro, mas que esse ano apareceu muito menos que o normal, bem poucos mesmos - *“às vezes a gente vê saltando uns lá”*.

Explicou que os botos morrem nessas redes porque *“boto é bicho mamífero e todo bicho mamífero tem que respirar ar”*, *“por isso a gente vê os golfinhos, as baleias, fora d’água”*. Disse que, quando as redes estão ali, os botos não entram na Barra, ficam lá fora, de um lado para o outro. Citou os nomes dos botos que haviam sumido ou morrido: Pomba, Galhamol, Manchada, Barata e Lobisomem, e que ele acreditava ser culpa das redes.

“Me acusaram de crime ambiental por pescar de tarrafa aquele dia que me tiraram, mas eu sou pescador, como vão falar em crime? Estava quieto com a minha tarrafa. Crime ambiental é o aviãozinho”. Que foi a permissão do aviãozinho que destruiu a pesca e acabou com os peixes na Barra e nas lagoas. *“Corvininha, bagrinho, peixinho miúdo, ficam tudo preso no aviãozinho”*. Que com a tarrafa é diferente, *“tu vê peixe pequeno na tarrafa e tu joga fora”* - ressaltou, joga de volta para a água! - *“peixinho miúdo a gente devolve para o mar, porque tem que deixar o peixe crescer”*. Explicou que os peixinhos morrem pelo aviãozinho na lagoa e que pequenos eles não tem como se criar: *“é que nem matar uma mulher grávida, se tu mata a mãe, tu mata o filhote também e acaba com tudo”*. *“Do jeito que tá, pescador tem que trabalhar em outra coisa”*.

Não pesca mais, mas que seguido vai até a Barra e tem dias que volta para casas entristecido. *“É muita pobreza, é muito pouco peixe. Antes tinha muito, agora só peixe pequeno”*. Contou que não trabalhava mais com nada, se aborreceu, se sentiu envelhecido. Sabia de tudo sobre as tarrafas: como fazer, como ajeitar, como pescar. Se sentiu envelhecido e nunca mais pescou. Enfatizou: os dois fatores que acabaram com o peixe foi as redes de bagre e o aviãozinho: *“é o que afastava os botos e mata os peixinhos”*.

Ajudou a fazer uma coisa importante, que era entender que a pesca de aviãozinho precisava de um tempo para abrir e um tempo para fechar. Que com o aviãozinho, teve uma época, eles deixavam a rede o ano inteiro e isso era muito errado. Precisa começar em um momento e parar em outro, que isso era importante para cuidar dos peixinhos. Antigamente se pescava peixe-rei, corvina, duas a três canoas de uma vez, às vezes. Mas hoje, não tem nada mais.

Tem filhos, mas que não quis ensinar eles a pescar. Não quis ensinar sobre a pesca para eles, porque *“a pesca é malvada”*. Nem sobre a pesca, nem sobre as tarrafas. Queria que eles tivessem chance, queria que eles escolhessem as profissões deles e eles escolheram. Batalhou para eles estudarem. Reforçou

que a pesca não é uma atividade rentável, tem meses bons e meses ruins. Em meses que se tem muito peixe, é possível guardar algum dinheiro, se tem o que comer. Nos meses que se não tem nada de peixe, é necessário viver do dinheiro guardado. Ele não quis isso para os filhos. Preferiu os deixar escolherem suas profissões.

Linguado – Disse que agora é hora da gente se preparar e prestar atenção. Que é época de bagre, época para estar atento nos botos. Nessa época, tem gente que põe redes ilegais próximas à Barra de noite, e que isso é perigoso para os botos. Disse que vários dos botos que sumiram, devem ter sumido por essas redes. Citou a Manchada, a Galhamol e o Pomba. Ele acredita que esses botos morreram por causa da rede. *“Eu só queria que não existisse um peixe, e é o bagre”*. Por causa dele [bagre], eles tinham problema com a fiscalização e dava problema para os botos com essa rede. Não pesca bagre e não queria que tivesse esse peixe aqui.

Contou que o aviãozinho também tinha dificultado tudo, porque pegava bagrinho, corvininha, tainhazinha, e que isso era um problema. Que não dá para pegar peixe pequeno. Que eles não podiam ter permitido o aviãozinho. Que sempre que vêm peixes pequenos na rede dele, ele devolve para a água. Não dá para pescar peixe pequeno.

Robalo - Disse que não sabe como os botos ainda não se machucaram, como ainda não caíram na rede, principalmente nessa época em que aumentavam as redes de bagre. Nessa época tem muita rede na saída da Barra. Antigamente, a fiscalização vinha de barco com uma rede grande, puxando as redes que ficam durante a noite, mas que eles já não fazem mais isso. Que sem a fiscalização é difícil manter a pesca artesanal.

Diz que a pesca mudou bastante desde que começou. Antigamente, tinha muito peixe e pouca gente pescando. Antes, veranista e amador pescando eram poucos. Hoje são muitos, sem carteira e sem licença. Considera que isso dificulta o trabalho do pescador profissional. Além disso, a abundância de peixes era maior. Um dos grandes problemas para o pescador é quando os veranistas pescam na Barra e vendem o peixe mais barato que eles. Como os pescadores amadores não precisam desse dinheiro para viver, eles vendem por um preço mais baixo.

O aviãozinho mata muito peixe nas lagoas, muito peixinho junto com o camarão. Os peixinhos ficam presos na rede, morrem e depois são descartados. Contou que também pesca camarão, mas só pesca de tarrafa e ali na ponte. Que para o camarão usa uma rede de malha pequena e quando entra peixe pequeno, devolve direto para a água. Comentou que o próximo ano vai ser bom para pescar camarão já que dizem que vai ser um verão seco. A pesca do inverno que foi frio, também tinha sido boa.

Contou que os botos costumam dar a luz de dois em dois anos, mais ou menos entre dezembro e janeiro. Que os que sumiam eram pescados. Que quando acontecia era difícil alguém avisar, porque todo mundo tinha medo de pescar o boto. Que é crime e ninguém quer se que isso aconteça. Disse que a Galhamol também foi encontrada com uma rede em volta dela. *“Todos que sumiram, foram pescados nas redes”*.

O preço da tainha aumenta no verão, porque tem menos peixes. Que nessa época elas estão subindo [entrando do mar para as lagoas] para engordarem e terem os filhotes lá em cima [nas lagoas]. Disse que o que dificultava a venda eram os pescadores amadores que vendiam o peixe mais barato que eles na Barra.

Que nessa época agora tem muitas tainhas entrando na Barra. Que elas acompanham as marés e preferem a água doce nessa época de reprodução. Quando a maré está alta, elas entram mais para as lagoas; quando a maré está baixa, ficam até a parte mais baixa da Barra. Que as tainhas comem os *liminhos* das pedras e que os prédios que vão crescer no Imbé vão fazer mal. Que há poucos anos atrás era tudo mato e barro.

Não pesca nem come bagre, para ele, peixe mesmo é a tainha. É o peixe que mais gosta de comer. Contou que o pai dele fazia charque de bagre para vender por ali mesmo, não vendia em outras cidades. Fazia umas caixinhas para proteger o que ficava peixe pendurado ao sol de insetos. Que era uma tradição da região. Que antigamente, os bagres eram tão grandes que pareciam uns botinhos. Por isso até o nome do boto Bagrinho é esse: quando filhote parecia um bagre grande.

Savelha - *“Aquele dia da ressaca, tu tava aqui né?! Tu viu com estava perigoso, né?” “e tu viu a quantidade de gente aí?”* Mesmo com todo perigo,

muitos pescadores amadores vêm pescar. Ressaltou que eles não precisam disso, que é perigoso, que não sabe por que eles vêm tanto. Que quando vê, nesses dias perigosos, tem gente que não está acostumado e entra na água igual, e são eles que estão sempre lá que tem que ajudar a tirar as pessoas da água. *“Tem que cuidar, tem que respeitar o mar.”*

“É a mesma coisa a tarrafa, como vou por na água se não tem espaço? De tanta gente em volta? Uma vez tinha um cara colado em mim, mas colado. Fiquei pedindo para ele ir mais para o lado, que colado daquele jeito não tinha como lançar a tarrafa.” Contou que nesse dia o Lobisomem estava mostrando as tainhas e ele não conseguia jogar a tarrafa porque não tinha espaço para a manobra. Ele pediu de novo e o homem não saiu. Contou que em algum momento se irritou e tirou o boné do homem. O homem saiu de perto dele e nunca mais apareceu [risadas]. Que era assim, muitas vezes os amadores que não sabem pescar e ficam colados neles para tentar pescar alguma coisa, mas que atrapalha demais. Contou rindo de algumas vezes que combinavam entre eles [pescadores profissionais] e saiam correndo de um lado para outro da Barra só para ver os amadores correndo atrás deles [risadas]. Que os amadores olham para eles, não para os botos. Contou que fazem isso só de sacanagem, para rir um pouco. Que certa vez, até o homem que foi enganado teve que rir, de tanta vergonha que sentiu. Que a maioria dos amadores segue o movimento deles, não o movimento dos botos, que nem olha para a água para ver se tem boto mesmo. *“Até que dá pouca briga para o chafurdo que é! [risadas]”*.

Não quis ensinar os filhos a pescar ou trabalhar com artefatos de pesca. Até ensinou um deles a fazer tarrafas, mas não era o interesse dele, que tem outra profissão. Não queria que o filho fosse pescador, sabe que enfrentaria tempos difíceis se fosse.

Contou que a fiscalização era diferente antigamente. Que vendia as tarrafas que fazia na Barra. Muito pescador amador comprava e se divertia, mas como não conseguiam pescar muitos peixes, além de comprar a tarrafa, compravam dele também o peixe. Ele também comprava e trocava tarrafas na Barra. Isso ajudava a ganhar a vida, porque ajudava a fazer dinheiro também.

No verão, apesar da quantidade de gente que enche o local, pesca porque é uma época boa para vender peixe. O que é pescado é logo vendido. Prefere vender logo o peixe, seja na Barra ou para fregueses, uma vez que não gosta de ter que

armazenar o peixe em casa. O peixe congelado muda de sabor, muda de qualidade e ainda gasta dinheiro da luz.

Contou que a pesca mudou bastante, desde quando havia começado, até agora: *“Se mudou muito? Bastante!”*. Que ninguém fazia nada para melhorar. Que se pede informações para pessoas que não vivem aqui, que não trabalham com pesca, que nunca estão aqui ou que são muito novas para saber dizer, ao invés de perguntar para quem conhece o lugar. Contou que um dia estava na Barra pescando e, em uma tarrafada, um siri entrou na tarrafa e ficou enroscado. Ele tirou o peixe e depois tentou tirar o siri, para puder continuar pescando. Só que o siri estava muito enroscado e ele teve que quebrar uma das quelas do siri para poder removê-lo da rede. Nesse momento, um casal que se apresentou como biólogos, começou a ficar em cima dele. Que a mulher o condena por ter feito aquilo, que ele não precisava ter cortado a quela do animal. Ele disse que não tinha problema, que a quela ia crescer de novo, que era melhor que ficar o bicho preso na rede. Ela insistia que não, que a quela não ia crescer, enquanto ele seguia tentando explicar para ela que sim, que ele tinha crescido vendo isso acontecer. Disse ainda *“siri tem de montão! Não vou brigar por isso, mas eu já vi várias vezes desde guri, eu sabia o que eu estava dizendo!”*. Disse também que, muitas vezes a fiscalização incomoda eles por eles estarem limpando o peixe na beira da Barra, devolvendo as cabeças e escamas de volta para a água. Ressaltou: *“Não sei por que incomodam, nada se perde. Os biguás comem, outros peixes, siris, não é lixo que eu estou devolvendo! Ainda mais sendo a água o lugar deles, não nosso.”*

Contou que várias vezes os pescadores amadores que não sabem pescar direito, jogam a tarrafa no boto e atrapalham a pesca dos pescadores, e que outras vezes ficam muito perto, tirando o espaço necessário para jogar a rede. Além disso, ressaltou que a quantidade de gente pescando, principalmente de pescadores amadores, dificultava a pesca para os pescadores que dependem disso para sobreviver. Quanto mais gente pescando, menos peixes têm: *“só porque sou pescador, não vou morrer de fome para ser”*. Apesar de ser pescador e ser essa sua principal atividade, para garantir o sustento da família faz outros bicos. Esses outros bicos não são sua profissão porque os faz só de vez em quando, enquanto a pesca é sua profissão porque está lá sempre que possível. Todos os dias vai até a Barra para tentar sobreviver

da pesca, mas que nem sempre isso é possível. *"Todos os pescadores atuais tem que fazer mais alguma coisa para sobreviver"; "Faço os bicos para me defender, tenho família e criança pequena em casa. Não vou morrer de fome só porque sou pescador"*.

Pescar deveria ser que nem dirigir. Deveria existir uma licença para cada tipo de pesca. *"Se eu tenho carteira para veículos leves, não posso dirigir veículos pesados porque eu não sei fazer isso, não estou apto ou não estou liberado. Para ser liberado a fazer isso, tenho que fazer uma prova, mostrar que eu sei o que estou fazendo."* *"Não posso sair dirigindo cargas pesadas se eu só tenho licença para cargas leves, a pesca deveria ser igual."*

Não pesca bagre. Se vier na rede devolve, ainda mais se está com ovos na boca. No verão a fiscalização aumenta, já que aumenta muito o número de pessoas com tarrafa irregulares ali na Barra. Antigamente, antes das leis de pesca atuais, quando mais gente podia ter redes, a Barra era cheia de gente pescando e, mesmo assim, não era tão bagunçado como é hoje.

Não costumava guardar o peixe em casa. Prefere vender tudo na Barra mesmo, ou sair de lá e ir passando nos fregueses para vender. Armazenar em casa, além de ser um gasto de luz extra, muda muito a qualidade do peixe. Antigamente vinha muita gente comprar o peixe direto na Barra, mas agora muito menos gente faz isso. Hoje em dia, o pescador tem que correr mais para vender o pescado. Ressaltou que guardar o peixe e o congelar muda a qualidade do peixe. Muda o gosto, a textura e o que ele vale. Que depois de congelado, não pode cobrar a mesma coisa por um peixe do mesmo tamanho quando fresco, desvaloriza o peixe. Por isso se esforça para não levar nada para casa, ainda que nos dias de hoje seja muito mais difícil vender na Barra, que às vezes não tem ninguém lá para comprar.

Baiacu – Começou a pescar em uma época que dava muito peixe, saíam da Barra e iam vender os peixes nas bancas. O peixe se vendia muito rápido e não precisavam armazená-lo. Todos acompanhavam a pesca na Barra, iam sempre lá. Para pescar ou saber se estava dando peixe, tinham que estar lá. Que o celular hoje em dia atrapalha a pesca [risadas] porque um só vai lá ver como está e já avisa os outros, e assim a Barra fica cheia. Além disso, antigamente a Barra era cheia de canoas e caiaque [caíques]: *"todos*

pescadores tinham". Seu pai tinha uma canoa e ele também, mas tinha vendido a dele porque tinha muita roubalheira, não valia a pena. Todo mundo usava as canoas para pescar, voltavam com elas cheias de peixe.

"Vocês sabiam que corvina tem moela? Corvina e tainha." Em todos esses anos pescando, a corvina e tainha eram os únicos peixes que ele sabia ter moela por ter visto. Que agora está bom para pescar corvina: elas descem do Litoral de São Paulo e o Nordeste ajuda a chegar aqui na costa, nessa época do ano. Elas começam a chegar nessa época do ano e dá para pescar essa espécie até janeiro. Que antes era mais comum, mas agora com as redes no mar, é mais difícil virem peixes bons, mas que o Nordeste ajuda com a corvina. Disse que desde pequeno, nunca viu outro peixe além desses dois com moela.

Proibir a tainha não vai adiantar de nada, nem por dois anos, nem por mais tempo. *"Para ter peixe sempre, é preciso definir uma malha correta para pescar a tainha, que só pegasse tainhas grandes. Isso ajuda bem mais a preservar as tainhas do que proibir a pesca delas"*. Para ele, o pior de tudo é a traineira nos barcos de arrasto, em que as redes são feitas de corda, com uma malha pequena que não deixa passar nada. Pega todos os peixinhos. Que uma rede de plástico, com uma malha certa, como ele faz, é o que devia ser feito ao invés de proibir a pesca por dois anos, seja da tainha ou de outro peixe. Em dois anos, o número de cardumes que vai aumentar, vai ser pescado muito rápido assim a pesca for liberada de novo. É assim, com as redes de arrasto no mar. Esses cardumes que aumentariam em dois anos, sumiram nas redes em dois dias. Assim como o arrasto, o cerco também é ruim, *"o cerco é criminoso, mata tudo!"*.

Uma vez, pescando na Barra do Papagaio chegaram muitas corvinas vivas na beira da praia, ali mesmo na areia. É isso que acontece quando as redes arrebentam no mar. As corvinas ficaram meio perdidas e chegaram à costa vivas. Chegaram à praia com o vento Leste, ainda vivas e foi fácil de pegá-las. Dessa vez, voltou com o carro cheio e só não trouxe mais porque não tinha espaço. Pegou só corvinas grandes, de tantas que tinham. Dava até pena passar com a caminhonete por cima da que tinham sobrado, que iam morrer e que não iam ser consumidas.

O tempo bom da pesca já acabou. Que faz mais ou menos 30 anos, quando apareceu a pesca industrial e as traineiras, que a pesca começou a ficar

difícil. Que antes disso, eles pescavam tainhas de até 4-5kg: “*uns tocão, umas tainhas gordas, assim de carne.*” “*Quê artesanal o que!!!, não dá para viver com isso*”. Passou aquela manhã na Barra, com dois botos e muito pouco peixe. É trabalho demais. É perda de tempo e cansa muito ficar esperando, ainda mais em dias de sol e vento forte. O vento corta, o vento assa. Sol forte cansa muito, ainda mais quando não é possível pescar. Que agora, na época das redes de bagre na entrada da Barra, as tainhas não conseguem entrar na Barra e os botos também não. A tainha anda no meio do bagre e morre nessas redes também. A tainha se alimenta da gordura que sai da pele do bagre nessa época, fica entre eles e vai se nutrindo. As redes de bagre pescam elas também, além de bastante bagre. “*A pesca é boa, mas às vezes dá nojo*”, se referindo às redes que acabam com o peixe, “*quem faz isso não é pescador, é baderneiro, é bagunheiro, não é pescador. Pescador de tarrafa não faz isso*”. Que para fazer isso tem que ter muita coragem, entrar no mar de madrugada para tirar rede. Não vale o risco, ainda mais para acabar com o peixe, não é pescador que faz isso.

Todos seus filhos sabem sobre a pesca, mas nenhum é pescador de profissão. Um filho gosta de pescar, mas que ele não o deixou ser pescador. Não queria isso para o filho. Correu muito para os filhos não se envolverem na pesca, para que estudassem. Contou que o filho tinha dito recentemente que queria fazer com ele uma viagem para o Sul, como faziam antigamente. Que às vezes eles pescam juntos. Mas que ele não deixava o filho pegar numa tarrafa, porque se não “*já era... se sentir o peixe puxar, nunca mais vai sair dessa vida!*”.

“*O tempo bom já foi, agora a pesca é só para se manter*”. Que não dá para começar, que ensinou tudo sobre as tarrafas para os filhos, mas não quis que eles pescassem. Não ia deixar ser pescador. “*Não dá para sentir o peixe puxando*”. Ele não teve toda a educação, mas que correu para os filhos estudarem, hoje eles fazem faculdade. Contou seu pai sempre dizia para ele: “*filho, guarda dinheiro que o peixe vai acabar*”. Que tinha dias que davam muito peixe e muito dinheiro, e dias que não dava nada. Tem que guardar, ainda mais agora que quase não tem mais peixe. Tem que se organizar, guardar o dinheiro. Tem que ter alguma ambição, não dá para ser tão acomodado. A pescaria era boa antigamente, principalmente entre maio e junho. Que agora não era mais, agora tem muito pouco peixe. Que antes tinha uns peixe-rei bonito e agora é só uns pequeninhos.

Que agora, quando dá, só dá peixe-rei quando dá Minuano. Repetiu que os tempos bons de pesca já acabaram, que a fiscalização não fazia nada e que era muito pouco peixe. Que eles proibem coisas que não precisavam proibir, enquanto tinham coisas muito piores que não eram proibidas [arrasto, cerco, aviãozinho].

Teve uma época, anos atrás, que Colônia liberava pesca de bagre em determinado período, quando era com espinhel, quando o espinhel ainda era permitido. Liberavam às vezes e só depois das 18h. Que atualmente, o espinhel é proibido, mas menos pior que as redes, mata muito menos peixe que as redes. Que o espinhel é muito mais seletivo do que a rede, que só mata peixes que estão com fome. Só peixe que não está bem forte, que está com fome e vai na isca do espinhel. Que é uma arte que não estraga a pesca, não *esculhamba* a pesca, não acaba com os peixes, como fazem as redes de pesca no mar. Contou que quando era permitido ele participava, que era uma pesca muito boa, voltava para a casa encharcado lá pelas 2h da manhã e cheio de peixes. Que era uma pesca que rendia muito e não *esculhembava* nada. Que não entende porque é proibida, porque deixam a pesca de rede e não deixam o espinhel. Que passavam noites muito frias, mas que eles ficavam lá aguentando porque valia muito apenas. Contou que a coca também era uma pesca boa, uma “*pesca que não estraga*”, uma vez que é uma pesca bastante seletiva também. Disse que elas são pescas diferentes do aviãozinho, que é o pior e acaba com o pescado. Que a coca também é muito menos pior que o aviãozinho. Na Barra, o pior de todos é o aviãozinho: “*os peixinhos se perdem só de entrar na Barra quando tem aviãozinho*”. Só de entrar na Barra os peixinhos já têm chance de morrer quando o aviãozinho está lá para pegar camarão. Que no aviãozinho, a cada 4 kg de camarão que é pescado, 10 kg de peixinhos morrem junto. Peixinho que é perdido, que é descartado, por isso a pesca acaba. O aviãozinho mata os peixinhos. Desde que começou diminuiu o peixe nas lagoas e na Barra. Contou que o aviãozinho sempre vai ser permitido, porque os homens que pescam com isso, retiram os peixinhos antes de a fiscalização chegar. Que às 4h da manhã, eles já vão para a água retirar os peixinhos e devolvem os camarões até a fiscalização ir ver. Disse que a fiscalização, se não for esse horário, nunca vai ver os peixinhos e o aviãozinho nunca vai ser proibido.

Disse que o que ele tem ele conseguiu da pesca, mas que hoje em dia não dá, que os anos bons já foram. Que a fiscalização não ajuda, que eles chegam na Barra armados e não ajudam ninguém. Que a prefeitura deveria investir em folhetos - “*que nem esses aí que vocês trouxeram, não sei como vocês chamam esses papeizinhos*” - , que nem os que a gente tinha levado, sobre as espécies de peixe da Barra e distribuir. Que todo mundo deveria poder pescar, que ter os turistas ali pescando é bom porque daí eles também vendem tarrafas. Que ficar proibindo não ajudava . (...) Insistiu que todos deveriam poder pescar. Disse que ao invés de punir a fiscalização deveria educar, fazer esses papéis que nem os que a gente tinha levado com as espécies de peixes e o tamanho que podia pescar, ir lá e conversar com as pessoas. Distribuir no verão e durante o ano e as pessoas iam saber o que podem pescar ou não e ainda mantinha o movimento da Barra. Disse que antigamente, o sindicato cobrava uma taxa para turista pescar. Disse que se cobrasse hoje e dividisse o lucro entre sindicato, órgão ambiental e pescadores, todo mundo ia sair lucrando. Que se cobrassem 100 reais por temporada de cada turista que vai lá pescar de forma legal, ia render para todos. Que seria uma carteira de amador com prazo de validade e que o turista teria que aprender alguma coisa.

Antigamente, tinha dias que dava para fazer R\$800,00 reais por dia, hoje em dia nós¹² tínhamos sido os primeiros a comprar dele e ele tinha passado a manhã na Barra tentando pescar e não tinha pegado nada. Ele pesou os peixes, deu R\$14,00. Disse que esse havia sido o lucro do dia dele, mesmo ele tendo passado todo o dia trabalhando.

Corvina - Se esforça para o filho estudar, não quer para ele a vida de pescador. Ele é bom aluno, é sempre elogiado pelas professoras. Várias vezes o filho vai com ele até a Barra e ele já sabe bastante sobre os botos. Ele também ajuda em casa. Mesmo assim, ele insiste que o menino tem que estudar. Às vezes ele não deixa o guri ir até a Barra, mas que quando ele chega lá, o menino está lá também com a

sua bicicleta: “*O que eu posso fazer? Brigar? Eu era igual quando tinha a idade dele!*”.

¹² Nós do projeto (eu e um dos gerentes) havíamos levado para ele ver os folders produzidos sobre a pesca cooperativa e a importância de consumir a tainha pescada com os pescadores artesanais de tarrafa, sobre o que se pode fazer na Barra (zoneamento) e o sobre o Projeto dos Botos.

3.2. Trechos selecionados e agrupados pelas categorias de análise: o que foi apresentado para os participantes

1. Conhecimento tradicional

“Nasci na beira da praia, nasci na beira do rio. E aí, o dia inteiro boto aí no rio, vendo o pai pescando e eu fui aprendendo...”

“Tudo que eu sei sobre a pesca, aprendi com meu pai...”

Aprendeu a pescar com os pescadores antigos da Barra, como por exemplo, o falecido Prezalino, que era um pai para eles na Barra, *“não tinha gente como ele”*.

O avô já pescava com os botos, *“isso é coisa antiga”*. *“Se eu já pesco com os botos há mais de 30 anos... os botos são muito mais antigos aqui”*.

2. Importância do boto para a pesca

“O boto é tudo para nós aqui na Barra. Já salvou muito a comida na panela.”

“Se nós não temos os botos aqui, nós não teríamos mais a pesca na Barra. Uma coisa é certa, isso eu tenho certeza. Porque o peixe vem e desce pelo meio do rio, e no meio do rio não se pode tarrafejar. Se não houvesse boto, não haveria pesca.”

“Aí tinha a Manchada, a Manchada que é a mãe da Geraldona, melhor bota fêmea que teve para nós foi a Manchada. Bá, a produção dela foi, nossa. Era uma bota grande também.”

O boto ajuda o pescador porque é esperto. Principalmente quando água está clara e a tainha vê melhor. A tainha fica na beirada para fugir dos botos e eles mostram para o pescador onde ela está. Quando o pescador joga a tarrafa, é mais fácil para os botos pegarem a tainha. Para o pescador, também é mais fácil pegar o peixe com o boto. Uma vez, anos atrás, ele jogou a tarrafa quando o boto sinalizou e pescou 42 tainhas de uma vez só.

O melhor boto para *“pescar junto”* é a Geraldona, *“sempre a Geraldona”*.

A pesca é mais fácil com os botos, *“rende mais com eles, é mais fácil pegar o peixe com eles”*. Apesar disso, dá para pescar sem os botos também. Às vezes está correndo o peixe e o boto não dá bola, não dá para esperar. Às vezes, os botos só estão ali na Barra descansando, *“eu quero o peixe, não o boto!”*.

Com o boto é mais fácil, o boto aperta o peixe, agrupa mais os cardumes em direção à margem, aos pescadores. Tem dias que é uma *correria*. Antigamente era mais, agora nem tanto, depende do dia. O boto Lobisomem era muito rápido. Ele mudava o lado da Barra muito rápido, entrava e saía: *“com ele sim a gente corria demais”*.

Apesar de gostar de pescar de tarrafa, gosta mesmo é de pescar de tarrafa com os botos. Que dá para pescar sem eles, vem peixe, mas que gosta mesmo é da correria com o boto, da sensação e da adrenalina que dá, e também porque rende muito mais peixe.

“Todos botos são bons, todos correm bem.”

Todos falam da Geraldona, mas bom mesmo é pescar com os quatro botos que estão sempre ali: a Rubinha, o Chiquinho, o Coquinho e o Bagrinho. Já os botinhos novos, ainda são difíceis de dar nome porque são *“todos iguais”*. Ainda não tem marcas no corpo e ainda são um pouco bobinhos, não tem um jeito de pescar ainda.

3. Relação afetiva pescador com os botos

“Nossa história toda aqui está entorno de botos. Os botos, para nós, nós cuidamos muito.”

“Eu acho que os botos conhecem, conhecem todos nós. Conhecem mais aqueles que estão todo o dia ali, tem uns pescadores que são muito conhecidos por eles.”

“Os filhotes a gente cuida muito quando eles aparecem. A gente cuida muito pra não por a tarrafa em cima, porque os filhotes vêm bem bobos. Tem pescador que já pegou um boto ali quando tinha a ponte velha. (...) E os botos ficaram tudo em volta. Ahhhhh,

ficaram tudo em volta. Eles emitem um som, parece uma criança chorando. Dá para ouvir. Um apito, um assobio assim. Aí quando a gente conseguiu desvencilhar ele da tarrafa, ele pulou na água, pegaram o mar e ficaram uns três dias sem vir. É. É, uns bichos muito inteligentes. Mas eles sabem, todos os botos sabem, que a gente não prejudica eles. Eles sabem e nos conhecem. Pode se atirar na água e ir lá perto deles, eles não se assustam.”

“Tem uma coisa que fico sempre ficou marcado na minha mente, assim, uma vez que estava a Manchada com o filhote e uns outros botos ali. Daqui a pouco eles começaram a saltar, de cinco a seis metros de distância assim, sabe, e em direção ao mar. Todo mundo olhando apavorado. Um cara tinha pegado lá do outro lado da Barra um botinho na tarrafa. Como é... sabe que a água leva o som né, mas assim ó, como é que conseguiu... foi assim ó, uns 30 segundos não sei, até a boca da Barra, aqueles golfinho, cinco, seis metros de distância, tudo junto assim. Rasgaram a tarrafa do homem para tirar o boto da tarrafa do cara. É assim, uma coisa... a natureza é... Mãe é mãe, né?!”

O Lobisomem era o campeão de roubar peixes das tarrafas. Sempre que ele mostrava, viam ele com uma tainha na boca.**

“Tem uma tarrafa que eu fiz lá em casa, para pegar com o Lobisomem. Uma tarrafa bem pesada assim, porque ele tirava o peixe da tarrafa. É. Uma tarrafa de argola, porque ele entrava e saía com uma tainha na boca. Eu vi um monte de vezes, ele entrava e fazia assim com o rabo. Eu vi várias vezes ele fazer isso aí. A natureza é fantástica, né? Ele levantava o chumbo, ele entrava por baixo e saía assim. Milésimos de segundos. Eu não sei, como que consegue pegar né? Ele entrava por baixo e pegava a tainha. A natureza é fantástica, não tem, não tem.”

O Barata era o boto que ele mais pescava: “o Barata era o amigão, não roubava tainha da tarrafa e estava sempre por ali”. Os outros botos podiam ir e voltar, ou às vezes nem aparecer para pescar, mas o Barata estava sempre ali.

“Tinha o boto Pomba, ele saiu da Barra ali, saltou e bateu em uma pomba, por isso o nome dele é Pomba. Mas era um monstro de um bicho assim, nossa. Era maior que o Lobisomem. (...) A cada 100 aguapé

*que descia do rio, em uns 99 ele se roçava. Aham. Ontem tinha um lá, se roçando em um aguapé. Deve ser cria do Pomba, roçando no aguapézinho.”***

“O Pomba às vezes ele ficava assim, uma miséria desgraçada, ele ficava com a cabeça de fora assim, duas três horas assim com aqueles gritos lindos “meaaaammm”, duas horas parado assim com a cabeça de fora ele ficava assim, com a cabeça de fora, sozinho, sozinho, ali na frente de casa. O Pomba era o cantor dali.”

Todo mundo deveria saber o que acontece aqui, sobre os botos e da pesca com eles. Saber como eles ajudam o pescador. Não entende como alguém pode não gostar desses bichos, é muito lindo ver eles lá.

4. Consciência ambiental e conhecimento biológico

Os botos conhecem bem a Barra, como os pescadores que estão lá no dia-a-dia.

“É assim, se a gente não cuidar, tudo vai terminando”. Tinha muito mais peixe antes, tudo anda terminando: “por sorte, quando tem botinho, ajuda”.

“E sabe que é isso aí, esses botos têm que continuar. Eles têm que aumentar aí e eles tem que ter o descanso deles. Porque o rio é o descanso deles, né. Eles saem no mar, eles andam no mar, mas eles não andam em alto mar.”

“Estava pescando na Barra hoje com o boto... com o golfinho. A quantidade de gente que não sabe o que o boto faz, barbaridade. Ficam ali achando que a gente vai pegar o boto, sair correndo de um lado para o outro. Uhum”

Os botos morrem nas redes porque “boto é bicho mamífero e todo bicho mamífero tem que respirar ar”, “por isso a gente vê os golfinhos, as baleias, fora d’água”. Disse que, quando as redes estavam ali, os botos não entram na Barra, ficam lá fora, de um lado para o outro. Sumiram nas redes o Pomba, Galhamol, Manchada, Barata, Lobisomem...**

“Corvininha, bagrinho, peixinho miúdo, ficam tudo preso no aviãozinho”. Que com a tarrafa é diferente, “tu vê peixe pequeno na tarrafa e tu joga fora” - ressaltou,

joga de volta para a água! - *“peixinho miúdo a gente devolve para o mar, porque tem que deixar o peixe crescer”*.

Explicou que os peixinhos morrem pelo aviãozinho na lagoa e que pequenos eles não tem como se criar: *“é que nem matar uma mulher grávida, se tu mata a mãe, tu mata o filhote também e acaba com tudo”*. *“Do jeito que tá, pescador tem que trabalhar em outra coisa”*.

Não adianta proibir as tainhas para preservá-las. *“Para ter peixe sempre, é preciso definir uma malha correta para pescar a tainha, que só pegasse tainhas grandes. Isso ajuda bem mais a preservar as tainhas do que proibir a pesca delas”*.

Antigamente, os bagres eram tão grandes que pareciam uns botinhos. Por isso até o nome do boto Bagrinho é esse: quando filhote parecia um bagre grande.**

Não quis ensinar os filhos a pescar. Não quis ensinar sobre a pesca para eles, porque *“a pesca é malvada.”* Nem sobre a pesca, nem sobre as tarrafas. Queria que eles tivessem chance, queria que eles escolhessem as profissões deles e eles escolheram. Batalhou para eles estudarem.

Não quis ensinar os a pescar ou trabalhar com artefatos de pesca. Até ensinou um deles a fazer tarrafas, mas não era o interesse dele, que tem outra profissão. Ficou aliviado, não queria mesmo que o filho fosse pescador, sabe que ele enfrentaria tempos difíceis se fosse.

Ensinou tudo sobre as tarrafas e sobre como trabalhar com as redes para a família. Desde quando moravam todos juntos até hoje, todos na casa ajudavam com as redes e nos demais trabalhos referentes à pesca. Trabalhavam bastante juntos, todos ajudavam em casa. Mesmo assim, incentivou os filhos a estudarem e terem outras profissões. Não queria que fossem pescadores.

O aviãozinho mata muito peixe nas lagoas, muito peixinho junto com o camarão. Os peixinhos ficam presos na rede, morrem e depois são descartados. Pesca camarão, mas só pesca de tarrafa e ali na ponte. Para pescar o camarão usa uma rede de malha pequena. Quando entra peixe pequeno nessa tarrafa, devolve direto para a água. Não dá para pescar peixe pequeno.

5. A pesca ontem-e-hoje

A Barra, na época em que começou a pescar, era só areia e pescador.

“O aviãozinho mata a noite toda. (...) Tainhazinha, corvininha, linguadinho... tudo. Aí que condição? Aí vão liberar aviãozinho de camarão esse ano aí, tu imagina... imagina hoje. Quantos milhões de peixes deixam de reproduzir? (...) Onde depreda eu sou inimigo!”

Não pesca mais, mas seguido vai até a Barra e tem dias que volta para casas entristecido. *“É muita pobreza, é muito pouco peixe. Antes tinha muito, agora só peixe pequeno”***.

Meu pai sempre dizia: *“filho, guarda dinheiro que o peixe vai acabar”*. Que tinha dias que davam muito peixe e dias que não dava nada. Tem que guardar o que consegue, ainda mais agora que quase não tem mais peixe.

A pesca é sua profissão, está lá na Barra sempre é que possível. Todos os dias vai para a Barra para tentar sobreviver da pesca, mas isso nem sempre é possível. *“Todos os pescadores atuais tem que fazer mais alguma coisa para sobreviver”*.

6. Ethos: Ser pescador

“É pescador quem sobrevive da pesca. Que tem conhecimento da pesca é aquele que está lá dia-a-dia”.

“Todo trabalho é bom, se a pessoa gosta do que faz. É como tu me perguntou, como tu começou a pescar: porque eu gosto. Desde que comecei a pescar, comecei a gostar, fui me aperfeiçoando. Fui aprendendo com os outros, os mais antigos e, porque gosto mesmo.”

Ama o que faz. Às vezes, escuta que deveria largar a pesca, que poderia fazer outra coisa. Mas não larga a pesca, ama o que faz. Apesar de gostar de pescar de tarrafa, gosta mesmo é de pescar de tarrafa com os botos. Dá para pescar sem eles, vem peixe, mas que gosta mesmo é da correria com o boto, da sensação e da adrenalina que dá, e também porque rende muito mais peixe.

Gosta da Barra, das amizades e da adrenalina de pescar, "*principalmente de sentir o peixe puxar*". Já pensou em tentar outras profissões, mas o que gosta mesmo é de pescar, gosta muito do que faz.

Desde pequeno passava os dias na Barra, conhece muito dali: "*no dia-a-dia aprendi sobre esse lugar*", todo o dia vai até lá ver como a pesca está. "*Reconheço cada boto, assim como reconheço cada pescador*". Reconhece os botos pelo jeito de cada um de pescar, assim como reconhece cada pescador pelo jeito de jogar

a tarrafa: "*posso não enxergar quem é, mas se eu ver jogando a tarrafa eu reconheço quem é.*"

**Trechos selecionados pelos sujeitos-participantes, mas que não foram incluídos na exposição ou porque se repetiam de alguma forma; ou porque necessitariam uma explicação em anexo (e.g. trecho dos botos que morrem nas redes, em que se precisaria saber que são as redes de pesca ilegais e não as redes das tarrafas) ou porque pareciam deslocadas entre as fotografias.

3.3. A construção da exposição fotográfica

“É pescador quem sobrevive da pesca. Que tem conhecimento da pesca é aquele que está lá dia-a-dia”



“Nasci na beira da praia, nasci na beira do rio. E aí, o dia inteiro boto aí no rio, vendo o pai pescando e eu fui aprendendo...”, “Tudo que eu sei sobre a pesca, aprendi com meu pai...”



Aprende a pescar com os pescadores antigos da Barra, como por exemplo, o falecido Prezalino, que era um pai para eles na Barra, “*não tinha gente como ele*”.



A pesca é sua profissão, está lá na Barra sempre é que possível. Todos os dias vai até a Barra para tentar sobreviver da pesca, mas isso nem sempre é possível...



“Todo trabalho é bom, se a pessoa gosta do que faz. É como tu me perguntou, como tu começou a pescar: porque eu gosto. Desde que comecei a pescar, comecei a gostar, fui me aperfeiçoando. Fui aprendendo com os outros, os mais antigos e, porque gosto mesmo.”



“Todo mundo deveria saber o que acontece aqui, sobre os botos e da pesca com eles. Saber como eles ajudam o pescador...”.



“O boto é tudo para nós aqui na Barra. Já salvou muito a comida na panela.”



Com o boto é mais fácil, o boto aperta o peixe, agrupa mais os cardumes em direção à margem, aos pescadores. Tem dias que é uma *correria*. Antigamente era mais, agora nem tanto, depende do dia. O boto Lobisomem era muito rápido. Ele mudava o lado da Barra muito rápido, entrava e saía: "*com ele sim a gente corria demais*".



Ama o que faz. Às vezes, escuta que deveria largar a pesca, que poderia fazer outra coisa. Mas não larga a pesca, ama o que faz. Apesar de gostar de pescar de tarrafa, gosta mesmo é de pescar de tarrafa com os botos. Dá para pescar sem eles, vem peixe, mas que gosta mesmo é da correria com o boto, da sensação e da adrenalina que dá, e também porque rende muito mais peixe.



“Eu acho que os botos conhecem, conhecem todos nós. Conhecem mais aqueles que estão todo o dia ali, tem uns pescadores que são muito conhecidos por eles.”



"Os filhotes a gente cuida muito quando eles aparecem. A gente cuida muito pra não por a tarrafa em cima, porque os filhotes vêm bem bobos. Tem pescador que já pegou um boto ali quando tinha a ponte velha. (...) E os botos ficaram tudo em volta. Ahhhhh, ficaram tudo em volta. Eles emitem um som, parece uma criança chorando.

Dá para ouvir. Um apito, um assobio assim. Aí quando a gente conseguiu desvencilhar ele da tarrafa, ele pulou na água, pegaram o mar e ficaram uns três dias sem vir. É. É, uns bichos muito inteligentes. Mas eles sabem, todos os botos sabem, que a gente não prejudica eles. Eles sabem e nos conhecem. Pode se atirar na água e ir lá perto deles, eles não se assustam.”

“Todos botos são bons, todos correm bem.”



“Se nós não temos os botos aqui, nós não teríamos mais a pesca na Barra. Uma coisa é certa, isso eu tenho certeza. Porque o peixe vem e desce pelo meio do rio, e no meio do rio não se pode tarrafejar. Se não houvesse boto, não haveria pesca.”



“Tem uma tarrafa que eu fiz lá em casa, para pegar com o Lobisomem. Uma tarrafa bem pesada assim, porque ele tirava o peixe da tarrafa. É. Uma tarrafa de argola, porque ele entrava e saía com uma tainha na boca. Eu vi um monte de vezes, ele entrava e fazia assim com o rabo. Eu vi várias vezes ele fazer isso aí. A natureza é fantástica, né? Ele levantava o chumbo, ele entrava por baixo e saía assim. Milésimos de segundos. Eu não sei, como que consegue pegar né? Ele entrava por baixo e pegava a tainha. A natureza é fantástica, não tem, não tem.”



O avô já pescava com os botos, "isso é coisa antiga". "Se eu já pesco com os botos há mais de 30 anos... os botos são muito mais antigos aqui".

O melhor boto para “pescar junto” é a Geraldona, “sempre a Geraldona”.



“Tinha a Manchada, a Manchada que é a mãe da Geraldona, melhor bota fêmea que teve para nós foi a Manchada. Bá, a produção dela foi, nossa. Era uma bota grande também.”





Bom mesmo é pescar com os quatro botos que estão sempre ali: a Rubinha, o Chiquinho, o Coquinho e o Bagrinho. Já os botinhos novos, ainda são difíceis de dar nome porque são “*todos iguais*”, ainda não tem marcas no corpo.



“É assim, se a gente não cuidar, tudo vai terminando”. Tinha muito mais peixe antes, tudo anda terminando: “por sorte, quando tem botinho, ajuda”.



Não adianta proibir as tainhas para preservá-las. *"Para ter peixe sempre, é preciso definir uma malha correta para pescar a tainha, que só pegasse tainhas grandes. Isso ajuda bem mais a preservar as tainhas do que proibir a pesca delas"*.





Ensinou tudo sobre as tarrafas e sobre como trabalhar com as redes para a família. Desde quando moravam todos juntos até hoje, todos na casa ajudam com as redes e nos demais trabalhos referentes à pesca. Trabalham bastante juntos, todos ajudam em casa. Mesmo assim, incentivou os filhos a estudarem e terem outras profissões. Não queria que fossem pescadores.



“Corvininha, bagrinho, peixinho miúdo, ficam tudo preso no aviãozinho”. Que com a tarrafa é diferente, “tu vê peixe pequeno na tarrafa e tu joga fora” - ressaltou, joga de volta para a água! - “peixinho miúdo a gente devolve para o mar, porque tem que deixar o peixe crescer”. “Do jeito que tá, pescador tem que trabalhar em outra coisa”





Os peixinhos morrem pelo aviãozinho na lagoa e que pequenos eles não tem como se criar: “é que nem matar uma mulher grávida, se tu mata a mãe, tu mata o filhote também e acaba com tudo”. Quantos milhões de peixes deixam de reproduzir?”; “Onde depreda eu sou inimigo!”





“No dia-a-dia aprendi sobre esse lugar”, todo o dia vai até lá ver como a pesca está. “Reconheço cada boto, assim como reconheço cada pescador”.

4. Análise: apresentação do *sujeito ecológico*¹³

4.1. Análise das narrativas apresentadas a partir das perguntas-guia e o que entre elas compõe uma história coletiva:

Entre os pescadores artesanais de tarrafa entrevistados, todos possuem o chamado **conhecimento tradicional**, considerado como:

Conhecimento construído historicamente a partir do acúmulo de experiências vivenciadas pelos indivíduos em um lugar, na relação que estabelecem com o ambiente natural e social e, da mesma forma, a memória coletiva de um grupo que se reproduz na relação entre os sujeitos e seus pares. (LIMA, 2009, pág. 3)

É, portanto, um saber e saber-fazer acerca do meio socioambiental de inserção, transmitido principalmente de forma oral de geração em geração (DIEGUES, 2000; DIEGUES & VIANNA, 2004). Dentre eles, quatro aprenderam sobre a pesca com seus pais enquanto os demais aprenderam com pescadores antigos da Barra, todos a partir de experiências cotidianas. Tanto sobre o ato da pesca em si quanto sobre a produção e a manutenção das tarrafas, o saber apresentado por eles foi transmitido a partir de observações, vivências e trocas no espaço da Barra. Esses homens aprenderam o que sabem nesse espaço e ali também o transmitem para outros pescadores mais jovens. A Barra apresenta-se assim como espaço relacional, onde as relações entre os sujeitos e o meio, isto é, entre sociedade, cultura e bases físicas e biológicas dos processos interagem e envolvem-se de forma dinâmica (CARVALHO, 2012).

Desde os que nasceram na região quanto àqueles que vieram para morar ainda quando pequenos (vindos de outras cidades da região Sul do Brasil), os sujeitos-narradores aprenderam a pescar quando a Barra ainda era “*só pescador e areia*”. Ambas as margens eram ocupadas predominantemente por ranchos de pescadores, o que favorecia e fortalecia o aprendizado entre os pescadores mais antigos e os mais novos. As interações na Barra enquanto espaço relacional levaram assim, ao conhecimento tradicional ocasionado de forma perceptual (CUNHA, 2007; GERHARDT & SILVEIRA, 2009). As percepções adquiridas a partir das vivências pessoais, potencializadas pela troca do conhecimento com aqueles que possuíam maior

¹³ Sujeito ecológico foi um termo proposto por Isabel Cristina de Moura Carvalho e será discutido mais adiante (referência vinculada: CARVALHO, 2012).

experiência, transformaram esse saber em uma memória coletiva, que se reproduz no cotidiano de cada sujeito ali inserido.

Os sujeitos-narradores vivenciaram esse aprendizado principalmente entre as décadas de 70 e 90. Apenas um deles começou a pescar antes da década de 70 e um após os anos 2000, respectivamente o mais velho e o mais novo entre os sujeitos entrevistados. Mesmo o sujeito que iniciou sua atividade de pesca depois do *boom* da urbanização e do aumento da população urbana no Litoral Norte na década de 90¹⁴, pôde aprender sobre a pesca artesanal de tarrafa a partir da memória coletiva de seus pares: seus irmãos já eram pescadores que ocupavam o espaço da Barra, pescavam com os botos e o presentearam com sua primeira tarrafa.

Com a facilitação do acesso à região e o crescente aumento sazonal da população, as casas de pescadores nas margens da Barra foram rapidamente substituídas por casas de veranistas. Os pescadores venderam seus terrenos aos turistas interessados em construir suas casas nas margens da lagoa. Além disso, alguns pescadores que tinham casas em áreas de dunas tiveram suas residências desapropriadas pelo governo, sendo transferidos para zonas mais afastadas das cidades, resistindo apenas poucas famílias vinculadas a pesca nesse espaço. Esses movimentos de migração desagregaram o grupo de pescadores que ocupava as margens da Barra, provavelmente dificultando suas interações enquanto um coletivo. É possível considerar também que, ao perder o espaço da Barra enquanto local de comunidade de pesca, bases da memória coletiva podem ser perdidas e, conseqüentemente, apresentar risco de desaparecer. As relações que existem até os dias de hoje são dadas principalmente nas margens da Barra, durante o ato de pesca.

Ainda que habitantes de um meio muito mais urbano do que aquele que conheciam quando iniciaram, os sujeitos-narradores passaram a integrar a cidade que se apresenta para eles como espaço de vendas a partir de sua produção independente, como outros grupos de pescadores artesanais no Brasil (DIEGUES, 1983). Quando as vendas não ocorrem diretamente na Barra, elas são realizadas através de relações de compadrio, isto é, entre relações amistosas entre compadres - vende-se para um vizinho, um freguês já conhecido, um amigo - como também é visto em outros grupos tradicionais próximos a

¹⁴ Segundo Strohaecker *et al.* (2006), a partir do censo demográfico do IBGE para o mesmo ano, em 1991 98,30% da população de Imbé era urbana e de Tramandaí 90,27%. Essa população residia em área urbana e apresentava a economia baseada no setor de comércio e serviço. Essa urbanização é resultado do intenso crescimento demográfico da região do Litoral Norte na década de 80 (Strohaecker *et al.*, 2006).

centros urbanos (LIMA, 2009). As famílias costumam participar do processamento do pescado para a venda e até da manutenção das redes. Entre os sujeitos, quatro afirmam que as companheiras participam do processamento, sendo inclusive duas delas pescadoras de profissão: “*o que ela faz, é pesca. (...) limpar o peixe, arrumar as redes, fazer as redes, organizar o pescado, é tão pesca quanto quando ele está efetivamente pescando. (...) Ela ajuda muito, o que ela faz é parte de tudo o que chamamos por pesca*”. Os demais consideram processar os pescados sozinhos ou com a ajuda dos filhos, uma vez que suas companheiras têm outras profissões ou são separados das mesmas. Mesmo assim, entende-se a pesca artesanal como atividade de economia familiar, onde a forma de produção tem por base a utilização de mão-de-obra no âmbito da própria família. O recurso manejado pelos grupos familiares é assim consumido por eles e comercializado em pequena escala de forma regional (DA PAIXÃO, 2003; DIEGUES, 2000; DIEGUES & VIANNA, 2004).

Além disso, mesmo com os arredores ocupados predominantemente por casas de veranistas, o espaço da Barra ainda é fortemente relacionado à pesca. Entre os sujeitos-narradores, todos obtêm seu sustento da pesca realizada principal ou totalmente na Barra, de forma a conservar o saber e o saber-fazer aprendido culturalmente nesse espaço. De forma complementar, pescam na ponte e nas lagoas ao redor ou realizam viagens de pesca para o sul do Estado. A pesca é a sua atividade de subsistência diária e a tarrafa seu principal instrumento de trabalho. A arte de pesca à qual se dedicam é a pesca de tarrafa, com ênfase na pesca cooperativa, com apenas três sujeitos utilizando outras artes de forma complementar e ocasional. A manutenção das redes de pesca, saber-fazer também importante para a profissão e aprendido da mesma forma que a atividade pesqueira, também é realizada por eles mesmos. A tainha, o principal objetivo de sua pesca, é também o principal produto de venda e de alimentação própria e familiar.

Ainda que costumem ensinar o que sabem para outros pescadores mais jovens, principalmente enquanto estão pescando com os botos, percebem um desinteresse maior em aprender por parte dos jovens. Além disso, relatam um grande desinteresse dos jovens em ter a pesca como profissão. Algumas narrativas também apontam para a falta de apreço dos jovens pelo conhecimento tradicional apresentado pelos pescadores antigos: “*Mas é difícil, eles acham que sabem, que do jeito que eles estão fazendo está certo, é difícil eles aceitarem. A maioria acha que cada um pega de um jeito, sabe?*”.

Isso revela outra consequência do mundo contemporâneo-urbanizado, em que o acesso ao conhecimento é dado de outras formas diferentes da oralidade entre as gerações familiares ou entre pares. Essa consequência também ameaça a existência da pesca cooperativa uma vez que, até os dias de hoje, esse conhecimento é apenas transmitido entre gerações, tanto entre os seres humanos quanto entre os botos.

Além disso, a pequena quantidade de jovens interessados na pesca é também reflexo das dificuldades associadas a essa profissão, como inconstância da renda, ora boa ora ruim; da diminuição de pescado disponível, devido principalmente às redes de pesca, a poluição e a pesca de escala industrial; da desvalorização da profissão, tanto na sociedade quanto entre as leis trabalhistas; mas também da dificuldade diária em exercê-la em condições árduas e adversas. Pelas mesmas razões, os sujeitos-narradores não incentivam seus filhos a serem pescadores. Entre eles, apenas três não tem filhos. Os demais trabalham duro para que os filhos possam estudar e/ou optar por outras profissões. Eles até ensinam para os filhos sobre a manutenção das tarrafas, os envolvem na limpeza do peixe ou os ensinam a pescar para fazê-lo eventualmente. No entanto, incentivam o estudo e a busca por outras oportunidades, uma vez que não desejam para eles a instabilidade da vida de pescador artesanal. Os filhos desses pescadores têm profissões variadas ou são estudantes. Apenas um deles tem um filho pescador, mas que não pesca de tarrafa – pesca em barcos maiores, com outras artes de pesca e nunca demonstrou interesse pela pesca de tarrafa ou pela pesca cooperativa.

Nesse sentido, um contraponto importante aparece também: ainda que desejem outras profissões para seus filhos, muitos entre os sujeitos não escolheriam outra profissão para si mesmos. O ser pescador compõe a existência desses homens. Uma vez que experienciaram o ato da pesca, não buscaram outras profissões: *“comecei a pescar, comecei a gostar, fui me aperfeiçoando. Fui aprendendo com os outros, os mais antigos e, porque gosto mesmo”*; *“Aprendeu a pescar (...) e a partir daí, não soltou a tarrafa”*; *“Mas quando começou a pescar depois da aula, não queria mais saber de nada: é aí que eu digo: pescar é um vício”*; *“Ama o que faz. (...) Às vezes se irrita, se enjoa com a pesca, mas que sempre volta para a Barra para pescar. Apesar de gostar de pescar de tarrafa, gosta mesmo é de pescar de tarrafa com os botos”*; *“gostava da Barra, das amizades e da adrenalina de pescar, “principalmente de sentir o peixe puxar”*. Já pensou em tentar outras profissões, mas o que gosta mesmo é de pescar, que gosta muito do que faz”; *“É pescador quem sobrevive da pesca. Que tem conhecimento da pesca é aquele*

que está lá dia-a-dia”; “*Não dá para sentir o peixe puxar, uma vez só e já nunca mais vai sair dessa vida!*”.

Ser pescador é *ethos* de cada um dos sujeitos-narradores: a pesca significa o dia-a-dia, o conjunto de hábitos e costumes de seus cotidianos, representam suas ações, comportamentos, cultura, valores e crenças, agrupando-os assim em um grupo de pertencimento (DIEGUES & VIANNA 2004). Ser pescador os envolve em uma coletividade, que se reproduz nas interações construídas entre os sujeitos e o meio, além de significar suas vivências dia-a-dia. Pode-se imaginar que é esse sentimento de estar vinculado a um grupo de pertencimento que produz neles a empatia pelo o outro, pelo o outro-que-é-o-mesmo-que-ele: “*Vendo, vendo [o peixe que pesca]. Um pouco eu como, mas eu vendo lá na Barra mesmo. Dou mais preferência para os que vivem só da pesca. Aí se eles não tem eu vendo. Mas às vezes eles tem peixe e eu também tenho, e chega alguém lá para comprar, eu mando comprar deles*”; “*aí o boto não tá mostrando, pega uma pedra e atira no boto. Aí chamei de tudo (...) Uma pessoa assim não dá. É a natureza do bicho. (...) [o boto] trouxe o peixe, deixa ele comer uma. Quer comer tudo?*”; “às vezes pescava uma tainha bonita, gorda, e outros pescadores perguntavam se ele ia vender aquele peixe. Ele respondia que sim e eles pediam para trocar por duas pequenas, porque eles queriam comer. Ele trocava tranquilo. Que isso não era problema, já que o outro queria comer e ele queria vender”; “[história] contou que na época não se dava com esse pescador, mas que queria protegê-lo também, porque achava incorreta a ação do fiscal”. Assim, ainda que cada um deles pesque de forma independente, o respeito mútuo entre eles e com os outros seres não humanos participantes dessa interação, é mais uma semelhança observada entre os sujeitos-narradores.

Outra fala comum aparece em relação às dificuldades supracitadas, que levam esses pescadores a terem que buscar outras oportunidades de renda através de atividades que possam conciliar com a pesca. Uma vez que a pesca foi ou é a atividade principal de todos eles, as atividades secundárias (os “*bicos*”) são realizadas apenas quando a pesca não é possível (*e.g.* pouca quantidade de peixes, condições climáticas adversas, épocas de defeso...). Esse contexto, apontado em todas as narrações, demonstra uma importante diferença na pesca com o decorrer dos anos, um **ontem-e-hoje** alterado por uma série de consequências que dificultam a permanência da pesca artesanal enquanto atividade profissional.

Alguns dos principais fatores apontados por eles como causadores da diminuição da quantidade de recurso e do tamanho dos peixes pescados na Barra estão relacionados ao aviãozinho, às redes ilegais de pesca de bagre e à pesca de escala industrial. A pesca de camarão pelo aviãozinho é revelada como a maior ameaça para os *peixinhos*, indivíduos não adultos de espécies comuns na região (e.g. *tainhazinha*, *corvininha*, *bagrinho*). Segundo eles, a pesca de peixes pequenos, que não atingiram a maturidade reprodutiva é muito prejudicial para a manutenção da quantidade de peixes disponível. Ainda que com palavras bastante distintas das comumente utilizadas por biólogos e outros grupos preocupados com a conservação dos recursos naturais, eles apresentam uma **consciência ambiental** excepcional acerca do que é necessário para a manutenção do recurso utilizado em sua profissão. Eles sustentam que a pesca de aviãozinho impactou fortemente a quantidade de peixe na Barra e nas lagoas, principalmente devido à pesca dos *peixinhos*: [Matar peixe pequeno] “*é que nem matar uma mulher grávida, se tu mata a mãe, tu mata o filhote também e acaba com tudo*”; “*Tainhazinha, corvininha, linguadinho... tudo. Aí que condição? Aí vão liberar aviãozinho de camarão esse ano aí, tu imagina... imagina hoje. Quantos milhões de peixes deixam de reproduzir? (...) Onde depreda eu sou inimigo*”. O aviãozinho é utilizado nas lagoas para captura de camarão e, devido às características da rede, muitos peixes imaturos ficam ali presos, acabando por falecer ou por serem descartados devido à falta de interesse comercial em indivíduos pequenos.

A seletividade das tarrafas também é apontada nas narrativas, reforçando qualidade da pesca artesanal de tarrafa enquanto pesca sustentável: “com a tarrafa é diferente, “*tu vê peixe pequeno na tarrafa e tu joga fora*” - ressaltou, joga de volta para a água! - “*peixinho miúdo a gente devolve para o mar, porque tem que deixar o peixe crescer*”. O respeito e o cuidado com o seu recurso de subsistência é um forte indício da consciência ambiental desses pescadores e da sua relação com o meio onde pescam.

Ainda, o conhecimento acerca do que é sustentável ou não em relação à pesca, também aparece na preocupação deles com a pesca oceânica de redes e de escala industrial. Tanto as redes de arrasto quanto as de cerco, são apontadas por eles como atividades de alto impacto negativo e que mudaram a oferta de pescados na Barra e nas lagoas. Essas redes apresentam malhas muito pequenas, sendo muito pouco seletivas, causando o mesmo dano aos peixes imaturos que o aviãozinho (compromete a capacidade reprodutiva das espécies e a manutenção das populações), além de outros danos ambientais como a suspensão de sedimentos e a captura de grandes quantidades

de espécies não visadas que são posteriormente descartadas (captura acessória) sendo consideradas pescas predatórias (DI BENEDITTO, 2001; HAIMOVICI & MENDONÇA, 1996; PEREZ *et al.*, 2001).

Já em relação às redes ilegais de bagre o impacto negativo e a consequente preocupação dos sujeitos-narradores, aparecem em relação aos botos-da-Barra. Segundo eles, as redes de bagre posicionadas no mar próximas a entrada da Barra, afastam os botos que as evitam durante o período em que estão armadas. A inquietação sobre as redes de bagre esteve presente em todas as narrativas, provavelmente pela época em que os colóquios aconteceram: o período dos encontros com os sujeitos-narradores coincidiu com a época da pesca de bagre (setembro a novembro). Nesse sentido, eles enfatizaram que deveríamos estar atentos, uma vez que a maioria deles considera que os botos que sumiram ficaram presos nas redes de bagre, o que os levou a falecer. Eles não só se preocupam com os botos, como também com a menor quantidade de tainhas que entram na Barra no período em que as redes estão lá. A presença das redes, assim, prejudica não só os próprios bagres, como também as tainhas, os botos-da-Barra e os próprios pescadores artesanais. Eles ressaltam que pescadores profissionais não utilizam a pesca de bagre com redes, uma vez que sabem os danos disso para a Barra e para si mesmos enquanto profissionais.

A pesca de bagre era uma das pescas mais procuradas no Litoral Norte do Rio Grande do Sul devido à fartura de cardumes que entravam na Barra do Rio Tramandaí (SOARES, 2002). O charque de bagre era uma das atividades econômicas da região, onde o bagre pescado passava pelos processos de salgagem e secagem e era comercializado no Litoral e nas cidades próximas (SOARES, 2002). Entre os sujeitos-narradores, alguns presenciaram as próprias famílias realizando este comércio e aprenderam a fazê-lo. Segundo eles, os bagres que eram pescados nessa época eram tão grandes que pareciam *botinhos*: “Por isso até o nome do boto Bagrinho é esse: quando filhote parecia um bagre grande”. No entanto, no último ano a pesca do bagre foi proibida no Estado, devido à sua inclusão na Lista da Fauna Silvestre Ameaçada de Extinção do Rio Grande do Sul (decreto 51.797 de 8 de setembro de 2014). A presença desse assunto entre as narrativas, também é decorrente da implantação da lei e dos desdobramentos dela no cotidiano desses pescadores.

A apreensão narrada por eles pela ausência dos botos na Barra revela também duas outras características significativas desse grupo: a **relação afetiva construída com os botos-da-Barra** e o entendimento da **importância do boto para a pesca**, ambas

bastante relacionadas entre si. Apesar de pescarem também sem a presença dos botos, todas as narrativas destacam a maior rentabilidade da pesca quando ela é realizada com eles: "*Mas uma coisa é certo, se não tivesse os botos... Porque tem dias que os botos não estão aqui e (...) a gente vê ele [o peixe] indo embora pelo meio do rio. E não se pega uma. No momento que aparece um boto, já se pega*"; "A tainha vem, *descendo ou subindo*, e se aproxima das margens. O boto, não pode ir tão perto, se não ele encalha. Então ele fica na volta. Às vezes, ele mostra a tainha aqui, mas ela tá ali, às vezes ele mostra ali e tá aqui. Porque quando a gente joga a tarrafa, a água mexe e fica muito mais fácil para o boto comer."; "O boto ajuda o pescador porque é esperto. Principalmente quando água está clara e que a tainha vê melhor, ela entra na beirada para fugir dos botos. É mais fácil pegar o peixe com o boto. Uma vez, anos atrás, jogou a tarrafa quando o boto sinalizou e pescou 42 tainhas de uma vez só."; "A pesca é mais fácil com os botos, *rende mais com eles, que é mais fácil pegar o peixe com eles*"; "Com o boto é mais fácil, o boto aperta o peixe, agrupa mais os cardumes em direção à margem, aos pescadores"; "o Lobisomem era o campeão de roubar peixes das tarrafas. Sempre que ele mostrava, viam ele com uma tainha na boca".

Essa relação de cooperação entre os botos e os pescadores artesanais de tarrafa é apontada em diversos trabalhos e apresentada pela primeira vez¹⁵ nas falas dos próprios sujeitos que vivenciam essa interação cotidianamente (CAMARGO, 2014; SIMÕES-LOPES, 1991; SIMÕES-LOPES *et al.*, 1998; TABAJARA, 1992; ZAPPES *et al.*, 2011). O aumento da captura de tainhas resultante dessa cooperação é provavelmente o que leva a essa relação afetiva entre seres humanos e não humanos: "*O boto é tudo para nós aqui na Barra. Já salvou muito a comida na panela*"; "*Eu acho que os botos conhecem, conhecem todos nós. Conhece mais aqueles que tão todo o dia ali, tem uns que são muito conhecidos*"; "*Ele [Lobisomem] sempre vinha em casa ali. Sempre vinha na beira do rio e mostrava ali*"; "Desde que começou a pescar os botos estão ali na Barra. Galhafina, Xita, Lobisomem, Fotoarma, Manchada, Pomba, Galhamol, Galhamole, José [mais conhecido como Barata], e depois Coquinho, Bagrinho, Geraldona, Catatau, Rubinha, Chiquinho"; "*O boto aqui [na Barra] é que nem um irmão para nós*".

¹⁵ Pela primeira vez de forma transcrita-escrita na fala dos próprios sujeitos. Outras expressões e oportunidade de fala na voz dos pescadores são encontradas em importantes materiais audiovisuais (e.g. documentário ANAMA, Projeto Taramandahy – Fase II, "A interação boto, tainha, pescador, amigos da pesca").

Os sujeitos-narradores atribuem parte da sua sobrevivência, o que adquirem para a subsistência de suas famílias, à relação que construíram com os botos durante os anos de pesca na Barra. Eles reconhecem cada boto pela forma de pescar – *de mostrar o peixe* - e conhecem bem às relações familiares de cada um deles. Eles reconhecem tão bem os botos, quanto se reconhecem entre si pela maneira de jogar as tarrafas. A prática de dar nome a esses animais demonstra o vínculo estabelecido pelos pescadores com eles. Os nomes refletem características que eles encontram para distinguir os botos e nem sempre são referentes às nadadeiras dorsais, característica utilizada no conhecimento científico para reconhecer indivíduos entre espécies de odontocetos (HAMMOND *et al.*, 1990; MARKOWITZ *et al.*, 2003; WÜRSIG & WÜRSIG, 1977).

De acordo com suas vivências individuais e com a época em que cada sujeito começou a pescar, eles demonstram laços diferentes com cada boto: “*Esses botos que eu disse: Pomba, Galhamol, Manchada, Barata, Lobisomem... já eram antigos quando eu comecei.* O Barata era o boto que ele mais pescava: “*o Barata era o amigo, não roubava tainha da tarrafa e estava sempre por ali*”. Os outros botos podiam ir e voltar, ou às vezes nem aparecer para pescar, mas o Barata estava sempre ali”; “A maioria das pessoas fala da Geraldona, mas que ele não acha ela a melhor bota para pescar. Que é boa, claro, mas que anda muito manhosa. (...) Bom mesmo é pescar com os outros quatro botos que estão sempre ali: a Rubinha, o Chiquinho, o Coquinho e o Bagrinho”; “*Tem uma tarrafa que eu fiz lá em casa, para pegar com o Lobisomem. Uma tarrafa bem pesada assim, porque ele tirava o peixe da tarrafa. (...) A natureza é fantástica, né?*”; “O Lobisomem era muito bom, esse boto era muito bom. O Lobisomem ia, dentro da Barra, ali do lado de Imbé, onde tem umas partes mais fundas, como uns buracos, e tirava as tainhas dali. Que as tainhas se escondem ali e o Lobisomem sabia, ia lá, mexia o buraco e elas saíam todas do esconderijo e as trazia para o lado de Tramandaí. Esse era o diferencial dele”; O melhor boto para “*pescar junto*” é a Geraldona, “*sempre a Geraldona*”.

Assim como eles reconhecem cada boto, os sujeitos-narradores consideram que os botos também os reconhecem. Sabe-se que a pesca entre pescadores artesanais de tarrafa e os botos ocorrem há pelo menos 60 anos, mas não é consenso entre eles se os botos já entravam na Barra quando ela ainda era móvel. A Barra como é agora foi fixada no início da década de 60 e os sujeitos-narradores começaram a pescar após ela ser consolidada entre Imbé e Tramandaí. No entanto, dois entre os sujeitos sugerem que os botos já apareciam quando a Barra não era fixa: “o avô já pescava com os botos, isso

é coisa antiga"; “*Se eu já pesco com os botos há mais de 30 anos... eles [os botos] são muito mais antigos aqui*”.

As diferenças que aparecem entre o saber tradicional e saber científico apontadas diversas vezes aqui estão provavelmente relacionadas às formas que cada saber utiliza para procurar entender e agir sobre o mundo, bem como devido as distintas percepções obtidas entre as diferentes interações no espaço relacional (CARVALHO, 2012; CUNHA, 2007; GERHARDT & SILVEIRA, 2009; PERALTA & LIMA, 2012). Costuma-se chamar de saber ecológico tradicional ao conhecimento que populações locais têm de cada detalhe do seu entorno, dos ciclos anuais biológicos, químicos e físicos e das demais espécies animais e vegetais com as quais convivem (CUNHA, 2007; LIMA, 2009).

Os pescadores artesanais de tarrafa, assim como outros grupos formados a partir de conhecimentos tradicionais, apresentam um vasto **conhecimento biológico** sobre o seu espaço relacional. Não só sobre a biologia reprodutiva, migratória e a morfologia das espécies, mas também como elas interagem com as marés, ventos, períodos do ano e até mesmo com outras espécies. Seu saber é dotado de detalhes, riqueza, expressões próprias e de respeito com os demais seres com os quais interagem. É, em diversas significações, a apresentação desses sujeitos-narradores enquanto *sujeitos ecológicos*, isto é, sujeitos que possuem uma existência ecologicamente orientada, que compreendem e discutem os dilemas que surgem em seu contexto socioambiental, apontando para a possibilidade de um mundo mais justo e sustentável (CARVALHO, 2012). As atitudes que orientam as decisões e os posicionamentos dos sujeitos ecológicos em seu espaço relacional são dadas de forma a respeitar a diversidade, compartilhar as experiências vividas e agir cooperativamente, compondo a *historicizar* as relações entre os grupos e o ambiente, resgatando também a história ambiental (CARVALHO, 2004; DA SILVEIRA & ALVES, 2008; LEFF, 2001; TASSARA & ARDANS, 2005).

4.2. Fotografias e a expressão dos integrantes que compõem a rede de conexões da pesca cooperativa

As fotografias escolhidas pelos sujeitos refletem fortemente a rede de conexões que compõe seu espaço relacional e que significam seu grupo de pertencimento: botos,

tainhas, tarrafas e interações entre eles e deles com esses componentes. As imagens ressaltam os vínculos e as vinculações entre os movimentos que compõem a pesca cooperativa, bem como percepções dos pescadores sobre as demais partes que compõem essa atividade (SAUTCHUK, 2014). Como em outros trabalhos realizados com fotografias entre pescadores, as imagens acabam por revelar a relação entre os seres humanos e não humanos que compõem cada arte de pesca, bem como os artefatos que eles ocupam, ajudando a entender o *ethos* dos sujeitos-pescadores e de suas práticas (SAUTCHUK, 2014; TELES, 2002).

Além disso, as imagens escolhidas também nos conduzem a analisar o quanto esses profissionais gostam de ser fotografados em seu espaço de trabalho (DE LIMA & PEREIRA, 1997; TELES, 2002). Sempre que foi pedida uma sugestão de fotografia, a resposta era fazê-la na Barra enquanto pescavam. Apesar das dificuldades que os sujeitos atribuem à pesca, esses pescadores orgulham-se de seu trabalho. Não é irrelevante que as imagens escolhidas por eles refletem, principalmente, peixes, botos e tarrafas. Uma quantidade significativa de peixes dentro das tarrafas ou uma tarrafa bem lançada também são características importantes para eles de serem representadas, uma vez que expressa suas habilidades enquanto profissionais da pesca.

Outras fotografias que significam suas vivências cotidianas são as imagens que expressam as cores do nascer do sol (“*essas que dão para ver a cor da manhãzinha, do sol nascendo*”), horário em que eles mais pescam; e as que apresentam as bicicletas, outro importante instrumento utilizado por eles, uma vez que é como a maioria deles se desloca entre sua casa e a Barra e com a qual realizam a venda do pescado obtido.

5. Discussão

5.1. Educação ambiental como ação contra a perda de pluralidade cultural

Diante das dificuldades vivenciadas pelas comunidades tradicionais que, em face das práticas culturais sobre as quais são edificadas sofrem as transformações decorrentes dos modelos sociais contemporâneo-urbanizados, faz-se importante discutir

o papel da educação e do educador ambiental no combate às desigualdades sociais e a perda de pluralidade cultural (FONSECA, 2007; LIMA, 2009; CUNHA, 2007).

O atributo “ambiental” na Educação Ambiental se constitui no elemento estruturante que demarca um campo político de valores e práticas, considerando um *continuum* entre as esferas do “natural” e do “social” (BRASIL, 2012; LIMA, 2009). Através da EA, objetiva-se mobilizar "*atores sociais comprometidos com a prática político-pedagógica transformadora e emancipatória capaz de promover a ética e a cidadania ambiental*" (BRASIL, 2012, pág.2). Isso quer dizer que, mais do que contemplar problemas sociais, é preciso desenvolver uma postura ativa e capaz de gerar o debate e a reflexão crítica, de forma a (re)conhecer e defender a sociobiodiversidade existente (BRASIL, 2012; RODOLPHO et al., 1995). Isto posto, é necessário perceber também que qualquer sentimento ético pressupõe um posicionamento político (BLUME, 2006).

No presente trabalho, bem como as demais ações educativas do Projeto Botos da Barra, esse posicionamento se dá principalmente: no reconhecimento da importância dos diferentes conhecimentos (tradicional e científico) para a conservação do ambiente; na valorização de comunidades tradicionais e suas práticas como constituintes da sociobiodiversidade, devendo assim ser respeitadas e protegidas para garantir a pluralidade cultural; no respeito e cuidado com a natureza, sendo a defesa da qualidade ambiental um valor inseparável do exercício da cidadania; e da extensão do conhecimento produzido na Universidade para a sociedade civil, incentivando a participação da população de forma individual, coletiva, permanente e responsável em reproduzir atitudes sustentáveis. Essa posição encontra suas bases na Lei de Diretrizes e Bases Nacional para a Educação Ambiental, que estimula uma "*abordagem que considere a interface entre a natureza, a sociocultura, a produção, o trabalho, o consumo, superando a visão despolitizada, acrítica, ingênua e naturalista ainda muito presente na prática pedagógica das instituições de ensino*" (BRASIL, 2012, pág. 2).

Ainda, para alcançar públicos distintos da sociedade civil é necessário também ampliar as ações educativas para além das instituições de ensino. A EA tem potencial para ampliar-se em diferentes espaços e contagiar os vários sujeitos que a encontram. Assim, ao ocupar espaços públicos além dos privados, as estratégias e práticas da EA tornam-se também democráticas e populares. Dessa maneira, não só os conhecimentos produzidos na Universidade se disseminam, como também os saberes tradicionais

podem ser valorizados e apresentados à sociedade como igualmente importantes e singulares.

O uso das diferentes linguagens para a produção e a socialização de ações de educomunicação, também pode integrar recursos tecnológicos para atingir um público mais amplo (BRASIL, 2012). Dentre ações de EA, diversos instrumentos vinculados à arte e a produção cultural tem sido utilizados para a sensibilização da população, com consequente transformação social para conservação do ambiente e manutenção do equilíbrio dos ecossistemas (ARAUJO & FERNANDES, 2010; DA SILVERA & ALVES, 2008).

No que tange a intenção ética da EA, devemos discutir a oportunidade da rede de diálogo que surge através de práticas educativas que envolvem grupos sociais. Seja atentar para a preservação de comunidades e práticas tradicionais através do registro escrito ou por documentos audiovisuais, o que deveria reger as intenções dos educadores-pesquisadores perante os sujeitos que dividem suas experiências conosco, é fazer com que a voz desses grupos seja ouvida e valorizada (BLUME, 2006; PORTELLI, 1996). A cidadania também é exercida quando se abre espaço de troca com o outro, principalmente quando esse outro é um grupo vulnerável com pouca oportunidade de expressão na sociedade contemporânea-urbanizada. Assim, instrumentos educativos que expressem a voz de comunidades tradicionais em espaços democráticos também têm o potencial de contribuir para uma prática político-pedagógica transformadora e emancipatória que priorize a pluralidade cultural.

5.2. Exposição fotográfica: expressão de imagens e histórias de uma conexão em rede

A fotografia tem sido historicamente um instrumento de diálogo importante entre as diferentes culturas que convivem em nosso planeta (RODOLPHO *et al.*, 1995). Não apenas pelo reconhecimento das mesmas, como também pela possibilidade de confrontar nossos olhares: a imagem gera curiosidade e suscita perguntas, levando os observadores a uma percepção de mundo diferente de forma a reconhecer a significação de uma realidade e das formas que a compõem (CARTIER-BRESSON, 2004; BORGES *et al.*, 2010; GURAN, 2000; SAUTCHUK, 2014). Além disso, através da fotografia é

possível alcançar uma ressonância muito mais ampla sobre o que se quer mostrar para os diferentes níveis da sociedade (RODOLPHO *et al.*, 1995).

O amplo poder comunicativo e transformador das imagens é cada vez mais discutido em práticas de EA para a conservação do meio ambiente (ARAUJO & FERNANDES, 2010; BARBOSA & PIRES, 2011; BORGES *et al.*, 2010; HOFSTATTER & OLIVEIRA, 2013). Alguns autores sugerem que a fotografia é também um instrumento midiático importante para aliar a informação à arte, uma vez que o conteúdo imagético também leva a apreciação estética, de forma a estimular a sensibilidade através da imagem de forma contempladora (ARAUJO & FERNANDES, 2010). Nesse sentido, a linguagem não verbal da imagem também contribui para a sensibilização necessária para a educação reflexiva e crítica, levando à mudança de comportamentos e de atitudes em face daquilo que é por ela apresentado (BORGES *et al.*, 2010; DA SILVERA & ALVES, 2008). Assim, é possível que, por meio da percepção ambiental, a imagem ajude a transformar os observadores em uma tomada de consciência do ser humano para as questões socioambientais a partir da empatia gerada pela sensibilização (BORGES *et al.*, 2010; SABINO, 2009).

No entanto, ainda poucos instrumentos de EA reforçam ou vinculam a inserção das comunidades tradicionais nos espaços “*naturais*” que se querem preservar ou conservar. A representação dos grupos sociais acaba sendo realizada unicamente pelas Ciências Sociais (*e.g.* antropologia visual), contribuindo para o afastamento do “*social*” do “*natural*”. Dessa forma, se expressa aqui a importância de atentar para essa questão, não só para superar a visão naturalista existente, como também para finalmente entender o ambiente como espaço relacional entre sociedade, cultura e natureza em seus processos físicos e biológicos (CARVALHO, 2012). As comunidades tradicionais e suas culturas fazem parte da riqueza da sociobiodiversidade e podem ser grandes aliadas na conservação do ambiente (DIEGUES & VIANNA, 2004). Dessa forma, mais que sensibilizar a sociedade contemporâneo-urbanizada a cuidar e proteger a *natureza* é necessário também fazê-la perceber que toda população humana está inserida no meio ambiente, sem distinção entre meios *naturais* e *construídos*, sendo a sociedade também natureza (CARVALHO, 2012). Isto significa que toda a ocupação humana também é parte constituinte da *natureza* e suas ações afetam diretamente o equilíbrio socioambiental.

Experiências recentes têm sugerido que o uso e a apropriação do território e de recursos por comunidades tradicionais ocorrem de forma sustentável indicando que, ao associar o conhecimento tradicional ao científico, pode-se atingir uma conservação mais eficaz do meio ambiente e, sobretudo, socialmente mais justa (LIMA, 2009; DIEGUES & VIANNA, 2004). Assim como vimos nas narrativas dos pescadores artesanais de tarrafa, isso se dá não apenas pela relação estabelecida com o ambiente como campo relacional, como também pelo conhecimento biológico apresentado por eles. Uma vez que esses grupos sociais dependem do uso dos recursos para sua subsistência, o cuidado e às noções necessárias para o manejo correto são apresentadas por eles e significados em suas falas.

Assim, apesar de a fotografia ter sido aqui apresentada como um instrumento de sensibilização potencialmente efetivo e importante, é preciso considerar também que a imagem isolada não teria o mesmo potencial transformador sem a composição das narrativas. Muito daquilo que aprendemos sobre o grupo de pescadores artesanais de tarrafa ocorreu através dos discursos e não teria aparecido unicamente com as fotografias, por mais representativas que fossem. Enquanto a imagem parece ser capaz de suscitar a curiosidade, o interesse e produzir a valorização positiva sobre o grupo e sua prática cultural de forma estética, as narrativas apresentam a oportunidade de confronto com as dificuldades atualmente experimentadas pelos pescadores artesanais de tarrafa. A apresentação das falas junto às imagens permite a reflexão crítica, bem como a significação dos sujeitos através de suas próprias palavras.

Uma vez dado o espaço de fala aos sujeitos, em todos os encontros houve algum momento em que a narração fez o presente se sobressair às histórias do passado. Esse presente conteve tons de denúncia acerca das dificuldades e injustiças do cotidiano, produzindo um discurso que aponta para as transformações da realidade desse grupo social (FONSECA, 2007). Além disso, a compreensão de quais são as principais forças propulsoras de ordem social e econômica que penetram nessa comunidade e atuam direta ou indiretamente, auxiliam na compreensão das modificações culturais que vêm ocorrendo nas últimas décadas e quais são suas possíveis consequências (DIEGUES, 2001; FONSECA, 2007).

As narrações sobre as trajetórias de vida como expressões do vivido, assim como em outros trabalhos de histórias de vida com pescadores artesanais, continha reminiscências saudosas (principalmente relacionadas com a família, a fartura e o

espaço de atuação como ambiente outrora preservado), fragmentadas pela memória ou até alteradas por mudanças de ordem social e econômica (FONSECA, 2007; AYALA, 1989). Assim, ainda que seja tangível para nós imaginar quais são as dificuldades enfrentadas por eles diariamente, escutar diretamente de suas vozes sobre elas também nos confronta e nos movimenta. É através dessas narrativas que poderemos caminhar na direção de ações que conduzam a conservação desse grupo de seres humanos e não humanos. Além de uma possível atuação política, isso rompe a homogeneidade abusiva produzida pela ciência e pelas culturas dominantes, visto que também permite a expressão de outros conhecimentos tão importantes quanto aquele dito científico (CUNHA, 2007).

Consideramos assim, que a montagem da exposição foi uma etapa fundamental dessa investigação, bem como na construção do instrumento didático gerado. Não apenas pela composição formada de fotografias e trechos de trajetórias de vida, mas principalmente pelo espaço de fala e decisão por parte dos pescadores artesanais de tarrafa. Inicialmente, víamos a possibilidade das fotos propiciarem o contexto para acompanhar as narrações, enquanto os relatos, por sua vez, (re)contextualizariam as imagens (RODOLPHO *et al.*, 1995). No entanto, ao vê-los escolhendo os trechos e as imagens que deveriam fazer parte da exposição, a possibilidade de compreensão acerca da rede de conexões existente se ampliou, significando as interações entre os seres que a compõem em seu espaço relacional, envolvendo inclusive os objetos que também participam (como as bicicletas e as próprias redes). Isso gerou um novo sentido à interpretação etnográfica, com a possibilidade de expressar através do plano visual o que era traduzido nas falas (GODOLPHIM, 1995; RODOLPHO *et al.*, 1995). Dessa forma, não só o nosso aprendizado sobre quem são e o que os significa foi ampliado, como a própria exposição fotográfica foi ressignificada entre os códigos e signos que integram a pesca cooperativa (GODOLPHIM, 1995).

A pesquisa social abdica à pretensão de produzir conhecimentos absolutos, trabalhando na construção de interpretações plausíveis (MELUCCI, 2005; LISBOA, 2007). Tanto as fotografias quanto os relatos orais funcionaram como uma rede de diálogos e trataram da subjetividade, da memória, do discurso e da cooperação no diálogo. A objetividade se consistiu apenas em assumir que analisamos as trajetórias relatadas a partir de nossos próprios olhares e tentamos compô-los em conjunto com as

fotografias de forma a constituir múltiplas vozes e interpretações possíveis (BLUME, 2006; FONSECA, 2007).

A representação significativa da realidade social expressa na exposição fotográfica ocorreu no caminho traçado a partir da montagem e pretende alcançar públicos variados, uma vez que (fisicamente) pronta será itinerante. Os trechos e imagens articulados estabeleceram uma ponte que une a expressão do vivido de um grupo social que tem *historicidade* própria e singular (GODOLPHIM, 1995). A fotografia objetivou gerar olhares críticos além da de meros registros, atuando de forma a realçar os valores que ordenam as narrativas (GODOLPHIM, 1995). Já as narrações auxiliaram na captura da riqueza da prática e cultura dos pescadores artesanais de tarrafa, pautando-se no reconhecimento a sua unicidade. Isso significa dizer que, apesar de as falas serem sempre relativa a um sujeito, elas expressam tendências gerais comuns ao um grupo social e juntas tem potencial de contar uma história coletiva (LISBOA, 2007; QUEIROZ, 1988).

5.3. Educar para conservar: o que aprendemos com os pescadores artesanais de tarrafa

Frequentemente nos deparamos com uma frase que se repete: “só conservamos aquilo que conhecemos”. A empatia se constrói no reconhecer do outro: em vê-lo, vive-lo e vê-lo viver. Ao reconhecer um ambiente, uma paisagem, um grupo social ou outra entidade biológica, entendemos que toda vida tem o mesmo valor em nosso meio socioambiental. É assim que a conservação, vista como um ato político, alcança o campo educativo, afetivo e efetivo.

Os pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí, representam um grupo social singular no país, capaz de utilizar e conservar a biodiversidade, contribuindo para a sustentabilidade socioambiental da região (BRASIL, 2012). Mais do que isso, esses *sujeitos ecológicos* mantêm a existência da Barra enquanto espaço relacional e ajudam na conservação do outro grupo tradicional que ali habita: os botos-da-Barra. É a presença desses homens, de sua atividade cultural e de sua memória coletiva que faz da Barra um habitat também singular: sua apropriação com o território

é subsidiada por seus usos e costumes e baseada nas relações humanas e não humanas edificadas de forma cultural (LIMA, 2009).

Mais do que através de seu conhecimento biológico, os pescadores artesanais de tarrafa da Barra do Rio Tramandaí nos ensinam sobre respeito e cooperação. Ensinam-nos também que toda observação é também interação e intervenção. Ao fim, dar voz a eles, mais do que ouvir histórias individuais e coletivas, foi dar oportunidade de expressão: expressão essa que constitui também um ato político. Suas narrativas desconstruíram qualquer discurso prepotente que apresenta os científicos como os proprietários do saber. São eles que dizem que estamos cheios de átomos: mas ao final, não parece mesmo que estamos cheios de histórias?

6. Referências bibliográficas

- Afonso, G.S. 2015. Influência das atividades antrópicas em uma população de botos (*Tursiops Gervais*, 1855) residente do Litoral Norte do Rio Grande do Sul, Brasil. Tese de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Biologia Animal, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 52p.
- Araujo, D.L.C.; Fernandes, M.A.F. 2010. A estética fotográfica a favor da sensibilização ambiental – reflexão e prática. *Educação Ambiental em Ação*, 32(9): 1-9.
- Aumont, J. 1993. *A imagem*. Campinas: Papirus.
- Ayala, M.I. 1989. O conto popular: um fazer dentro da vida. *Anais do VI encontro nacional da ANPOLL*. 260-267p.
- Barbora, L.C.A.; Pires, D.X. 2011. O uso da fotografia como recurso didático para a educação ambiental: uma experiência em busca da Educação Problematizadora. *Experiências em Ensino de Ciências*, 6(1): 69-84.
- Bail, G.C.; Branco, J.O. 2007. Pesca artesanal do camarão sete-barbas: uma caracterização sócio-econômica na Penha, SC. *Brazilian Journal of Aquatic Science and Technology*, 11(2):25-32.
- Barthes, R. 1984. *A câmara clara*. São Paulo, Editora Nova Fronteira. 144p.
- Branco, J.O.; Bail, G.C.; Verani, J.R.; Marenzi, A.C. 2006. Aspectos socioeconômicos da pesca artesanal do camarão sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*), na região de Penha, SC. n: Branco, J.O.; Marenzi, A.W.C. (Org.). *Bases ecológicas para um desenvolvimento sustentável: estudos de caso em Penha, SC*. Editora da Univali, Itajaí, SC. p. 253-268.
- Brasil. 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais de Educação Ambiental. Resolução N°2, junho de 2012. Ministério da Educação, Conselho Nacional de Educação, Conselho Pleno. Resolução CNE/CP 2/2012. *Diário Oficial da União*, Brasília, Seção 1 p. 70
- Blume, L.H.S. 2006. “Histórias de pescador”: cotidiano, memória e experiências de pescadores em Ilhéus, 1960-2004. Anotações para um debate em torno da memória popular, ética e história oral. *Anais do III Encontro Estadual de História: Poder, Cultura e Diversidade – ST 08: Dobrando esquinas: (outros) trabalhadores e a cidade*.
- Borges, M.D.; Aranha, J.M.; Sabino, J. 2010. A fotografia de natureza como instrumento para Educação Ambiental. *Ciência & Educação*, 16(1): 149-161.
- Camargo, Y.R. 2014. A percepção ambiental dos usuários da Barra do Rio Tramandaí sobre o boto-da-Barra, *Tursiops* sp. (Cetartiodactyla: Delphinidae). Trabalho de Conclusão de Curso, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 49p.
- Capelleso, A.J.; Cazella, A.A. 2011. Pesca artesanal entre crise econômica e problemas socioambientais: estudo de caso nos municípios de Garopaba e Imbituba (SC). *Ambiente & Sociedade*, 14(2): 15-33.

- Cardoso, E.S. 2001. Pescadores artesanais: natureza, território, movimento social. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cartier-Bresson, H. 2004. O imaginário segundo a natureza. Barcelona e Amadora: Editorial Gustavo Gili.
- Carvalho, I.C.M. 2012. Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico. 6ª edição. São Paulo: Cortez. 255p.
- Carvalho, I.C.M. 2004. Educação Ambiental Crítica: nomes e endereçamentos da Educação Ambiental. In: Philippe Pomier Layrargues (coord.). Identidades da Educação Ambiental Brasileira, Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p. 13-24.
- Clauzet, M.; Ramires, M.; Barrella, W.A. 2005. Pesca artesanal e conhecimento local de duas populações caiçaras (enseada do mar virado e barra do una) no litoral de São Paulo, Brasil. *Linguagem da Ciência: Multiciência*, 4:1-22.
- Cunha, M.C. 2007. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. Conferência realizada na Reunião SBPC, Belém do Pará. *Revista USP*, 75: 76-84.
- da Silveira, L.S.; Alves, J.V. 2008. O uso da fotografia na Educação Ambiental: tecendo considerações. *Pesquisa em Educação Ambiental*, 3(2): 125-146.
- da Paixão, C.A. 2003. Economia familiar. *Tribuna Feirense*, Feira de Santana, 2-4p.
- Decreto, nº 51.797. 2014. Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção no Estado do Rio Grande do Sul. Assembleia Legislativa, Gabinete de Consultoria Legislativa.
- de Oliveira, C.L. 2012. Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. 4ª edição. Travessias: Educação, Cultura, Linguagem e Arte.
- Di Benedetto, A.P.M. 2001. A pesca artesanal na costa norte do Rio de Janeiro. *Bioikos*, 15(2):103-107.
- Diegues, A.C.S. 1983. Pescadores, Camponeses e Trabalhadores do Mar. São Paulo: Editora Ática, 292p.
- Diegues, A.C.S. 1993. Realidades e falácias sobre pescadores artesanais. *Série Documentos e Relatórios de Pesquisa*, 7: 15, CEMAR.
- Diegues, A.C.S. 1993. O movimento social dos pescadores artesanais brasileiros. *Série Documentos e Relatórios de Pesquisa*, 8: 22, CEMAR.
- Diegues, A.C.S. 2000. Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos. 2ª edição. São Paulo: NUPAUB-USP: Hucitec: Annablume, p.
- Diegues, A.C.S.; Arruda, R.S.V. 2000. Os saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil. São Paulo: NUPAUB-USP: MMA, 211p.
- Diegues, A.C.S.; Viana, V.M. 2004. Comunidade Tradicionais e Manejo dos Recursos Naturais da Mata Atlântica. 2ª edição. São Paulo: Hucitec: NUPAUB-USP: CEC, p.
- Errante, A. 2000. Mas afinal, a memória é de quem? Histórias orais e modos de lembrar e contar. *História da Educação*, ASPHE-FaE, 8:141-174.
- Fonseca, A.C.M. 2007. Histórias de pescador: as culturas populares nas redes das narrativas. In: I Reunião Equatorial de Antropologia X Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste, Aracaju. I Reunião Equatorial de Antropologia x Reunião de Antropólogos Norte-Nordeste, 20p.

- Fujimoto, N.S.V.M.; Strohaecker, T.M.; Gruber, N.L.; Kunst, A.V.; Ferreira, A.H. 2006. Litoral norte do estado do Rio Grande do Sul: indicadores socioeconômicos e principais problemas ambientais.
- Gil, A.C. 2007. Como elaborar projetos de pesquisa. 4a edição. São Paulo, Atlas. 176p.
- Godolphim, N. 1995. A fotografia como recurso narrativo: problemas sobre a apropriação da imagem enquanto mensagem antropológica. *Horizontes Antropológicos*, 1(2): 161-185.
- Guimarães, M. 2004. Educação Ambiental Crítica. Educação Ambiental Crítica. In: Philippe Pomier Layrargues (coord.). *Identidades da Educação Ambiental Brasileira*, Brasília: Ministério do Meio Ambiente, p.25-34.
- Guran, M. 2000. Fotografar para descobrir, fotografar para contar. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, 10(1): 155-165.
- Hammond, P.S.; Mizroch, S.A.; Donavan, G.P. 1990. Individual Recognition of Cetaceans - Use of Photo-Identification and Other Techniques to Estimate Population Parameters. Report of the International Whaling Commission, Special Issue 12, 448p.
- Haimovici, M.; Mendonça, J.T. 1996. Descartes da fauna acompanhante na pesca de arrasto e tangones dirigida a linguados e camarões na plataforma continental do Sul do Brasil. *Atlântida*, 18: 161-177.
- Hofstatter, L.J.; de Oliveira, H.T. 2013. Olhares perceptivos: usos e sentidos da fotografia na educação ambiental. VII Encontro de Pesquisa em Educação Ambiental, 1-15p.
- Kant de Lima, R.; Pereira, L.F. 1977. Pescadores de Itaipu: Meio Ambiente, conflito e ritual no litoral do Estado do Rio de Janeiro. Niterói: EDUFF.
- Leff, E. 2001. Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 3a Edição. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Lima, W.C.R. 2009. Saber tradicional: suporte para o exercício da territorialidade de uma comunidade no estuário amazônico. *Revista Ensaio Geral*, 1(1): 1-13.
- Lisboa, C.P. 2007. (Re)contando histórias: o ambiente tematizado a partir dos itinerários de vida. Dissertação de Mestrado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Lisboa, C.P. 2013. Itinerários de Catadores: (des)encontros com o campo ambiental. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Markowitz, T.M.; Harlin, A.D.; Wursig, B. 2003. digital photography improves efficiency of individual dolphin identification. *Marine Mammal Science*, 19(1): 217-223.
- Minayo, M.C.S. 2001. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 18a edição. Petrópolis: Vozes.
- Moreno, I.B.; Danilewicz, D.; Tavares, M.; Ott, P.H.; Machado, R. 2009. Descrição da pesca costeira de média escala no litoral norte do Rio Grande do Sul: comunidades pesqueiras de Imbé/Tramandaí e Passo de Torres/Torres. *Boletim do Instituto de Pesca*, 35: 129-140.

- Moura, N.S.V.; Moran, E.F.; Strohaecker, T.M.; Kunst, A.V. 2015. A Urbanização na Zona Costeira: Processos Locais e Regionais e as Transformações Ambientais - o caso do Litoral Norte do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil. *Ciência e Natura*, 37(42): 594-612.
- Peralta, N.; Lima, D.M. 2012. Conhecimento científico e saberes tradicionais: sinergia ou tradução?. Trabalho apresentado no GT 17: Como re-conhecer os impasses do desenvolvimento e do ambientalismo. 28ª Reunião Brasileira de Antropologia.
- Perez *et al.* 2001. Ordenamento da Pesca de Arrasto no Sudeste-Sul do Brasil. *Notas técnicas, Facimar*, 5: 1-34.
- Peterson, D.; Hanazaki, N.; Simões-lobes, P. C. 2008. Natural resource appropriation in cooperative artisanal fishing between fishermen and dolphin (*Tursiops truncatus*) in Laguna, Brazil. *Ocean & Coastal Management*, 51(6): 469- 475.
- Queiroz, M.I.P. 1988. Relatos Orais: do "indizível" ao "dizível". In: Simon, O.M.V. (org). Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil). São Paulo: Edições Vértice, p.14-43.
- Pryor, K.; Lindbergh, J.; Lindbergh, S.; Milano, R. 1990. A dolphin-human fishing cooperative in Brazil. *Marine Mammal Science*, 6(1): 77-82.
- Rodolpho, A.; Eckert, C.; Godolphim, N.; Rosa, R. 1995. A experiência do Núcleo de Antropologia Visual – UFRGS. *Horizontes Antropológicos*, 1(2): 221-230.
- Rosa, A.R.; Zappes, C.A.; Di Benedetto, A.P. 2012. Etnoecologia de pequenos cetáceos: interações entre a pesca artesanal e golfinhos no norte do estado do Rio de Janeiro, Brasil. *Biotemas*, 25(3): 293-304.
- Sabino, J. 2009. Técnica e ética da fotografia do comportamento animal: dos pioneiros à era digital. *Oecologia Brasiliensis*, 13(1): 209-221.
- Sanches, R.A. 2004. Caiçaras e a estação ecológica de Juréia-Itatins. Histórico de ocupação no contexto político, econômico, social e ambiental do Vale do Ribeira. In: Marques, O.A.V.; Duleba, W. (org.). Estação Ecológica Juréia-Itatins: Ambiente Físico, Flora e Fauna. Ribeirão Preto, Holos Editora, p. 349-359.
- Sautchuk, C.E. 2014. Flor d'água: Fotografia e etnografia. *Revista de Antropologia e Arte*, 5: 1-15.
- Silveira, D.T.; Córdova, F.P. 2009. Tipos de pesquisa. In: Métodos de pesquisa. Gerhardt, T.E.; Silveira, D.T (org). Universidade Aberta do Brasil – UAB/UFRGS; Curso de Graduação Tecnológica – Planejamento e Gestão para o Desenvolvimento Rural da SEAD/UFRGS. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 120p.
- Simões-Lopes, P.C. 1991. Interaction of coastal populations of *Tursiops truncatus* (Cetacea: Delphinidae) with the mullet artisanal fisheries in Southern Brazil. *Biotemas*, 4(2): 83-94.
- Simões-Lopes, P.C.; Daura-Jorge, F.G. 2008. Os parceiros da sobrevivência: a interação entre botos e pescadores no Sul do Brasil. Florianópolis: Insular, 52p. il.
- Simões-lobes, P.C.; Fabian, M.E.; Menegheti, J.O. 1998. Dolphin interactions with the mullet artisanal fishing on southern Brazil: a qualitative and quantitative approach. *Revista Brasileira de Zoologia*, 15(3): 709-726.

- Soares, L.S. 2002. Imbé - Histórico/Turístico. 2ª edição. Editora Evangraf Ltda, Tramandaí. 111p.
- Strohaecker, T.M.; Fujimoto, N.S.M.; Ferreira, A.H.; Kunst, A.V. 2006. Caracterização do uso e ocupação do solo dos municípios do litoral norte do estado do Rio Grande do Sul. *Desenvolvimento e Meio Ambiente*, 13: 75-98.
- Tabajara, L. 1992. Aspectos da relação pescador-boto-tainha no estuário do Rio Tramandaí- RS. in: Concurso Botos do rio Tramandaí: trabalhos premiados. Prefeitura municipal de Tramandaí, RS, BR. p.17-49.
- Tassara, E.T.O.; Ardans, O. 2005. Intervenção psicossocial: desvendando o sujeito histórico e desvelando os fundamentos da educação ambiental crítica. In: Ferraro Júnior, L.A. (Org.). *Encontros e Caminhos: formação de educadoras(es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, p. 201-216.
- Teles, A. 2002. Sereias e Anequins: uma etnografia visual com um grupo de pescadores artesanais da Barra da Lagoa, Florianópolis. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social, Universidade Federal de Santa Catarina, 130 p.
- Thomson, A. 1997. Reconstituindo a memória: questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. *Projeto História*, São Paulo, 15: 51-71.
- Ximenes, S. 2012. Avaliação e monitoramento em projetos de Educação Ambiental: processo em constante revisão e aprimoramento. Monografia de Conclusão de Curso em Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- Zappes, C.A.; Andriolo, A.; Simões-Lopes, P.C.; Di Benedetto, A.P.M. 2011. Human-dolphin (*Tursiops truncatus* Montagu, 1821) cooperative fishery and its influence on cast net fishing activities in Barra de Imbé/Tramandaí, Southern Brazil. *Ocean & Coastal Management*. 22(54): 427-432.
- Würsig, B.; Würsig, M. 1977. The Photographic Determination of Group Size, Composition, and Stability of Coastal Porpoises (*Tursiops truncatus*), *Science*, 198: 755-756.

7. Anexos

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de meu trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Biológicas da UFRGS que tem como título “**Pescadores e botos: histórias de uma conexão em rede**”.

Neste trabalho desejo resgatar a importante relação que vocês pescadores têm com os botos da Barra por meio de imagens e histórias de vida que irão compor uma exposição fotográfica. Esta exposição irá circular por vários estabelecimentos dos municípios de Imbé e Tramandaí e espaços educativos da Universidade (UFRGS).

Sua participação será cooperar comigo na escolha de fotografias que registrem e representem você em seu ambiente de trabalho (autorizando assim o uso de sua imagem), além de me contar um pouco de sua história e trajetória de vida como pescador na Barra do Rio Tramandaí. O objetivo desse projeto é trabalhar junto com você para que os moradores e os veranistas do Litoral Norte conheçam e valorizem os pescadores artesanais de tarrafa.

Você tem liberdade de se recusar a participar e pode desistir de participar em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para você. Sempre que quiser você poderá pedir mais informações sobre esse trabalho, através do contato que se encontra ao final deste termo.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos usados oferece riscos à sua dignidade, todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Caso você queira participar, pedimos que assine seu nome a seguir.

Concordo em participar.

Assinatura

Agradecidos por sua colaboração.

Pesquisadora: Elisa Berlitz Ilha

Estudante de Ciências Biológicas - UFRGS

Responsável: Ignacio Benites Moreno
Coordenador do Projeto Botos da Barra
CECLIMAR - UFRGS

Orientadora: Eunice Kindel
Professora Associada
Depto. de Ensino e Currículo - UFRGS